

REVISTA DA SEMANA

N.º 19

8-5-48

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL



**NINGUEM DIZ... MAS
JÁ PASSEI
dos 50!**



*Esta senhora previdente preferiu,
aos produtos vulgares, a Quina
Petroleo Malibú! E hoje mostra,
na beleza irradiante dos seus
cabelos, os efeitos maravilhosos
da pilocarpina, composição
mágica da Quina Petroleo
Malibú!*

**SEJA A SENHORA TAMBEM
DAS QUE FICARÃO NOS 50!**

*Com uma simples apli-
cação diaria, após o ba-
nho, a Quina Petroleo
Malibú elimina a cas-
pa e evita a queda
dos cabelos.*



**MEDALHA
DE OURO
DI FERIA NA-
C OVAL DE
IN' US-
THIAS**

Malibú
quina petroleo

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÔAS CASAS DO RAMO

UMA ESTRELA DO NORTE E OUTRA DO SUL

SEMPRE tive vontade de falar sobre Alda Garrido. Mas falar sem pressa, principalmente sem ter interlocutor, que, a pretexto de concordar, lembrasse outras artistas. Nada disso. Se alguém tiver que lembrar outras artistas, lembrarei eu mesma. E vocês que não vão poder responder na hora, ficarão escutando, porque hoje é o meu dia de dizer o que penso sobre ela. Primeiro, sobre o poder de comunicação. Esse misterioso poder que só os artistas de verdade possuem. Poderia dizer assim: que, quando ela entra em cena, no mesmo instante se estabelece uma corrente entre o público e sua pessoa. Com certeza, no futuro, os cientistas terão descoberto que poder é esse, de forma que o adjetivo "misterioso" terá que sair da circulação. É possível que seja força hipnótica. Também pode ser uma eletricidade particular. Quem é que pode saber o que se irradia de uma pessoa, quando essa pessoa é artista? Enquanto não fica explicado, posso usar o meu "misterioso" sem constrangimento. Muita gente se esforça para fazer essa ligação entre sua pessoa e o público. Mas não acontece nada. Tenho visto gente culta, pisando certo, gesticulando certo, sabendo o papel na ponta da língua, tudo em vão. Ligação interrompida. Mas, quando Alda pisa o palco, as luzes se acendem. Dá contacto. Na mesma hora. Se Alda está sabendo o papel, ou se está agindo como uma menina que estudou a lição, o público aprova. Se Alda se esquece, se improvisa no meio, se vacila, acontece uma coisa estranha. O público sabe que ela está saindo fora daquilo que ficara combinado no ensaio. Não se irrita. Não reprova. Pelo contrário. A comunicação é tão grande que o público entra num conchavo com ela e fica cúmplice.

Só duas artistas eu vi até hoje arrebataram o público com uma cena muda. Uma foi Billie Burke em "This Rock", peça de Walter Faust, passada na Inglaterra, durante a "blitz". Nessa peça, onde é mostrada a determinação com que os ingleses de todas as classes enfrentaram os momentos mais duros da guerra, Billie Burke fazia uma "lady" que, por força das circunstâncias, pela primeira vez na vida pisava numa cozinha. E ia preparar um almoço. Billie Burke esmagou completamente o público sem dizer uma só palavra, quando sentada, repleta de dignidade, começava a descascar uma batata. A seriedade, a inocência, a responsabilidade com que ela enfrenta aquela batata, são coisas que jamais poderei esquecer.

Outra artista foi Alda Garrido. Lembro-me com muita nitidez da impressão que me causou quando, no meio de um monólogo, suspendia por completo a linha de conversação e começava a catar uma pulga. Os espectadores se esqueciam do que ela estava falando. Concentravam-se na busca. A ansiedade, cortada pelo ar de encabulamento de Alda Garrido, era tão verdadeira, que nem sei descrevê-la. Parecia que se desculpava e, ao mesmo tempo, sem dizer uma palavra, usando somente o seu poder de artista estava declarado: "Tenho que pegar esta maldita pulga de qualquer maneira". Uma delícia.

Vejo agora que Billie Burke e Alda Garrido têm outra coisa em comum. Billie Burke se especializou em mulheres inconsequentes. Faz, como ninguém, a "lady" frívola, enrolada em "chiffons" e peles caras, capaz de dissertar uma hora sobre a maneira correta de se calçar uma luva. Alda concentrou suas pesquisas sobre roceiras. Conseguiu extrair toda a essência do tipo. De tal forma absorveu-lhes os "tiques", os gestos, a mentalidade, que dificilmente uma outra atriz poderá ir beber nessa fonte. Terá que usar observações de segunda mão. Ela está de posse de tudo e esgotou o bebedouro. Creio que a esta altura, ninguém mais tem dúvida sobre a admiração que voto a Alda Garrido, de forma que está na hora de entrar com a minha reclamação. Não compreendo que Alda, por vezes condescenda em aceitar em sua companhia gente que não pode contracenar com ela. Quando isso acontece, os outros artistas parecem estar em cena por equívoco. Que tal coisa suceda com artistas que estão fazendo tentativas, está muito bem. Mas com uma "estrela" da classe de Alda Garrido, não. Um diálogo de Alda Garrido com um ator de sua companhia é quase sempre um duelo desigual. E me dá a impressão de um avião quadrimotor apostando corrida com um "teco-teco".

Outra coisa é o preconceito que ela tem contra seu próprio talento. Parece que agora já quer fugir de mostrar o virtuosismo com que faz roceiras. De certo modo ela me lembra Raymundo Correia na sua raiva contra o sucesso das "Pombas". Alda entra em luta artística consigo mesma. E passa a apresentar granfinas muito sofisticadas. Mas mesmo aí acontece aquilo a que já me referi. O público comparece com velha cumplicidade e recebe-a com a satisfação de sempre. A macumbinha pessoal de Alda resolve o problema. De minha parte, não gosto muito quando ela sai do seu gênero. Mas, que é que hei de fazer? Também vou no arrastão. Sou espectadora como qualquer outra, sujeita ao sortilégio. Quando vejo, estou aplaudindo muito, mas muito mesmo. Como todo mundo...

LUCIA BENEDETTI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO

- Uma estrela do Norte e outra do Sul (Lúcia Benedetti) 3
D. Pedro II perante a história (Umberto Peregrino) 37

BIOGRAFIA

- A vida do profeta Isaías (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 39

CARICATURA

- Bom humor 10/41

REPORTAGENS

- Onde não se especula com o ensino! (Ney Machado e A. Vieira) 6/10
Três dias e três noites de morte e destruição (Joel Silveira) 11/14
A ferrovia que desbravou o Oeste (Adalberto Mendes) 18/29
A democracia avança suas fronteiras" (Mario Bonardi - France Presse) 30/36

CONTOS

- A menina da ilha (Jorge A. Fortes) ... 15
Uma corrida de touros no Sabugal (Abel Botelho) 16/17

SEÇÕES PERMANENTES

- A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Gente de Rádio 38
Vida Literária 42
Música 52
Cancioneiro Internacional 53
Pelas estradas do céu... 56

SUPLEMENTO DA MULHER

- Nos bastidores femininos (Kitty) 43
Blusas para a nova estação 44
Camisolas de noite 45
Noivas 46
O espírito feminino através dos tempos 47
Muro das lamentações 49
Mães e filhos (Zóia de Laet) 48
A personalidade da semana (Sarah Marques) 50
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 51

FOLHETIM

- "A mulher de Mike" (Benedict e Nancy Freedman-John Crosman) 57/58
Ilustrações de Armando Pacheco e Abelardo Zaluar

NOSSA CAPA

Figura hoje em nossa capa a popular artista e bailarina ANN MILLER, que temos visto em inúmeros filmes, entre os quais "Do mundo nada se leva". Ainda há pouco apareceu ela em um filme de ambiente carioca. Presentemente trabalha na Columbia Pictures.



a Semana em Revista

O IDEAL POLÍTICO E A FIDELIDADE PARTIDÁRIA



Registraram-se, nos últimos dias, acontecimentos bastante singulares, no panorama político nacional. Um desses acontecimentos foi a conversão de um governador de Estado, o sr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, que além de homem público cultiva o convívio das musas, como mavioso poeta que é, — às hostes políticas do P. S. T., o partido político de que o senador Victorino Freire é o chefe. A atitude do governador de Alagoas foi muito censurada, — e censurada publicamente, em entrevista dada à "Noite", pelo irmão do governador, senador Isnard Góes Monteiro, que declarou que o verdadeiro partido do chefe do executivo alagoano é o partido do "ego". Concomitantemente, o P. T. B. apresentava na Câmara dos Vereadores do Distrito Federal uma carta do vereador Levy Neves, hoje secretário do Interior da administração carioca, renunciando à sua cadeira na famosa Gaiola de Ouro. Tratando-se de um documento que o P. T. B. exigira do sr. Levy Neves quando este era ainda candidato e tendo o mesmo vereador, posteriormente, abandonado aquele partido, afirmando que o fazia sem a intenção de renunciar ao mandato, retirando a renúncia anterior e proclamando-a não válida e despida de qualquer ânimo nesse sentido, o presidente da Câmara de Vereadores, sr. Jorge de Lima, disse que não a julgava hábil e, por isso, deixava de convocar o suplente do sr. Levy Neves, como desejava o P. T. B. Estamos diante de situações de fato, as quais sugerem, antes de mais nada, alguns raciocínios referentes à lei Eleitoral e às intenções dos legisladores que a elaboraram. Essa lei está sendo reformada, mas não podemos saber até que ponto a reforma remediará a situação. O fato é que, no presente

sistema eleitoral, não se podem apresentar candidatos avulsos ou independentes. Os candidatos têm de ser apresentados em nome de partidos, — partidos que tenham um programa aceito como bom e uma organização legalmente reconhecida. Para esse reconhecimento, ou seja, para o seu registro, os partidos têm que satisfazer formalidades várias, especialmente uma: a de provarem que representam uma expressão de um numeroso corpo eleitoral. Ora, se os candidatos pertencem aos partidos, — e inclusive, por essa lógica, foram cassados os mandatos dos representantes comunistas, — os deputados, senadores e vereadores também devem pertencer. Se estes servem mal, se desrespeitam os programas dos partidos, se são insubmissos à disciplina partidária, deve ser lícito aos partidos exigir deles a cadeira que estão ocupando, mesmo porque os eleitores não os elegeram pelos seus lindos olhos, mas pelos ideais políticos ou pelos programas que abraçaram. Se, depois de eleitos, esses representantes se desgarram, mudam a bel-prazer de cadeira que estão ocupando mesmo porque os eleitores não os elegeram pelo partido, exercem atividades opostas aos princípios das próprias organizações partidárias que os elegeram, então não vemos porque a exigência de serem os candidatos apresentados em listas partidárias. Podiam, nesse caso, ser apresentados avulsamente, como independentes, de vez que podem ter atuação independente dos próprios partidos que, de boa fé, os elegeram. No caso dos governadores, o que parece próprio, entretanto, é que estes, uma vez eleitos, procurem se afastar da atividade puramente partidária, administrando acima da política, com o aproveitamento de todos os valores úteis. Não se pode exigir submissão total, subordinação absoluta a um partido, mesmo porque o governador poderia se tornar um prisioneiro dos interesses partidários, ou mesmo dos grupos dirigentes, que poderiam explorar-lhe as fraquezas em sentido oposto ao interesse público. Mas será isso possível, enquanto no Brasil se pensar em fazer a "política dos governadores" e se colocar dentro desse quadro problemas como o das sucessões presidenciais? De uma forma ou de outra, a lei eleitoral deve ser mais precisa e clara, a respeito de tais assuntos, — assuntos que exigem corajosas e amplas definições.

OS JORNALISTAS, PROFESSORES E ESCRITORES, PERANTE O IMPÓSTO DE RENDA



Já por duas vezes os jornalistas, professores e autores se vêem ludibriados num direito que lhes assiste, que lhes é dado e que depois, à última hora, eminentes fiscais do governo lhes usurpam, sob o pretexto de que eles, os fiscais, são os verdadeiros intérpretes daquela lei. E' o caso da isenção de impostos sobre os nossos vencimentos, parcos vencimentos, é bom que se esclareça. Na Constituição de 1937 tivemos a graça do senhor Getúlio Vargas que nos eximiu de tal. Rezava o art. 113 daquela Constituição outorgada: — "Nenhum imposto gravará diretamente a profissão de escritor, jornalista ou professor". Como naquele tempo as autoridades fiscais eram onipotentes, resolveram interpretar que imposto sobre a renda não era tributo direto e como no artigo dizia direta-

mente, zás! passaram a cobrar dos professores, jornalistas e escritores imposto sobre a renda, isto é, sobre os seus mínguados salários. Veio a nova Constituição e também nessa, por artigo que se fez lei, ficamos isentos de todos os impostos que viessem recair sobre os ordenados e direitos autorais. Mas os iluminados fiscais da Fazenda não se conformaram. Acharam um meio de sofismar. Não podendo cobrar mais o imposto sobre a renda total, passaram a exigir o pagamento do imposto complementar, anexo ao mesmo tributo. Quer dizer: ficamos livres do imposto celular, mas não do complementar. Separaram, não se sabe porque, duas taxas correlatas integrantes de um mesmo elemento de tributação. A Lei nos livra de uma, mas não de outra, dizem os exegetas fazendários. Mas, por que? Ninguém sabe. Talvez nem mesmo os messias das novas interpretações. Foi preciso que um homem culto, de bom senso e justiceiro, o Juiz da 1.ª Vara da Fazenda, doutor Elmano Cruz, sentenciasse claramente sobre um processo em que o réu pedia a anulação desse tributo. Disse textualmente o Juiz Elmano Cruz: — "Nenhum imposto (expressão textual do artigo constitucional), quer dizer: imposto de espécie alguma, imposto seja ele qual for, imposto de qualquer natureza". Explicação mais meridiana, mais primária, é impossível. Se os fiscais não compreenderem isso, então só há um remédio: interná-los na escola pública.

DISPUTANDO AQUILO QUE NOS SOBRA



Um caso vergonhoso, pelo ridículo, pela inoportunidade e pelo anti-patriotismo, surgiu na quinzena passada com a disputa, ou melhor com a contenda, de um pedaço de chão brasileiro por dois Estados: Minas e Espírito Santo. A história começou com as arruaças de um sargento mineiro que "invadiu o território" capixaba. Coisa sem importância, como fizemos ver há sete dias na seção "O Mundo Marcha". Mas o fato agravou-se, tomou feição política, e, insuflado, ao que parece, por alguém atrás dos bastidores, pretende deixar de ser uma rixa entre bons vizinhos para se tornar um caso entre alguns milhões de brasileiros, todos irmãos, sofrendo as mesmas misérias e esperando graças idênticas, mas que por motivos político-geográficos se chamam mineiros e espiritosantenses... A pendência prende-se, segundo cremos, a dois laudos diversos que demarcaram, cada um a seu modo, a linha divisória entre os dois Estados. O primeiro, de 1914, não favorece o Espírito Santo; o segundo, de 1947, não favorece Minas Gerais. Devido a esse arbítrio, feito por brasileiros para brasileiros, políticos matreiros insinuam que as populações fronteiriças devem até pegar das

armas para repelir a afronta. Que afronta? O tema por si mesmo é absurdo, quando se pensa que daria causa a uma resolução armada. Absurdo, embora, não é inverídico. O senhor Carlos Lindberg, operoso governador do Espírito Santo, tem se mostrado exaltado e chegou a declarar que "até pela força das armas, e mesmo que seja preciso uma luta de ensanguentar as populações daquela zona, estava resolvido a pôr termo à contenda". Num país de juízo, governador que dissesse semelhante coisa ficaria comprometido perante a opinião nacional. Encerraria sua carreira de homem público. O senhor Milton Campos mostra-se mais cauteloso e já pediu ao governo federal uma solução, através de uma junta conciliadora, enfim qualquer coisa para resolver o impasse. Apesar disso, não ordena a retirada das tropas mineiras da zona contestada. Dizem os boatos políticos que toda a trama teria sido preparada em razão de rivalidades partidárias, em torno da sucessão presidencial, sendo os seus fomentadores pessoas interessadas em desprestigiar o governador mineiro. Se o senhor Milton Campos intervier, pró ou contra os capixabas, ficaria sendo olhado desfavoravelmente por uma grande parte do eleitorado. E' um caso em que não se pode contentar a ambas as partes. Felizmente essa intervenção até agora não se deu. Se o governador Carlos Lindberg está fazendo o jogo dos adversários do sr. Milton Campos, nós não sabemos. De qualquer forma é profundamente ridículo e lamentável o incitamento dos brasileiros à luta fratricida. E brigar por terras, coisa que nos sobra em qualquer unidade federativa nacional, desde o Estado do Amazonas ao menor dos nossos territórios, seria positivamente uma insensatez.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 19 — 8-5-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples, Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1913; Portaria: 22-5802

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Balduino, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brizante, 618 — 9.º andar, sala 917 — Telefone 4-4718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

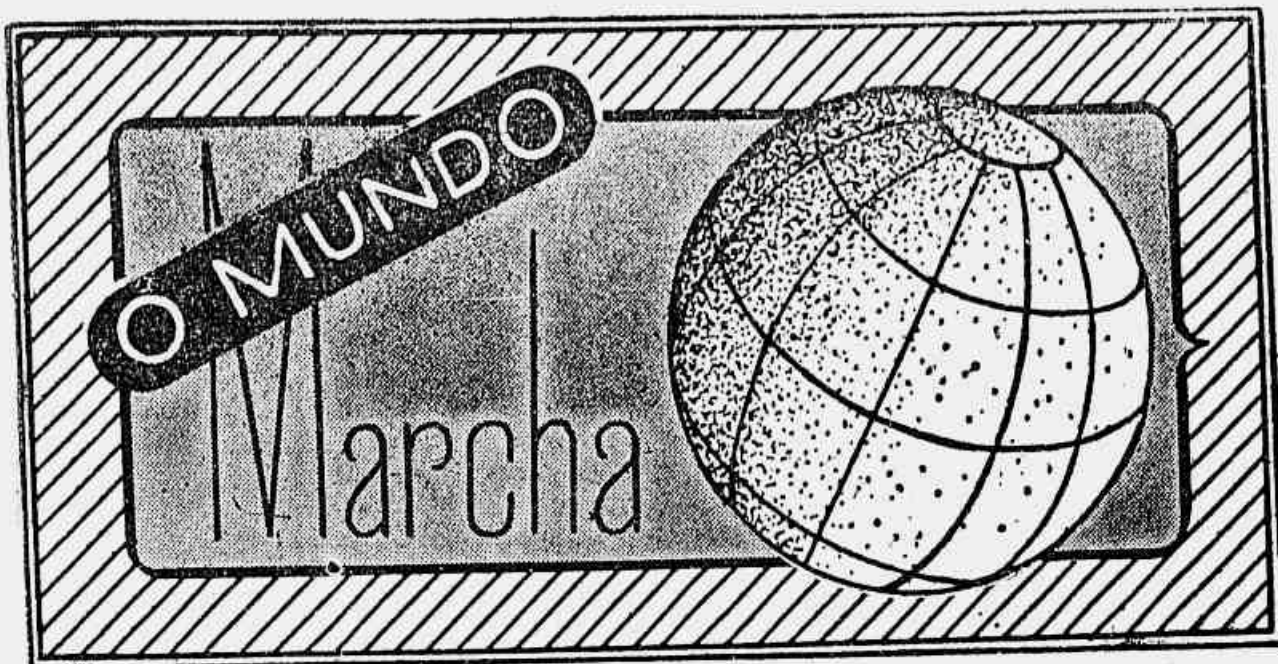
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



COMEÇOU oficialmente a guerra entre o mundo árabe do Médio Oriente e os judeus da Palestina com a declaração bélica feita na noite de 26 próximo passado pela Transjordânia. Este país e mais a Síria, o Líbano e o Iraque tinham prontos 40.000 homens para o ataque. Enquanto isso, combates menores se travam dentro da Terra Santa. Os judeus se apoderaram de Haifa, e os árabes fizeram cair as muralhas de Jericó. Afinal, esta é a esperada Terceira Guerra Mundial ou apenas o aperitivo?... Enquanto se encerra a Conferência de Bogotá com o pacto unânime de combate cerrado e acirrado ao comunismo (parece que este foi o único objetivo da Conferência) os noivos russos protestam junto às autoridades casamenteiras da URSS contra a burocratização do casamento. Estão enjoados do simplismo das bodas (um retrato, um carimbo e "estão casados"). Querem a volta das flores de laranjeiras e da chuva de arroz. Cupido vence Stalin na primeira batalha... Os doutores Philip Bard e Vernon B. Mounstcastle anunciaram perante a reunião da Academia Nacional de Ciências, em Washington, que descobriram um método de suprimir para todo o sempre a ira e seus efeitos no homem, bastando para isso a extração de uma certa parte do cérebro que eles denominaram de "neocortex". Cortado este, os homens ficam brandos e suaves como certos rapazinhos que conhecemos. Que tal se aprovássemos uma lei mandando extrair o "neocortex" das nossas sogras?... Em Calcutá irrompeu uma trindade devastadora; a peste bubônica, o cólera e a varíola, matando cinco mil indus em sete dias... Foi fechada pela polícia do Piauí a Rádio Teresinense. Ao que consta, a violência policial foi levada à efeito porque a estação irradiaria matéria considerada pelos censores oficiais como sendo "propaganda comunista". O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas quis adquirir um luxuoso edifício para sua instalação. O general Dutra desautorizou a compra e mandou que o Instituto fosse primeiro tratar de construir casas baratas para os seus milhares de associados. Fez muito bem, general! Chega de farol... Vai aparecer brevemente um novo jornal no Rio, "O Sol", dirigido pelo ex-embaixador brasileiro na Espanha, Abelardo Roças. "O Sol" pretende apoiar a política do ex-ditador Getúlio Vargas, já no ocaso de sua carreira... e também a do general Franco. Que programa! O deputado pesadista Acúrcio Torres, líder da maioria na Câmara, anda se movimentando, falando, cabalando e propagandeando a favor do aumento dos funcionários civis e militares. Parece que o aumento sai mesmo. Mais felizes são eles do que os jornalistas. Estes não tiveram patrocínios dessa espécie... Faleceram a semana passada os compositores Gerardo Matos Rodrigues, autor de "La Cumparsita" aos 17 anos, e atual criador de cavalos, e Manoel Ponce, autor de "Estrelita"... No Rio, faleceu a senhora Maria Augusta Rui Barbosa, viúva do grande brasileiro. O engenheiro Renato Felo, por não ter dado solução aos problemas da Central do Brasil, foi destituído da chefia desta e mandado dirigir a pequenina E. F. Santos-Judaiá. O diretor desta, gal. Dorival de Brito e Silva, veio dirigir a Central. Que lá o senhor Felo não compre locomotivas mais largas que os túneis... Em Salvador um rapaz beijou à força uma "morena" que passava na rua Chile. A moça reagiu, deu no D. Juan e este puxou-lhe os cabelos, tendo-lhe arrancado de uma só vez a cabeleira que era postíça. A vítima caiu em prantos. Atenção, senhoritas! Não reajam tanto assim a um beijo, se tiverem cabelos postíços... Antes disso do que a vergonha de ficar com a calva à mostra... No Rio existe uma empresa que coloca (promete, pelo menos) qualquer candidato a emprego. Basta pagar dez cruzeiros de inscrição e dez por cento do primeiro ordenado. O curioso é não ter até agora o diretor da empresa arranjado para si um bom emprego... A Prefeitura de São Paulo classificou por ordem alfabética todas as mercadorias sujeitas ao fisco. As da letra A — consideradas de primeira necessidade — quase não pagam imposto. Estão na letra A (não calam da cadeira): o "abat-jour", a bengala, o cachimbo, a almofada, a ficha de jogo, os artigos de carnaval, a cerveja e outras "utilidades". Entre as que pagam pesado imposto — consideradas prescindíveis, ou talvez quem sabe, apenas toleradas — estão o livro e as pensões de mulheres de vida airosa. Naturalmente o autor dessa monstruosa catalogação deve ser analfabeto e impotente... O general Dutra pretende reformar o ministério, trocando todos ou quase todos os ministros. Será o terceiro ministério de s. exclam... Dizem os oposicionistas: "Ele tanto muda de ministros que é capaz de acabar acertando". Mas é maldade. Há alguns bons ministros, dignos de serem conservados. A senhora Harold Howe, de Detroit, pediu divórcio, alegando que seu marido ultimamente decidia no baralho as relações conjugais. Se saísse a dama de copas, seria ela; se saísse a de páus, seria uma sua amiga. Naturalmente o marido vai protestar, argumentando que há muito tempo ele não era em casa nem valete nem rei. Virara um inútil dois de páus... Em razão dos rumores sobre o tratamento pouco humano que a Polícia Política tem dado aos presos, homens e mulheres, comunistas ou não, a Câmara instituiu uma comissão de deputados com encargo de inspecionar os xadrezes da capital. Fazem parte os parlamentares: José Maria Alkimim, Brígido Tinoco, José Bonifácio, Aureliano Leite e Carlos Valdemar. O ditador Oliveira Salazar promoveu no dia 28 do mês passado as comemorações do 20.º aniversário da ditadura portuguesa... O ministro das Relações Exteriores da Argentina, Juan Atilio Bramuglia, passou pelo Rio, de volta da Conferência de Bogotá... Iniciou-se na paulicéia o Primeiro Congresso Paulista de Poesia. Ora, direis, ouvir poetas... Na Câmara, o deputado Hermes Lima combateu com muito acerto o projeto que pretendia dar ainda mais "facilidades" para a obtenção do certificado de conclusão do curso ginasial, inclusive a menores de 17 anos. O senhor Barreto Pinto entrou no recinto no final do discurso e fez sem mais aquela violento ataque às razões do ponderado deputado Hermes Lima. Quem sabe se o senhor Barreto Pinto pretende aproveitar as facilidades para a obtenção de mais um diploma?... A Comissão Executiva da UDN manifestou-se contra a eventual adoção de medidas excepcionais pelo governo, como o estado de sítio, visto não haver possibilidade de fazê-lo de um modo constitucional, dadas as condições reinantes. Já disse um filósofo que com estado de sítio qualquer um governa... De acordo com os relatórios do IBGE, o Brasil colheu no ano passado dez por cento da produção mundial de arroz e quase isto da produção acucareira. Apesar de tal milagre, o arroz no Rio é escasso e caro. De outro lado temos uma estatística alarmante: em 1932 apenas um quarto da população brasileira morava nas cidades; hoje, mais da metade habita os centros urbanos. Da maneira que vai esta marcha para o este, nós estaremos brevemente morando em Dakar, Costa do Ouro e outros lugares além do Atlântico... A estação teatral no Rio está excelente: Bibi Ferreira encena um original seu, "Bendito entre as mulheres"; todos os teatros da Praça Tiradentes funcionam; o Municipal revive com grande sucesso a ópera, "Medéia" está no Ginástico; "Anjo Negro", no Fenix; "Águia de duas cabeças" no Regina e Jaime Costa torna a apresentar o seu papel máximo como D. João VI na peça "Carlota Joaquina", no Gloria... Por hoje é só. O 1.º de Maio passou, apesar de tudo... até sábado...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêsso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Cartas á redação

A propósito de nossa última reportagem, sobre a catástrofe de Deodoro, recebemos a seguinte carta, acompanhada da importância de dez cruzeiros: "Rio, 29 de abril de 1948 — A REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Nesta — Amigos e Senhores. — Como tantos outros milhares de leitores da REVISTA demorei os olhos nas páginas que contiveram, no último número, a reportagem de Ney Machado, intitulada "50 homens que salvaram milhões".

Como tantos outros milhares de leitores, também, ao fechar a REVISTA, passei em memória os extraordinários débitos que temos para com os gloriosos Bombeiros desta cidade. E, à medida que revivia os feitos desassombrados dos soldados do fogo, procurei fixar um ponto de referência para, consolado, verificar que, aos bravos, já tínhamos testemunhado de forma honrosa, iniludível, concreta, a nossa gratidão.

Então, para o meu espanto e perplexidade, verifiquei não existir no Rio, sequer uma placa, logradouro, ou monumento, por modesto que fôsse, que lembrasse aos Bombeiros a gratidão do Rio.

A cada incêndio ou tragédia coletiva que nos assola, e após a intervenção dos Bombeiros, é certo que a Imprensa, unânime, destaca em suas fôlhas a bravura inextinguível desses abnegados militares, porém, passado o eco das últimas ordens de recolher ao quartel as suas viaturas, tornamos a ver nos Bombeiros os homens do "dia a dia".

Olhei mais uma vez para a REVISTA, e, abrindo-a, reli o tópico da reportagem desta semana "50 homens que salvaram milhões".

Na expressiva singeleza das frases que compuseram o trabalho do seu redator, todo um hino de glória foi tecido aos "nossos" Bombeiros. Com a tragédia de Deodoro o nosso débito para com eles se tornou enorme, e quem leu com o coração os comentários da nossa Imprensa sobre o trabalho desses heróis, sentiu que os elogios feitos ainda estão muito longe de constituírem a paga que merecem receber.

Sugiro, pois, à REVISTA DA SEMANA, patrocinar, avocando a si a paternidade da idéia, de ser iniciado um movimento popular, no qual o comércio seria chamado a colaborar junto ao "homem da rua", no sentido de ser instituída no mês de Maio entrante, digamos, entre 10 e 15, a "semana do monumento do Bombeiro do Rio".

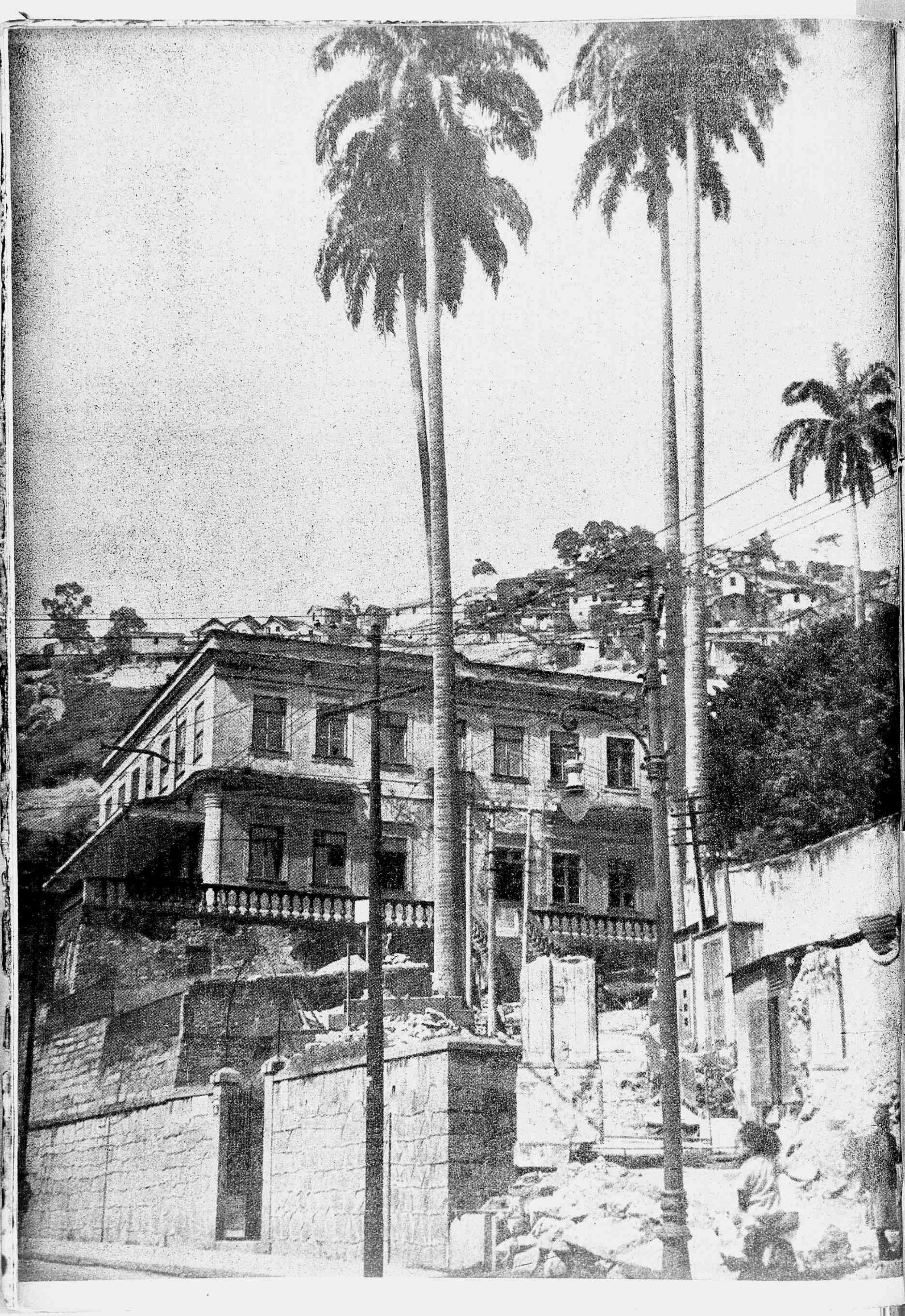
Nessa semana, todo o cidadão do Rio, carioca ou não, brasileiro ou estrangeiro, colocaria o seu óbulo na redação da REVISTA, para a ereção de um monumento que, se possível, seria inaugurado em praça pública no dia 2 de Julho deste ano, quando, a Corporação comemorará mais um aniversário. Feito o apelo pela REVISTA, e sendo o mesmo lido por comerciantes e industriais do Rio, os mesmos solicitariam a essa redação, o envio de uma "lista de adesão" junto a cartaz alusivo ao empreendimento que, salvo erro meu, a REVISTA poderia imprimir, colaborando assim com o seu quinhão nessa homenagem.

Assim, na semana de 10 a 15 de Maio, ao fazer suas compras, o carioca, sensível por natureza e bom por temperamento, depositaria, na lista do estabelecimento comercial visitado, a sua contribuição singela ou generosa, conforme as suas posses, certo de que, ao fazê-lo, estaria resgatando a "sua" dívida particular para com os homens de farda caqui e cinturão vermelho.

A todos que não se acanhem de proclamar seus lucros extraordinários, aos comerciantes que sentem calafrios ao saberem que no seu quarteirão há incêndio, aos empresários industriais que dormem em sossêgo enquanto os Bombeiros velam na noite fria, aos pobres das Favelas, que os Bombeiros salvam seus casebres e vidas, aos estrangeiros, que vindo de outras terras se admiram do heroísmo frio e firme dos nossos soldados do fogo, a todos enfim, homens, mulheres e até crianças desta radiosa e generosa cidade, lançamos o apelo para que "SE FAÇA JUSTIÇA A QUEM A MERECE".

Poemas aos Bombeiros, em praça pública, com a rossa subscrição espontânea e sincera, com o nosso dinheiro, que nos custe ou seja fácil ganhar, um monumento à sua bravura, ao seu devotamento a profissão, à sua fidelidade ao juramento feito, enfim, ao

(Cont. na pág. 56)



AQUI NÃO SE ESPECULA COM O ENSINO!

UMA ESCOLA QUE SE PRONTIFICOU A RESOLVER O PROBLEMA DA FAVELA — UM OASIS DE ENSINO E DIVERTIMENTO DENTRO DO ABANDONO E DA MISÉRIA DO BAIRRO POPULAR — VINTE E CINCO CRUZEIROS, A MENSALIDADE QUE DEVERÁ SER AINDA MENOR — MIL E SETECENTOS CRUZEIROS, O LUCRO ANUAL — SALAS DE AULA SEPARADAS POR SIMPLES CORTINAS DE PANO

Reportagem de
NEY MACHADO

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

HÁ quarenta e dois anos nasceu no Rio uma escola onde não se especula com o ensino e que tem como admirável finalidade educar e socializar a infância semi-abandonada do morro da Favela. Edificou-se ao sopé daquele morro, junto ao atual túnel João Ricardo. A Favela tem sido, desde o princípio do século, um símbolo de miséria e de abandono. O governo acostumou-se a ver naquele amontoado de casebres um cancro social, um reduto de criminosos e desordeiros. A Polícia era a única presença do poder público que se notava lá por cima. Mas em 1906 um benemérito educador norte-americano, aqui radicado e amando sua nova Pátria, equacionou de outro modo

o problema do morro, proclamando que só um fator poderia resolver todo o problema. Este fator seria a educação dos favelaíros. Para isto fundou, na maior parte com os seus próprios recursos, a escola que se chama hoje Instituto Central do Povo. Para nós, haveria um nome mais simples e perfeito: por exemplo, Escola Social da Favela. O importante é que a escola foi fundada e durante muitos anos, até bem pouco, teve à sua frente a figura de seu fundador. Infelizmente tivemos a impressão de que o educandário atual está perdendo um pouco a sua antiga finalidade: educar a Favela. Não perdeu de modo algum o seu interesse em educar em um sentido geral. As suas virtudes são bem

O senhor H. C. Tucker, fundador e inspirador da escola recebeu em 1937, das mãos do embaixador William Pawley, dos Estados Unidos, uma homenagem que os seus compatriotas mandavam ao grande educador. O senhor Tucker tem hoje noventa e três anos e continua fazendo parte do Conselho Deliberativo do educandário.

maiores do que esse pequeno defeito, se é que ele existe. Mas vamos por partes.

A ESCOLA DE ONTEM E DE HOJE

O pioneiro do ensino para as populações dos morros, o homem que em 1906 fundava a pequena escola da Favela, foi o educador H. C. Tucker. Mr. Tucker

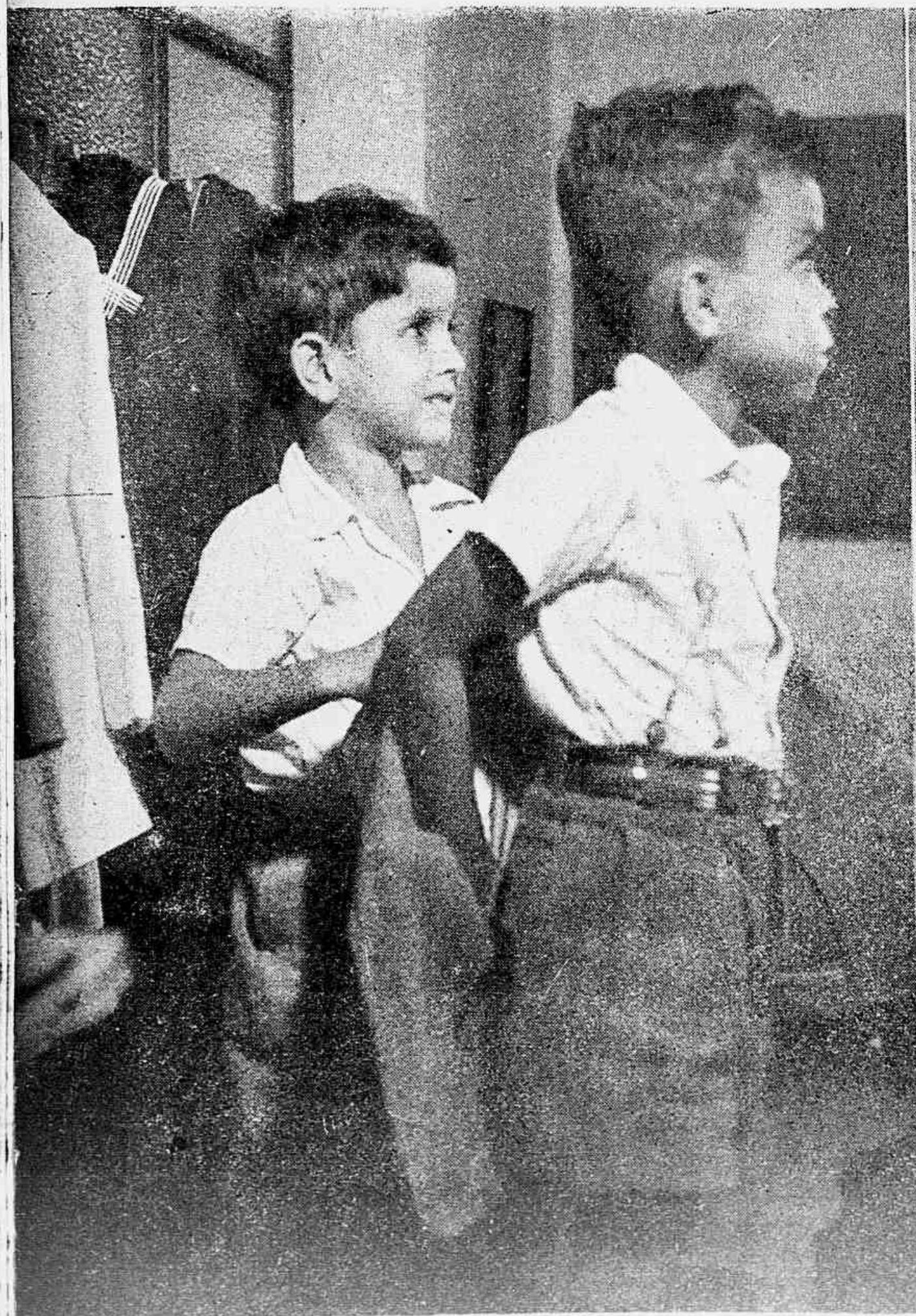
viu sua obra crescer dia a dia, e dois governos, o norte-americano e o nosso, reconheceram a grandeza da obra que ele vinha levando a cabo. Em 1944 o ministro Osvaldo Aranha agraciou-o com a Ordem do Cruzeiro do Sul, e três anos mais tarde o embaixador dos Estados Unidos entregava-lhe uma recordação ofertada pelos seus concidadãos. A frequência de alunos dos vários cursos no Instituto Central do Povo, atualmente,

Na página ao lado: Esta escola enervada no sopé do morro da Favela tem quase meio século de existência. Seu destino é fazer dos garotos do morro e dos bairros próximos, bairros pobres e esquecidos, homens úteis a esta mesma sociedade que hoje os ignora. Em baixo: parte de uma das salas de aulas da escola. As paredes estão esburacadas, as janelas são substituídas por velhas telas de arame. Apesar de todo o desconforto material, abnegadas professoras lecionam a centenas de alunos. Mais de mil pessoas frequentam diariamente as dependências do Instituto Central do Povo.





Esta página apresenta quatro flagrantes da meninada do Jardim de Infância. Tem atualmente quarenta e cinco alunos, cinco além da capacidade normal. Mais de trinta crianças aguardam que se dê uma vaga nesse departamento. O Instituto diante da ameaça de fechar suas portas por falta de verba, foi obrigado a aumentar o preço da mensalidade para vinte e cinco cruzeiros mensais. Isso fez o garoto pobre da Favela desaparecer dos bancos escolares. É preciso que as pessoas de recursos auxiliem-na, afim de que dezenas de cariocas voltem a receber instrução primária. O Instituto faz o que pode, é necessário que os leitores de boa vontade façam o resto.



atinge a mil pessoas por dia. A distribuição é a seguinte: curso primário, trezentos e cinquenta alunos; curso noturno, duzentos; Jardim da Infância, quarenta e cinco. O total é alcançado com a frequência de moças, senhoras e rapazes nos cursos de trabalhos manuais, arte culinária, biblioteca e departamento cívico. Os diretores do Instituto seguiram sempre a orientação do seu fundador quanto ao método de «educar, divertindo». No meio do bairro da Gamboa, onde não existe o menor vestígio de jardins públicos que possam servir de «play-grounds» à gurizada, os campos de futebol, vôlei e basquete do Instituto são um paraíso para os pequenos moradores do bairro. Sobre um ponto, apenas, temos que fazer uma ressalva. É sobre a ausência dos garotos dos morros, hoje em dia, nas salas de aulas e nos campos de esporte.

POR QUE A FAVELA NÃO COMPARECE

Vamos fazer de uma vez o nosso único reparo a esta instituição de benemerência. O principal escopo de Mr. Tucker, ao fundar a escola, era o de socializar e educar as crianças do bairro, mas principalmente do morro da Favela, que, pelas suas condições de miséria e abandono, pediam mais que as de qualquer outra zona as atenções do educador. E o Instituto durante muitos anos teve a superlotar suas salas os negrinhos das ladeiras. Acontece que, por motivos financeiros, talvez irremovíveis, a matrícula para os cursos, que era primitivamente de dois cruzeiros mensais, foi sendo paulatinamente aumentada. Passou a cinco cruzeiros em 1928 e essa importância foi cobrada durante muitos anos. Passou depois a dez cruzeiros e no ano passado deu um pulo para vinte e cinco cruzeiros mensais. É claro que estudar no Rio por tal quantia é de graça, em confronto com os preços dos colégios particulares e com o custo atual da vida. Entretanto, qual foi o resultado desses aumentos? Fizeram desaparecer dos colégios os filhos da lavadeira, dos lixeiros, dos graxeiros e de outras profissões humildes. Para esses, embora pareça incrível, vinte e cinco cruzeiros ainda são uma fortuna. E a escola perdeu assim a finalidade para que foi criada: a de educar e socializar o morro vizinho. Não perdeu a sua maior finalidade, a de ensinar sem ambição de lucro às crianças dos bairros próximos, gente de classe modesta, para quem a mensalidade de vinte e cinco cruzeiros por mês é um presente. Não deixamos de reconhecer isso, mas não podemos deixar de anotar, um pouco desapontados, que a vontade de Mr. Tucker está sendo modificada.

UMA ESCOLA QUE NÃO DÁ LUCROS

Dissemos já que estas medidas a respeito do aumento das mensalidades vêm sendo tomadas pela diretoria porque são o único meio de resolver as dificuldades financeiras da escola. O seu Conselho Deliberativo vê-se, periodicamente, obrigado a tomar tais deliberações sob pena de cerrar as portas do estabelecimento. A receita do Instituto Central do Povo é consumida até o último tostão com as

próprias necessidades da casa, sem que a mínima parcela seja separada anualmente para a conta de lucros ou dividendos. Pode-se bem avaliar isto, confrontando-se os saldos anuais e as descrições das despesas. Em 1945 a caixa do Instituto acusou um saldo no fim do ano de Cr\$ 2.321,00. Em 1946 o saldo foi de Cr\$ 3.935,30, e em 1947 foi de Cr\$ 1.700,00. E não houve gastos supérfluos nem ordenados fabulosos. O balancete de 1946 discrimina as seguintes despesas:

Impostos	Cr\$ 848,60
Seguros	Cr\$ 2.272,10
Professores	Cr\$ 98.200,00
Ordenados e gratificações	Cr\$ 80.195,40
Trabalho social	Cr\$ 9.963,50
I.A.P.C.	Cr\$ 17.765,80
Luz, gás e telefone	Cr\$ 12.190,80
Fornecimento escolar	Cr\$ 15.155,90
Consertos e reparos	Cr\$ 20.000,00
Despesas gerais	Cr\$ 38.028,10

Estas são todas as despesas de uma escola que ensina e educa mil pessoas por dia, e até alimenta algumas, fornecendo leite para os alunos do Jardim da Infância. Que poderá fazer para encontrar meios de aceitar alunos gratuitos, ou que paguem uma taxa mínima, de dois ou cinco cruzeiros mensais?

UMA DAS SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA

O único meio de ampliar a benemerência do ensino gratuito, ou quase-gratuito, aos filhos das famílias pobres, sem onerar ainda mais as matrículas, seria o ativamento de uma campanha permanente para obtenção de donativos. Não se pode esperar maior auxílio do Ministério da Agricultura ou do Governo Federal, pois este anda empenhado exclusivamente na luta de encontrar fundos para o aumento dos militares e do funcionalismo. No Brasil, as melhores obras são, em geral, criadas e mantidas por iniciativa particular. Este deverá ser o caminho do Instituto Central do Povo. Apelar com mais frequência e veemência para a bolsa dos abastados. A Light, por exemplo, podia deixar de cobrar o que vem cobrando... Pelo balancete de 1946 vimos que as contribuições oficiais (L.B.A. e Ministério da Educação e Saúde) atingiram a sete mil setecentos e quarenta e sete cruzeiros anuais. Os donativos particulares alcançaram a soma de setenta e seis mil cruzeiros, o que mostra que já constituem um fator muito mais ponderável que o auxílio governamental. E este deve ser o caminho certo. Uma outra instituição semelhante, a União das Operárias de Jesus, contando apenas com a caridade particular, educa duzentas crianças, desde o berço à idade adulta.

A COOPERAÇÃO DA PREFEITURA

A Municipalidade não poderia dar maior ajuda do que fez quando, há vinte e três anos, abriu junto ao Instituto um posto de puericultura. O posto está engravado na base do morro e serve a uma grande parte da população deste e das ruas próximas. Nota-se mesmo que as famílias da Favela se utilizam mais



Anexo ao Instituto funciona um posto de puericultura. Distribui diariamente leite gratuito a trezentas e sessenta crianças. Faz um grande trabalho de educação, ensinando às gestantes e lactantes as regras elementares da higiene pré e post-natal. Os laboratórios que distribuem amostras de remédios aos consultórios granfinos da cidade poderiam fazer uma obra de misericórdia remetendo semanalmente para lá, fortificantes e outros medicamentos. Em baixo: outro detalhe do Jardim de Infância. A diferença da pigmentação não cria barreiras nem concede regalias.





do pôsto, visto que neste tudo é grátis, desde as consultas ao leite distribuído. Diariamente é fornecido leite a trezentas e sessenta crianças, em média quatro mamadeiras para cada uma delas. No ano passado foram fornecidos quarenta e cinco mil e duzentos litros de leite e o pôsto atendeu a nove mil setecentos e cinco lactantes, três mil crianças em idade pré-escolar e a três mil e quinhentas gestantes. Contou-nos uma enfermeira que neste pôsto, mais do que nos outros, as gestantes que o procuram não têm a mínima orientação de como tratar dos recém-nascidos. A respeito de higiene, o desconhecimento é total. Ali mesmo se aplicam injeções e estas algumas vezes são fornecidas pelo dispensário. As mães pobres da Favela, sabendo que tudo ali é gratuito, correm para lá à primeira complicação da gravidez. Habitua-se de tal modo aos cuidados médicos que comparecem ali todas as vezes em que estão para dar à luz. Existem casos de terem sido tratadas duas gerações inteiras de uma mesma família. Uma das dificuldades com que luta este centro de puericultura é a falta de maior quantidade de leite para distribuir às crianças necessitadas. Dezenas de mães esperam na fila, até que se dê uma vaga na distribuição e elas possam receber sua quota. A Secretaria de Saúde da Prefeitura poderia completar o seu plano de assistência à infância da Favela aumentando o leite e a farinha para o dispensário.

A CAMPANHIA DO MILHAO E AS SUAS JUSTIFICATIVAS

O Conselho Deliberativo do Instituto iniciou uma campanha para angariar donativos destinados à reconstrução de um velho prédio, que será aumentado, remodelado e passará a servir às aulas do curso primário. A quantia necessária para tal empreendimento é de um milhão de cruzeiros. Várias comissões estão trabalhando para conseguir os donativos. A imprensa tem ajudado aos diretores, porque toda ela viu que se trata de um real benefício para o povo, realizado por uma instituição que não visa lucros. Esta reportagem, embora crítica em alguns pontos, tem o mesmo escopo. E o Instituto está pedindo os donativos para a reconstrução do prédio em um momento que não pode ser adiado. Tanto no prédio abandonado, que vai entrar em obras, como no atual pavilhão de aulas para as classes pri-

márias, o estado da construção é deplorável. Paredes velhíssimas, caindo aos pedaços. Salas sem conforto, algumas nos dias de chuva e vento não têm o menor resguardo contra os elementos. As classes são separadas por divisões de madeiras, finas e frágeis, e o que se estuda em voz alta numa série perturba os alunos da sala vizinha. Algumas dessas classes são divididas entre si por simples cortinas de pano. Por aí se avalia a necessidade de readaptar o prédio maior, que, com a reforma, poderá comportar folgadoamente todos os cursos. Nós pediríamos ainda mais aos homens de boa vontade que vão contribuir para a construção do «Pavilhão Tucker». Não seja esta a primeira e última vez que auxiliem essa escola da Favela. Continuem amparando-a mensalmente com um pequeno donativo para que os meninos do morro tenham instrução barata e com este incentivo possam tornar-se mais tarde elementos úteis à sociedade. Talvez, quem sabe, úteis a você mesmo que os está ajudando em sua meninice. Machado de Assis veio de um dos nossos morros. Muitos outros brasileiros poderão surgir de lá para conquistar vitórias expressivas, se lhes dermos a mão.

Existe ainda um outro fator que torna ainda mais belo o caráter humanitário do ensino dado pelo Instituto aos seus alunos. A sua direção não cogita de impôr crenças religiosas a nenhum dos educandos. Embora ligado a Igreja Batista, da qual recebe sempre que pode auxílio material, a diretoria não exige que o aluno professe a mesma doutrina de seu fundador, o doutor Tucker. Isto mostra o desprendimento do educador quanto aos seus gostos pessoais, não induzindo e nem mesmo interferindo para que aquelas centenas de crianças viessem a seguir os seus princípios religiosos. Educar, somente, foi o seu escopo que o norteou aí fundar a pequenina escola da Favela, há meio século. E essa tem sido sempre a sua diretriz. Independentemente de lucros, não esperando recompensas materiais, nem favores do governo. Para que este educandário possa continuar a cumprir a sua missão, livremente como até agora tem feito, é necessária a ajuda de todos os cariocas. De todos aqueles, pelo menos, que têm interesse em ver os garotos de um bairro pobre receberem a instrução que de outro modo não teriam. Instrução gratuita, ou quase. A maior ou menor facilidade na admissão de novos alunos depende de todos vocês que nos lêem.



Este é Waldir de Paula, aluno do segundo ano primário da escola. Tem mais sete irmãos que também se beneficiam da instituição. Leva diariamente sete mamadeiras para casa, três para o irmãozinho e quatro para o primo. O primo é mais raquítico e teve direito a uma ração maior. "Em cada favela do Rio deveria existir uma escola semelhante", foi o que nos disse uma professora. Os capitalistas concordarão com a sugestão?



Aspectos de duas das ruas, de Bogotá, em pleno centro comercial, grandemente danificadas pela população enfurecida, nos três dias e três noites de loucura.

TRÊS DIAS E TRÊS NOITES DE MORTE E DESTRUIÇÃO

BOGOTÁ, abril — Como tenho que voltar amanhã ao Brasil, via Panamá, saio hoje pelas ruas da desgraçada Bogotá, numa última visita às suas ruínas e aos seus escombros. Tem razão o alcaide desta cidade quando afirma que serão necessários dez anos para que a capital volte ao que era. Ainda hoje, passados quinze dias da terrível explosão popular, a Carreira Sétima, artéria principal da cidade, continua intransitável: é, toda ela, um comprido e coleante caminho calcinado e revoltoso.

Ontem, dos escombros de uma igreja, foram retirados mais três cadáveres, três novas vítimas que já se acrescentaram ao trágico rol de 826 mortos identificados, somente em Bogotá.

O Exército, disciplinado e tão civil, ainda é o guardião da cidade, e o coronel Avenagas, um dos seus líderes, declara que nos próximos três meses a capital terá que ser vigiada e policiada pelas suas tropas, pois Bogotá está sem polícia. As duas divisões da Polícia Nacional, aquarteladas na capital, aderiram ao povo logo no dia 9 de abril, e seus quadros de insurretos estão agora sendo perseguidos e desmobilizados.

Quando a chuva é maior, as ruas da destruída Bogotá se convertem em rios de uma lama escura e mal cheirosa, como se centenas de canos de esgoto tivessem rebentado. E há uma expectativa na atmosfera da cidade, uma atmosfera agora duplamente carregada pelo inverno que chega e pelas apreensões que hoje moram no coração de cada bogotano. É como se o movimento, espontâneo, repentino e desordenado, tivesse ficado pela metade. Não há dúvida que o velário paz ainda não desceu sobre a tragédia colombiana. No silêncio das noites, quando Bogotá se enrola num véu pesado de sombra e frio, um ou outro tiro de fuzil rebenta em qualquer ponto da cidade, e o eco o reproduz longínquo, espalhando-se pelas savanas. São avisos periódicos de que a tranquilidade ainda não voltou e de que,

A VICENTA EXPLOÇÃO POPULAR EM BOGOTÁ — DEZ BILHÕES DE CRUZEIROS: EIS O PREÇO COBRADO PELOS BOGOTANOS PELA MORTE DE JORGE ELIECER GAITAN — NÃO DEIXARAM JUAN SIERRA ROA FALAR — FOGO, FUZIS E METRALHADORAS — DE QUEM A CULPA? — OS PRÓXIMOS DEZ ANOS, NA CAPITAL DA COLÔMBIA, SERÃO DE SOFRIMENTO E MÍNGUA — POVO, OPORTUNISTAS, COMUNISTAS, CRIMINCSOS EVADIDOS E LADRÕES PROFISSIONAIS ASSOCIADOS EM UMA TRÁGICA ORGIA DE SANGUE

Reportagem de JOEL SILVEIRA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

JOEL SILVEIRA, um dos nossos jornalistas mais brilhantes, redator do "Diário de Notícias", antigo correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira na Itália, autor de reportagens sensacionais que mereceram a publicação em livro, depois de terem ilustrado as páginas de grandes publicações brasileiras, acompanhou a delegação do nosso país à Conferência Inter-Americana de Bogotá, chefiada pelo embaixador João Neves da Fontoura, e teve, assim, a oportunidade de se converter em testemunha ocular dos sangrentos acontecimentos que enlutaram a capital colombiana, submergida em verdadeira tragédia. Eis o que ele nos conta, em reportagem escrita especialmente para REVISTA DA SEMANA, sobre aqueles dias tempestuosos, de sangue, luta, dor, morte e devastação.

amanhã ou depois, o vulcão popular, desenfreado e insatisfeito, voltará a despejar sobre a capital suas lavas de ódio e de intransigência.

OS QUATROS TIROS DE JUAN SIERRA ROA

Foi no dia 9 de abril, à 1h. e 32 minutos que a pistola niquelada e brilhante de

Juan Sierra Roa disparou, por quatro vezes, contra os pulmões e a nuca de Jorge Eliecer Gaitan. «El Negro» vacilou sobre a calçada da Carrera Sétima, defronte ao edifício onde tinha sua «oficina», e caiu pesadamente numa poça de sangue. Houve alguns instantes de surpresa: populares acorreram ao local; então alguém gritou: «Mataram Gaitan!». E centenas de olhos se crava-

ram, rancorosos, sobre a figura transida e amedrontada de um homem vestido modestamente, que ia recuando temeroso, o revólver ainda na mão. A notícia do assassinio do líder liberal colombiano espalhou-se fácil pela cidade. E quinze minutos depois o corpo mutilado de Juan Sierra Roa, linchado pela população enfurecida, era arrastado por toda a Carrera Sétima e pela praça Bolívar, e levado, como uma posta sangrenta de carne, até as proximidades do palácio do governo.

Quando o cadáver passou em frente ao Capitólio, onde se reuniam os delegados à Conferência Inter-Americana, o rosto do assassino não passava de u'a massa informe, negra e rubra.

Segundos antes do linchamento, alguns populares mais diligentes tentaram conter o povo, no objetivo de arrancar de Roa algumas palavras reveladoras sobre o seu ato. Mas foi debalde. O assassino morreu sem conseguir dizer nada, a não ser aquela súplica desesperada e quase pre-agônica: «Não me matem! Não me matem!».

PERTO DE MIL MORTOS. SÓ EM BOGOTÁ

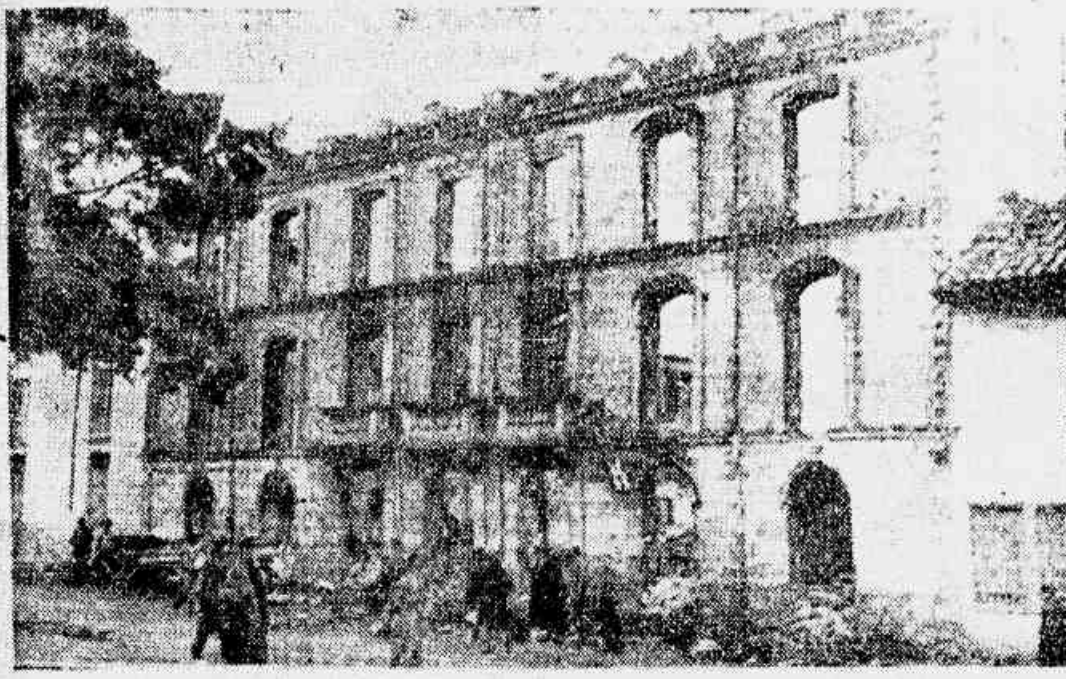
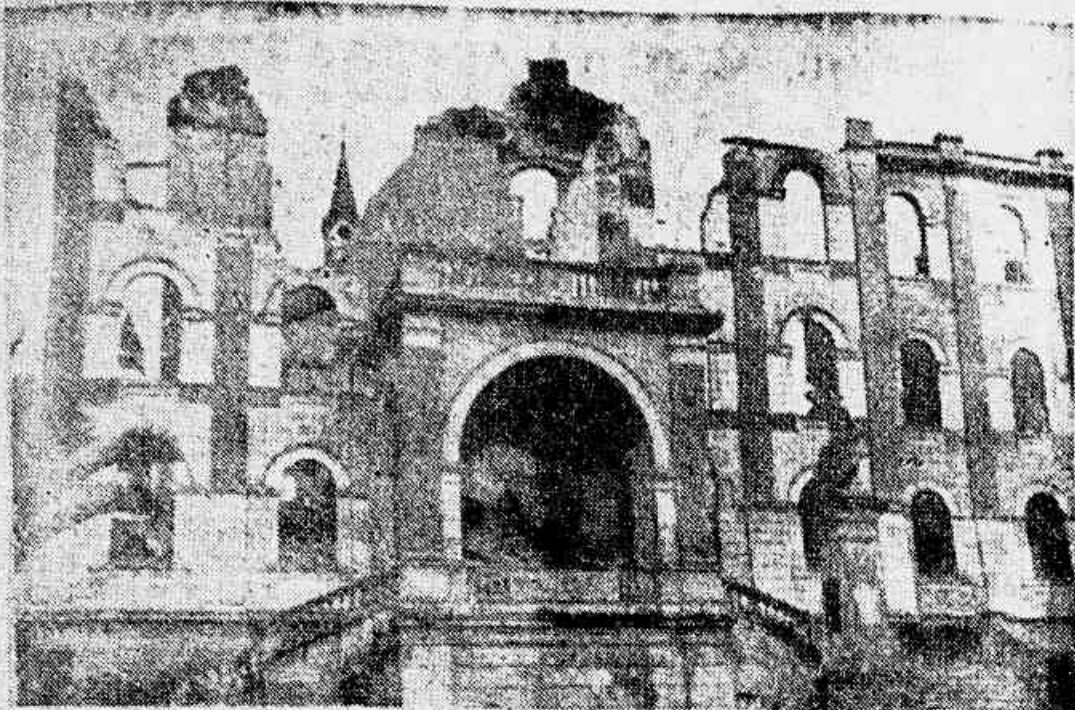
De 9 a 12 de abril, Bogotá esteve abandonada, inerte, entregue às mãos do povo mais enfurecido que já vi em minha vida. As casas comerciais haviam sido violadas, e os bandos roucos e escuros, debaixo da chuva persistente, passavam aos gritos pelas ruas, brandindo os «machetes» e as garrafas de «whisky», que bebiam como se fosse a boa água do Senhor. Os incêndios, gigantescos, pintaram toda a cidade de um rubro tom ameaçador, e quando o vento era mais forte — as frígidas lufadas da savana — as labaredas ganhavam força e venciam a própria chuva. Toda a cidade ganhara um aspecto incomum de aurora úmida. Os fuzis, levados pela Polícia para a «Plaza de Toros» e lá distribuídos ao povo, disparavam sem método nem direção. Os primeiros mortos foram

PAGINA SEXTA

EL TIEMPO

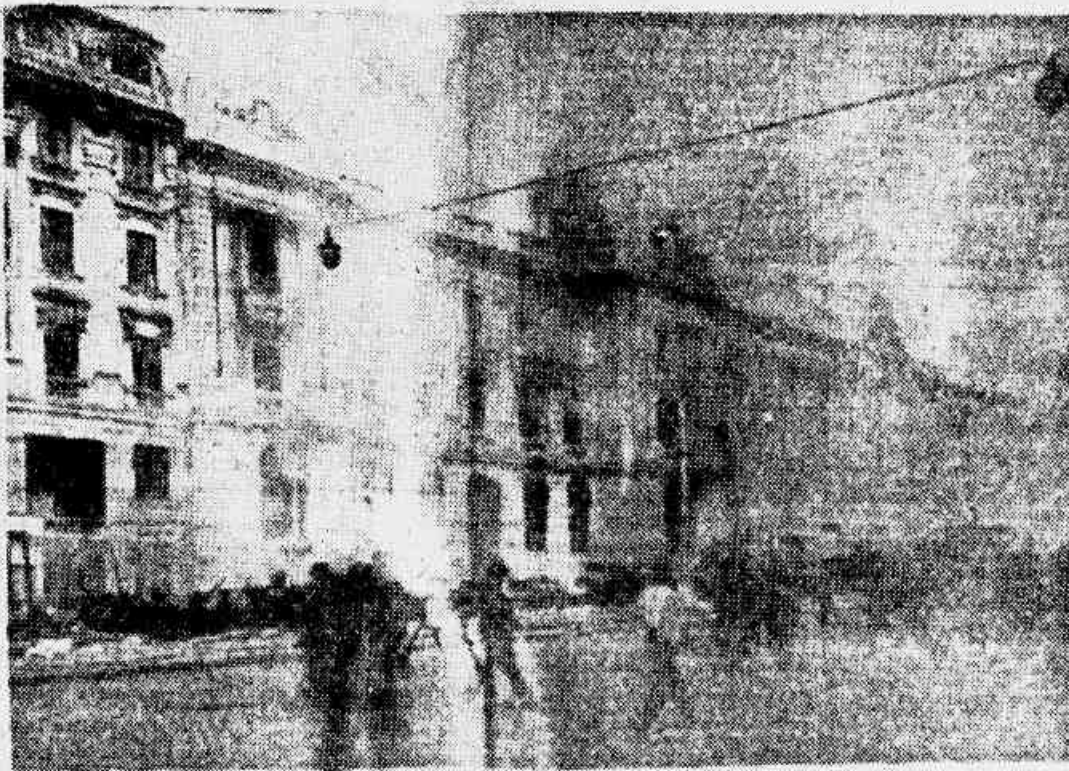
JUEVES 15 DE MARZO DE 1944

SINTESIS GRAFICA DE LA TRAGEDIA DE BOGOTA:



El edificio de la foto también fue destruido a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.

La gran casa de la foto también fue destruida a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.



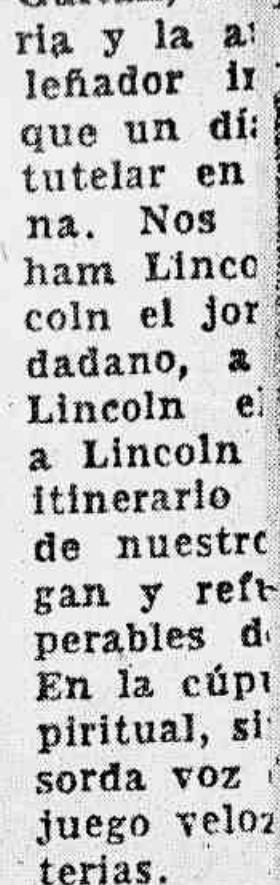
El edificio de la foto también fue destruido a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.

El edificio de la foto también fue destruido a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.

El edificio de la foto también fue destruido a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.

El edificio de la foto también fue destruido a consecuencia del fuego. Este es el aspecto que ofrece el primer patio del comercio por el lado de la calle 100.

los mil-
entro va
en. Pero
pueblo
ano y le
able res-
nder, en
es el a-



Y si ya
dagásemos
to encontr
Uribe Uribe
del capitol
do de los
cre, sacrifi
mudo colm
todas estas
de estos l
quillano y
el destino
les.

Atribulado de con el crimen, nos estamos el ánimo deas por cer Galtán en un mar do de lo democracia tante de miraría es rumbo de que ante de la bies



ido por el dolor, el padre del jefe del liberalismo, señor Ellézer Gallán, tendido por Sade en momentos en que su hijo espiraba en la Clínica del victimado infante atestado. La expresión del rostro del señor Gallán nos muestra el inmenso dolor de su alma, cuando se dio cuenta del desastre de

(Con

sentid
chos
su ac
tadas
berali
del il
sesion
con e
nex q
lizar
LOS

Des-
incen-
de lo
por
espec-
los c
tre c
ceme-
las a
verce-
tros,
muer-
por
por
dade
nate
fuer-
Quie-
día
rem-
to a
un
ten-

O pai do chefe liberal, sr. Gaitan, ao receber, acabrunhado, a notícia da morte do filho, segundo um flagrante do jornal "El Tiempo", de Bogotá.

As quatro balas de Juan Sierra Roa custaram muito a Bogotá: custaram precisamente, conforme os últimos dados oficiais, que crescem de dia para dia, perto de mil mortos, cinco mil estabe-

Populares iniciando o ataque a uma das várias igrejas que foram depredadas e incendiadas pela massa revoltada em Bogotá, em pleno período da Conferência Inter-Americana.

Mas de quem a culpa de tanta desgraça? O general George Marshall, secretário de Estado do governo de Truman, em entrevista coletiva, põe a culpa de tudo nos comunistas, no que concorda com o próprio presidente colombiano, Ospina Perez. Mas também há acusações contra os conservadores, e, particularmente, contra «los curas», que teriam sido os mandantes do assassinio de Gaitan. Se o leitor quer a minha opinião pessoal sobre tudo, opinião de quem acompanhou, de **visu**, todos os

acontecimentos, aqui têm ela: não há dúvida de que o movimento foi consequência da ira que se apoderou do povo quando soube da morte do seu mais querido condutor político. Mas não há dúvida, também, de que outros elementos, oportunistas e comunistas, além de toda uma horda de meliantes, criminosos foragidos das penitenciárias e ladrões profissionais, conseguiram se infiltrar na massa, torcendo o movimento segundo suas próprias conveniências. O violento saque, por exemplo, deve ter sido obra de bandidos. E certamente o ataque à Embaixada Americana teve inspiração e conteúdo comunistas. E' possível, igualmente, que os comunistas bajam tentado se colocar à frente da explosão popular, na ausência de outros chefes. Um manifesto mimeografado, distribuído pelo Partido Comunista Colombiano, no segundo dia do movimento, vinha vasado num estilo um tanto «condottiere», e trazia resumidas as reivindicações comunistas: — organização imediata de um «governo de ampla frente popular», com a participação de todos os partidos políticos, inclusive o comunista; renúncia do presidente Ospina Perez e composição, no interior do país, de juntas revolucionárias mistas. Não há dúvida de que, levando-se em conta a fragilidade política dos comunistas na Colômbia (apenas uns dezoito mil membros, divi-



A multidão que compareceu aos funerais de Jeorge Gaitan, enterrado pela família dentro de sua própria casa. (Foto INS)

didos em duas facções que se combatem), aquelas pretensões assumem um aspecto bastante exagerado.

Exagerado também é dizer que os comunistas sozinhos inspiraram e fizeram

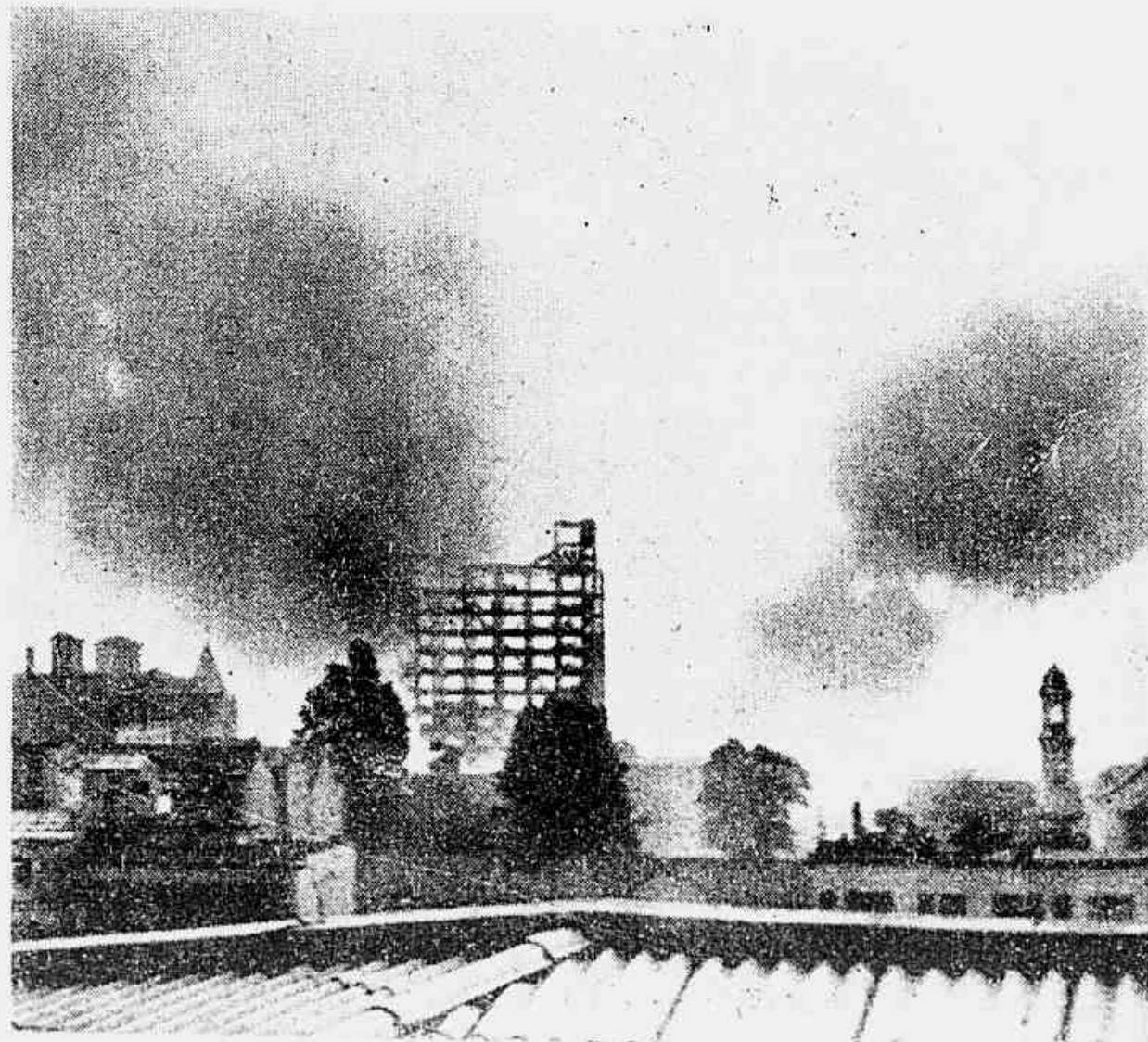
o movimento. Claro que a ninguém mais do que a eles interessaria sabotar a marcha — que seguia relativamente normal — da Nona Conferência Inter-Americana. Isso, no entanto, não me con-

vence de que os comunistas engendraram a tragédia dos últimos dias. Vi o povo solto nas ruas — desordenado, enfiurecido, guiado apenas pela sua raiva

e pela sua loucura. Nem um chefe se impôs à revolução durante os três dias de destruição contínua. Esta a verdade: a verdade que eu vi.



Cena comum nas ruas de Bogotá durante a revolta: a prisão de um franco-atirador revolucionário. (Foto INS).



Vista de Bogotá, quando lavravam vários incêndios, durante os tumultuosos acontecimentos. (Foto INS).

Juan
Moura



A menina da BILHA

Conto de JORGE ARNALDO FORTES

O rapaz tomou o bonde no largo da Lapa. O bonde era o 36, Praça 15-Praça 11, repleto como sempre, lento e rangente, com um condutor bem-humorado (e aí daquele que não o seja!). Chovia a cântaros. O rapaz se acomodou naquele banco que fica de frente para o resto do bonde, entre dois cavalheiros. Um, magro e bem-humorado como o condutor; o outro, gordo, moço ainda, de cabelos brancos e ar romântico, como o de toda a pessoa moça de cabeleira branca. Bem, a chuva continuava a cair quando o paciente veículo chegou ao refúgio da Cinelândia, e logo o espaço entre os dois bancos, que ficam frente a frente, foi ocupado por um bando alegre de rapazes. O nosso

rapaz continuava sentado entre os dois cavalheiros, o magro e o gordo. E foi quando entrou uma menina, aliás já em idade de ser chamada senhorita. Com ela vieram as hadaladas de uma igreja próxima, com certeza a da Lapa, anunciando a hora da Ave-Maria (e a menina também era Maria, como o rapaz depois verificou). Ergueu-se, então, o cavalheiro de cabelos brancos. — Estava guardando o lugar para uma moça — disse ele, e desceu do bonde. Em terra firme, virou-se e encarou a menina. — Muito agradecida. — Ela sorriu. Ele sorriu também, baixando levemente a cabeça, e saiu para a chuva com os seus cabelos brancos e o seu ar romântico. Ficou claro que ele ia mesmo voltar; ficou claro também que apreciava bastante a oportunidade para a gentileza, tal-

vez até agradecendo intimamente aos apressados rapazes que o não deixaram desembarcar no momento apropriado. E, no terceiro ou quarto banco, já um senhor começava a cochilar quando o bonde resolveu pôr-se a caminho, gemendo e ginchando como uma velha reumática. Quando entrou na rua de Santa Luzia, surgiu, não se sabe de onde, uma destra calosa e molhada, acompanhada de um tilintar de níqueis. Era o condutor, indubitavelmente. Uns pagaram, outros não. Os rapazes apressados disputaram a honra. Ganhou-a o menos lento. A menina também pagou. Depois, enxugou com o lenço a bolsa respingada. Abriu o «Gibi». Na história do Pafúncio. O rapaz, ao lado dela, com o crânio imprensado entre dois cotovelos, espichou um olho interessado. Ele era fã do Pafúncio. E mesmo que o não fosse, quem é que num bonde não descobre logo alguma coisa de interesse no jornal do vizinho? Com um olho nas desditas conjugais do Pafúncio, o rapaz correu o outro pela

menina. Coisa perfeitamente natural, também. Era muito rosada, alourada, de perfil delicado, foi só o que ele pôde ver. Mas já o cotovelo da esquerda começava a se mexer, inquieto. O olho do rapaz foi se esticando, esticando, até que a menina de repente o pegou. Ele quis desviar os olhos mas já era tarde. Muito amigavelmente, com simplicidade, a menina bateu-lhe no braço com as costas da mão: — O senhor também gosta? — Ele se atrapalha: — Bem... às vezes... sim, gosto sim! — Tem a impressão de ter corado um pouco. — Pode ler. Não me incomode, não. — A menina sorri. Dentinhos miúdos, certinhos. Lábios rosados, bem feitos, um tanto ressequidos, talvez por causa da friagem da noite. É possível que a menina tivesse algumas sardas, pálidas, longínquas. Cabelos claros, quase louros, de ondas largas. Sua tez era alva, limpa, saudável e fresca. Os olhos... bem,

(Cont. na pág. 53)

DE touros, não digo bem. Dum touro. Era um só a vítima, naquela saturnal sertaneja de rascoas frandunas e arraíanos vinolentos. Custara sessenta duros, em Espanha; e, alugado de domingo em domingo pelas diferentes aldeias do concelho, para ser corrido, a quinze tostões por tarde, ia, à custa dos seus brios e do seu sangue, rendendo ao dono uns lucrozinhos bem bonitos.

Aldeia da Ponte, Rendo, Nave de Haver, Quadrazais, Alfaiates tinnam sucessivamente refociliado a sua tórpe selvageria neste espetáculo dum nobre e grande animal espicado covardemente a garrochadas. Mesmo, naquela última povoação, o entusiasmo chegara a ponto de toda a geral passear em triunfo sobre rueiros, em tórno da praça, um audacioso e bruno mocetão, — belo sá-tiro de vinte anos, — que conseguira parar o boi, dorido e trémulo, com uma estúpida lançada entre as espáduas, donde o sangue jorrara impetuoso. Por um milímetro não ofendia os pulmões do animal.

— Que valente ponta de garrocha! Tinha a grossura e o tamanho dum dedo mindinho. Bravo moço!

E toca de montar à apoteose aquêle Frascuelo estremenho, no meio dum berreiro de mussorongos.

Neste domingo, coubera a vez ao Sabugal, a orgulhosa vilória do castelo de cinco quinas.

Castelo das cinco quinas
Não o há em Portugal,
Senão ao cimo do Cão
Na vila do Sabugal.

A tarde estava calma, pesada, imóvel, numa concentração muda de tormenta. Uma imensa nuvem negra, ameaçadora e espessa, mascarava a doce rutillação vermelha do sol das cinco horas. O seu bôjo pantagruélico inchava em proeminência de flocosidades pardas. — a prenhez da tempestade. Uns certos meios-tons crus e sinistros, duma dura nitidez metálica, denunciavam-lhe nos flancos gigantes a electricidade a expluir. E todo aquêle monumental encastelamento aéreo, sombrio e parado em ar de ameaça sobre a adusta desolação da paisagem, tinha os bordos franjados de ouro pálido, como se fosse um grande pano funerário.

O céu livre era de zinco; e despejava sobre a praça uma luz lívida, ansiosa.

A praça!...

Só por um arrôjo huguesco se poderia dar tal nome àquele largo, pequeno e irregular, todo dentado em reintrâncias de cunhais de casas rústicas, entremeadas com muros de quintais e o trilho promiscuamente de terra solta e grandes lájeas de xisto escorregadio, — esqueleto, a descoberto, do solo subjacente. Um enxurdeiro de aldeia, improvisadamente arvorado em praça de touros, com todas as desigualdades, todas as imprudências, todo o pitoresco e todo o imprevisito das diversões genuinamente populares. Nem autoridade, nem Botas, nem corneta imperativa, nem ex-cegos da Casa-Pia;

simplesmente a loucura, a desordem, os fatores do acaso, a alma do povo.

Como caráter e emoção, era muito melhor.

Cercavam a praça sua dúzia de casas, dum andar sobre o térreo, todas por cair, escalavradas, imundas, tendo à frente uns abcessos toscos em degraus, superados por patins sem guardas, dando ingresso para o interior. Nem uma linha regular por todo o âmbito do recinto. Umás e outras de esguelha, as casas acotovelavam-se com olhares de desconfiança; nos intervalos delas, havia pequenas rugosidades de murozinhos baixos de pedra solta; e a face livre, onde uma rua desembocava, tinham-na obstruído com carros enormes de bois armados inteiramente, para maior segurança, das suas duras sebes de salgueiro.

Quando, do alto dum dos patins, consegui dominar a praça, estava a tourada prestes a principiar. Tudo apinhado de gente. Homens tisnados e feios, cara toda rapada, — à espanhola, — vestidos de saragoça, camisa alva de grande colarinho sem goma, polaina ou meia até ao joelho, sapatos ferrados, chapéu grande de aba e roseta ao lado. Mulheres brancas e redondas, atarracadas, lenços de lá azuis, pintaigados de amarelo e verde, passados de sobre a testa em volta da nuca e com as pontas a atar na frente, petulantes. Tudo isto coalhando os recantos seguros da praça, pejando escadas e varandins, irrompendo obliquamente das janelas, como labaredas, ou empilhados dentro das sebes dos carros, em pé e de braços para o ar, como nos painéis de alminhas. Tudo vozeando, praguejando, guinchando, arrotando, bramindo numa assuada infernal.

Os garotos escanchavam-se nas árvores, penduravam-se nos telhados, alapavam-se sob os carros, entre as rodas, cavalgavam os fueiros. Não tinha nada de brilhante o colorido deste caleidoscópio, em que predominava o pinhão das saragoças e o alvo das camisas... antes se amortecia sob o que quer que fosse de constrangido e lúgubre que vinha do alto. Um colorido de pesadelo, rútilo aqui e ali, à custa dum esforço, mas no tom geral apenumbado e triste duma tinta morna de opressão.

Em tórno à praça, uma paliçada se erguia de grossas garrochas de amieiro, muito compridas, ferradas na ponta, convergindo todas para o portelo do curro e sustentadas pelos lidadores. Estes, com uma intrepidez de opereta, enquanto enristavam para o curro a floresta dos varapaus, encostavam-se às escadas dos casebres, o pé já pôsto cautelosamente no infimo degrau, — todos em mangas de camisa e em cabelo, colete com abotoadura de vidrilhos amarelos, prês opor um só botão. Saiu finalmente o boi.

Numa arremetida furiosa e cega, ardente de liberdade, partiu várias garrochas em quatro saltos soberbos, ensurdecido, estimulado, ébrio das vaias da multidão. Depois parou a meio da praça, os olhos injetados,

o couro todo fremente, a considerar... O resto das garrochas partidas jaziam pelo chão, abandonadas, enquanto os lidadores respectivos, agora do alto dos varandins, o desafiavam pálidos... e felizes. Se algum, mais atrevido, se aventurava um pouco a aproximar-se-lhe, pelas costas, de garrocha em riste e pé atrás, voltava o touro para ele o focinho, manso, aconselhador, quase amigo, — e este simples movimento de pescoço era bastante para pôr em fuga o corajoso toreador.

O boi era formoso. Preto retinto, alto, grande, cernelha erecta, arrancando bem. Mal empregado!... Parado e desdenhoso, pedia adversários para ali. Apresentassem-se-lhe o Roberto ou o Mourisca, e veriam então! Mas com aquela miserável cuadrilla... Era preciso que ele fosse muito abastardado, para lhes dar a honra de lutar. Persistia pregado, atento, mas indiferente, docemente sacudindo com a cauda alguma mosca importuna.

De repente, lança um olhar oblíquo para um muro próximo, corre e salva-o num salto.

Tumultuosa barafunda no recinto, protestos, imprecações, injúrias, a multidão irrompendo no alcance do bicho pela vila. Felizmente para eles, além do muro havia uma estremeira funda e lodosa, em cuja traçoira moleza irremissivelmente o pobre boi se afundara. Era fácil torná-lo à praça.

Tornou; desta vez contrariado, impaciente, mau. Meneava ameaçadoramente as pontas, escarvava, levantava em expirações possantes grandes columnas de pó.

A praça estava animadíssima. No meu varandim premia-se um apinhamento abafado de populares Esmagavam-me. Velhos pastores, contrabandistas, moleiros, bandleiros, queijeiras, serranas de cabelo de estriça e braços encodoados. Respirava-se um cheiro nauseabundo a suor trespassado, temperado pelo aroma fresco duma pirâmide descomunal de raízes de carvalho, erguida ali mesmo ao pé. Por trás de mim, regougava hipocritamente o dono da casa:

— Pouca vergonha de divertimento!... Fosse eu administrador, que o poribia!

— Ora essa! — retrucou-lhe um do lado. — E você para que vem ver?

E o velho, com um ar de importância:

— Eu estou no que é meu!

Num dos degraus do patim, um lascivo marmanhão estabelecia sonosamente contactos de várias ordens com uma rapariga que lhe ficava mesmo na frente, em baixo, no degrau inferior. E ela, com fingida indignação, amável:

— Ora vá!... Olha que levás um murro!

A minha esquerda, dizia o escriptorário da administração, apontando para um varandim fronteiro:

— Diabo! Ali tão espremidos!... Estão ali, estão a cair... como o ano passado, pelos Santos, foi do



Conto de ABEL BOTELHO



Ilustração de A. PACHECO

Uma corrida de touros no Sabugal

côro da igreja... que veio bailar tudo abaixo quando a varanda rompeu!

Na verdade, o patim estava descomunalmente abarrotado. Ao menor impulso, via-se que transbordaria. No meio do apertão, uma mulher de meia idade, com uma criancinha ao colo, fazia-se notar. A pobre criança, sufocada, chorava muito, estrebuchava. E a mãe, batendo-lhe:

— Estás calada, mafarrico!... O diabo te levasse!

O anjinho, porém, renitia em carpir-se, intransigente na sua aflicção de asfixia. Então deram à mulher um lugar à frente, desembagado, mesmo na borda do patim; e a criança agora batia as palmitas, toda contente, respirando à vontade, rosadita e feliz.

Alastrava o entusiasmo. O touro, espicado, tinha-se gradualmente enfurecido. Derivavam-lhe da garupa e dos flancos algumas tênues fios de sangue. Os rapazes atiravam-lhe de longa choupazinha de papel. E o



nobre animal mugia de desespero, por se ver tão ridiculamente escarnecido.

As mulheres, afogueadas, faziam um alarido de ensurdecer. Algumas, amamentando os filhinhos, cuspiam insultos para a praça. Uma pendurava-se da janela, muito vermelha, quase apoplética, — grandes arrecadas de ouro, um ramo de cravos amarrado na mão calosa — berrendo pilhérias vesgas, dum cana-lismo avinhado. Outra, de preto, — viúva recente — provocava doidamente o boi, do alto dum muro, com um lenço encarnado na porta duma cana. A amásia do escrivão, — de laço de seda azul-clara com renda, medalha de ouro e bom vestido de lã — essa mantinha-se mais grave, num comedido antigo de matrona no Coliseu, limitando-se a bater discretamente as palmas por ocasião das sortes.

Do longe o trovão, casquinador, do concerto de quando em quando com uma atrozadora alacridade.

Ao tempo, o boi, num movimento defensivo de recuo, encontra o portal velho duma loja, despede-lhe um tremendo coice, a porta cai em estilhaços, e do portal escancarado irrompe... uma porca a grunhir. Hilaridade geral. Uma voz grita, afilíssima:

— Ai, a minha marrana, que lá se me vai!...

Quase ao mesmo tempo, o boi pisava a marrã inofensiva, que recolheu à loja gemendo, com uma perna partida, a coxear.

O muro por onde o animal tinha saltado estava reforçado agora com um alentado carrão, detido de través; e um garoto sentava-se-lhe victoriosamente, com um resto de garrocha em punho, sobre a roda superior, — horizontal. Não obstante, o boi torna a fitá-lo, forma o pulo, e ele aí vai por cima do carrão e do garoto, sem lhes tocar.

Trazido de novo à lide, humilhado, vexado daquela perseguição brutal e pusilânime, persiste em ocupar o

meio da praça, indiferente, com um grande ar de desprezo e piedade. A confusão e o cansaço começavam a ganhar a multidão. Os lidadores, sem forças e sem garrochas, esmoreciam. Um só persistia em estimular o boi, denodado e incansável. Tinha atrevimentos loucos. Reptava destemido a morte, com ardor. E o boi ganhara-lhe má vontade. Perscrutava-o matreiramente, com um intento reservado.

Num momento de descuido, corre sobre ele, — cornos baixos, fumegante... O rapaz mal teve tempo de precipitadamente subir alguns degraus do patim fronteiro ao meu, ofegante, côr de cidra. Preparava-se o boi para saltar os degraus, cobertos de gente. Faz-se um marulho aterrado em todo o patim. A mulher da criança, em cima, à beira do precipício, suplicou, com a alma na laringe:

— Não me empurrem, por amor de Deus!

O boi retrocedeu.

Continuava, entretanto, a alastrar uma desanimação crescente, um enervamento de tédio progressivo. O touro não dava mais. O povo bocejava e emudecia. Os lidadores, exaustos, tressuavam. Deu-se a touxada por finda. Veio a choca, recolheu o boi; e a festa ameaçava terminar assim, num reles descon-sôlo, num desalento de mau agouro, num descoroçoamento vergonhoso.

De repente, da parte dos não sa-ciados, que eram muitos, explodiu uma reação violenta, irreprimível.

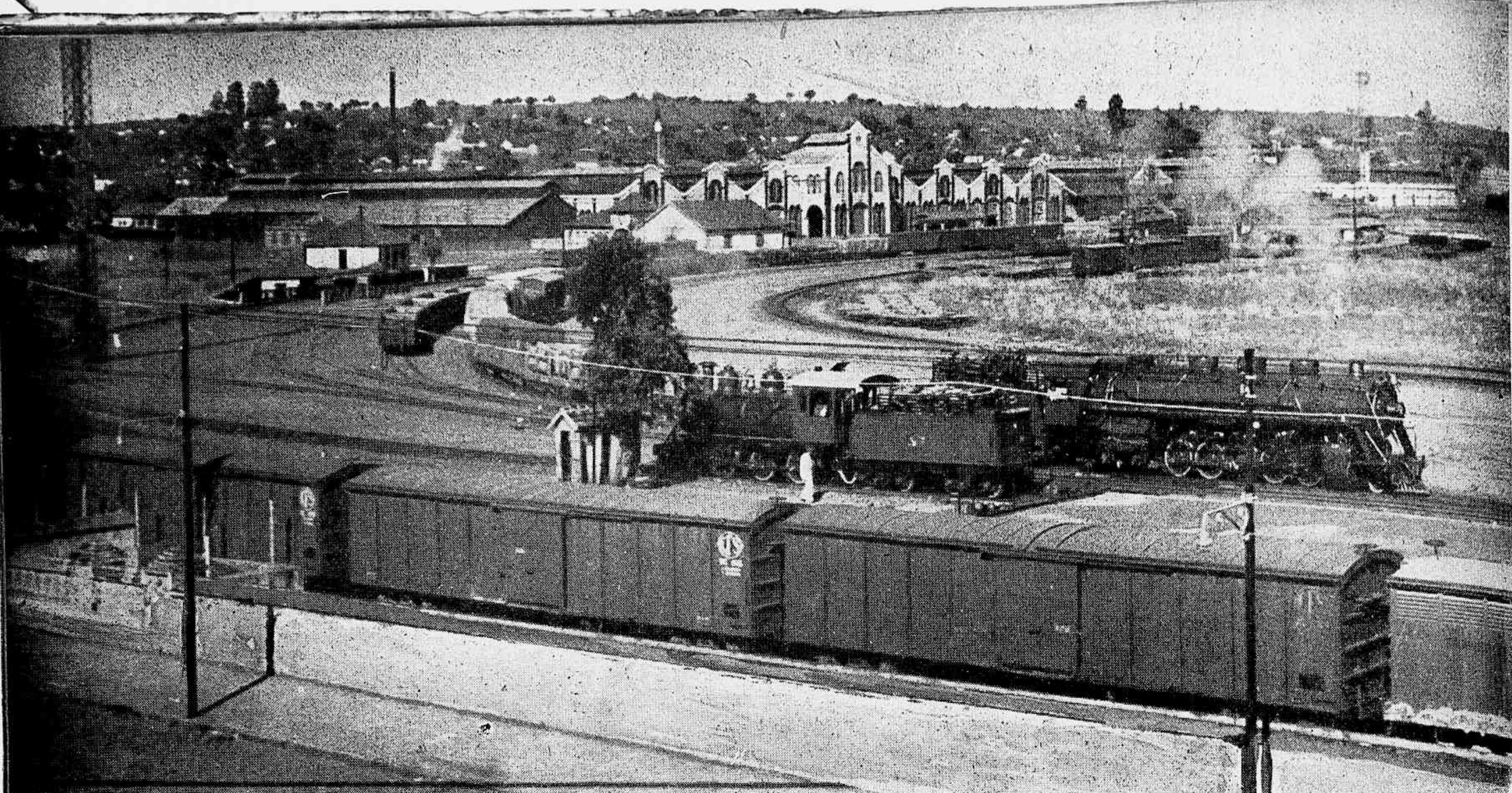
— Que sensaboria! Por aquilo não valia a pena ter dado os quinze tostões. Vamos fazer sair o bicho mais uma vez!

Mas a fera tinha já vindo à praça por três vezes: era o ajustado.

— Embora! — clamam alguns influentes. — Dão-se mais cinco tostões ao dono.

Assim foi.

(Continua na pág. 52)



NOROESTE DO BRASIL

A FERROVIA QUE DESBRAVOU O OESTE

A ESTRADA QUE NASCEU DE UMA TERRÍVEL PROVAÇÃO — TRAÇO DE UNIÃO IMPERECÍVEL ENTRE O LESTE E O OESTE — LUTA PARA SOBREVIVER A UM ABANDONO CRIMINOSO — A NOROESTE NÃO É NENHUM FERRO VELHO! — ASSISTÊNCIA SOCIAL MAGNÍFICA E UMA NOTA EMOCIONANTE — DEU TUDO, PEDINDO AGORA UM POUCO — NA BATALHA DOS TRANSPORTES — GOVERNANTES DO BRASIL, OS TRABALHADORES PEDEM SOCÓRRO! — O VERDADEIRO GRITO DE RUMO AO OESTE — A NAÇÃO TEM UMA DÍVIDA A RESGATAR

Reportagem de ADALBERTO MENDES



QUANDO, em 1905, teve começo a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, escapava às previsões mais otimistas a magnitude do papel que, em futuro não remoto, conforme mais tarde se viu, o caminho de ferro desempenharia no campo da economia brasileira e, com decisiva influência, no dos Estados de S. Paulo e Mato Grosso. Lançada com finalidades quase exclusivamente de defesa militar das nossas fronteiras do Oeste, cuja imperiosa necessidade ficou dolorosamente às claras na guerra de Solano Lopez, quando os rápidos sucessos iniciais das tropas do caudilho paraguaio mostraram a vulnerabilidade daquelas longínquas regiões à invasão inimiga, trazendo-nos a mais amarga das experiências, a via férrea de pronto demonstrou o acerto havido pelos seus idealizadores, operando como por encanto o surgimento de uma vastíssima zona de ilimitadas possibilidades e, por assim dizer, integrando na comunidade pátria rincões diluídos nas longitudes onde o Brasil quase perde a noção da própria grandeza. A Noroeste do Brasil — bandeirante de século XX — marcava com fitas de aço os rumos intangíveis dos caminhos do Oeste, vinculando-o para sempre à realidade palpitante do Leste.

TRAÇANDO OS RUMOS DO OESTE

Partindo do antigo povoado de Pauru, hoje uma das metrópoles do interior paulista, a importante ferrovia atravessa a riquíssima região campesina que vai

No alto da página estampamos uma visão panorâmica do parque das oficinas centrais da Noroeste, em Bauru, e parte da esplanada de onde saem os trens ramo ao Oeste. A esquerda — Belo trecho de linha recentemente empedrada. Note-se a perfeição do empedramento, caprichosamente trabalhado. Em trechos assim, o rigor das longas viagens é suavizado, fazendo-se grande economia de material.



A esquerda — Trecho de linha em fase de empedramento, serviço de importância capital, custeado pela renda normal da Estrada. Restando ainda cerca de 600 quilômetros a serem empedrados, tornam-se necessários mais dez anos se outros recursos não forem obtidos. A direita — Pela primeira vez um jornal foi admitido em uma reunião da diretoria da Noroeste, tendo a REVISTA DA SEMANA essa primazia. Discutidas com franqueza e cordialidade, desfilaram aos nossos olhos os mais graves problemas da Estrada. Nessa ocasião apreciamos o critério adotado na Noroeste, de promoção de funcionários por merecimento, mediante votação secreta, método democrático e honesto, sobretudo honesto.

dar às margens do Paraná, projetando-se daí, através do deserto verde de Mato Grosso, até as barrancas do legendário Paraguai, e já agora estende suas linhas na direção de Corumbá e Ponta Porã, ali completando o seu traçado histórico, aqui lançando os trilhos para Concepción, na República do Paraguai, levando além fronteiras a esperança de novos destinos. Nem a deteve a improdutividade do trecho matogrossense, pôs morto que acarreta considerável desequilíbrio às suas míseras finanças. Não foi, porém, a Noroeste idealizada e construída com o propósito declarado ou oculto de produzir lucros. O espírito que anima empreendimentos de tal natureza

neste País tão vasto e quase inexplorado na maior parte do seu território e das suas reservas naturais, não pode conter semelhantes designios. A estrada de ferro entre nós deve ser uma idéia em marcha, sempre em marcha para um ponto ainda não fixado nos horizontes do nosso claudicante desenvolvimento de nação livre. É uma causa de efeito retardado, como acontece com todas as iniciativas de âmbito nacional, mesmo aquelas subordinadas ao círculo dos interesses privados. A maioria, senão a totalidade das nossas ferrovias, desempenha alta missão de sentido puramente patriótico, de penetração, de ajuda, de defesa, de colonização, conduzindo no

bojo das suas máquinas não o mealheiro para a coleta de vantagens, mas, isto sim, a centelha do progresso e as luzes da civilização. E, mais do que isto, ao bravo patriota perdido nas distâncias, o consolo de que não foi em vão o seu sacrifício. Este o verdadeiro papel da Noroeste, que avançou matas, campos, serras e pantanais a dentro, desbravando terras ignotas, conquistando-as ao gentio, às feras e às endemias, fazendo despontar a riqueza na transmutação das florestas em culturas sem fim, surgir as modernas cidades, as vilas e os povoados no seio da «jungle» opulenta e nas verdes ondulações das campinas desertas.

E COM OS TRILHOS SURTIU A RIQUEZA

Do antigo povoado de Bauru às divisas do rio Paraná, sucedendo à Estrada, rapidamente cobriram-se as terras ferazes por um novo eldorado. O prodigioso poder de improvisação do paulista tirou, cêlere, da via férrea tudo o que esta podia dar, convertendo em ouro a gleba fertilizada pelo trilho de aço. E se esse milagre de metamorfose não aconteceu do lado matogrossense, onde o monopólio escravizador da terra retém o solo dividido em imensos latifúndios, é cioso negar os incontáveis benefícios trazidos para o grande Estado central com o

Em baixo — A esquerda, vista do corte de Congonhas, no kl. 85 da linha tronco, no trecho de Pirajui a Guaranã, da variante Mirante-Guaçara. Essas retificações são executadas como medida do maior interesse da Estrada. Construída há 43 anos, sofreu a via-férrea os defeitos de construção de quase todas as estradas de ferro do País. Pouca coisa ou nada, feita em caráter definitivo. A precariedade da via permanente remonta a muitos anos atrás, desde quando o surto de progresso das zonas atravessadas começou a exigir maior esforço para o transporte de uma crescente produção. A direita, um aspecto dos serviços de aterro no mesmo trecho, que reduzirá o trajeto e o custeio do tráfego.





O cel. José de Lima Figueiredo está empenhado na obra de ressurgimento da ferrovia que dirige. No corrente exercício conseguiu verbas suficientes para dar bom andamento aos ramais novos e às retificações em execução. Disse-nos ele que cogita, por todos os meios, de obter o aumento de vencimentos do pessoal, fora de dúvida o problema de maior premissa. Confessando-se um entusiasta da Noroeste, deixa entrever os propósitos que o animam de vê-la atingir o grau de eficiência desejado. Escritor e jornalista, o diretor da Noroeste deu ao repórter a mais ampla liberdade de movimentos em todos os setores da Estrada. Na gravura, o cel. Lima Figueiredo, atende no seu gabinete o nosso representante.

aparecimento da Noroeste. Três Lagoas, Água Clara, Rio Pardo, Aquidauana, Campo Grande, Miranda, além de outros, são núcleos humanos engastados na vastidão matogrossense — verdadeiros oásis — vivendo e prosperando em razão da Estrada, sem a qual seria penoso sobreviverem à fatalidade das distâncias.

A FERROVIA ABANDONADA REAGIU — A NOROESTE É UMA SURPRESA!

Cumprira-se a nobre tarefa inicial da Noroeste. Desde aí, cresciam-lhe os encargos, na proporção em que se avolumavam os frutos do trabalho intensivo e se adensavam as aglomerações humanas. Sem embargo, o Governo nada mais fez pela Estrada, que com o seu material obsoleto e a precária via permanente, praticamente os mesmos de há 43 anos,

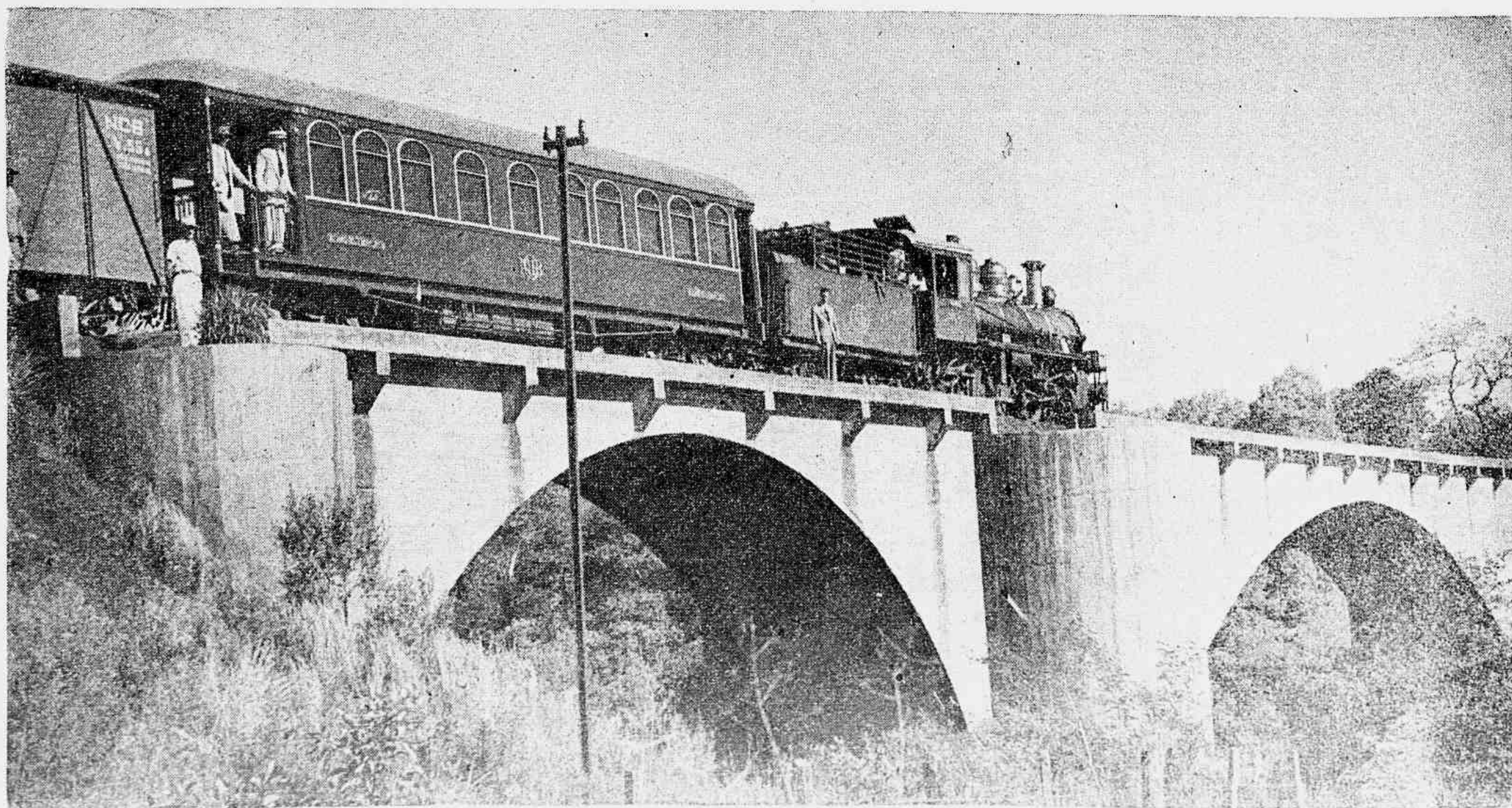
vem suportando a duras penas e à custa de um tremendo esforço de auto-suficiência, a carga pesada que lhe foi imposta. Era de prever, neste caso, que o arcabouço combalido pelo trabalho forçado de tantos anos se apresentasse em condições ruínas. O prolongado desgaste, porém, não conseguiu abalar os fundamentos do sólido edifício, embora as marcas profundas que o tempo lhe deixou. Surpreende, então, ao observador menos avisado, a capacidade de resistência da Noroeste e a vontade de realizar dos seus homens. É admirável ver como as suas oficinas, ainda mal aparelhadas, fabricam unidades de passageiros e carga, reformam totalmente grandes e pequenas locomotivas, praticando um sem-número de serviços especializados nos domínios da mecânica e da eletricidade, provendo o grande par-

que ferroviário da maior parte dos utensílios exigidos, ao tempo em que mantém um aprendizado para a formação de técnicos. Os comboios de carga e passageiros trafegam regularmente entre Bauru e Pôrto Esperança, Campo Grande e Maracaju, Araçatuba e Lussanvira, numa extensão total de 1.539 quilômetros, dentro, é claro, das modestas possibilidades da Estrada e das regiões atravessadas. Viajamos em todo esse trajeto e podemos dizer que, «malgré-tout», os trens da Noroeste não são muito menos confortáveis que os de grandes ferrovias que servem a Capital da República. E risto não vai nenhum exagero. A intensa poeira que se levanta em quase todo o longo percurso de Três Lagoas a Aquidauana, compromete, porém, a boa ordem das composições. Um trem saído de Bauru chega a Pôrto Esperança em: es-

tado lastimável. Surge aí o angustiante problema do empedramento da linha, enfileirando-se entre os de mais urgente solução. Embora lentamente, vem sendo resolvido, e pouco a pouco aparecem os trechos bem calçados, ao lado dos trabalhos de retificação que se procedem e das substituições de trilhos, no intuito de dar maior segurança ao tráfego. Em 1947 foram empedrados mais de 60 quilômetros de linha e substituídos 140 quilômetros de trilhos, com as verbas da Estrada.

Há que realizar, ainda, a melhoria do material rodante, de preferência dos carros destinados ao serviço de passageiros, dotando a Estrada de vagões modernos, atendendo a que a distância da linha tronco, de 1.273 quilômetros, percorrida em dois dias e duas noites de contínuo e exaustivo viajar, reclama um

O ramal de Ponta Porã, que mais tarde será prolongado até Concepción, no Paraguai, está sendo construído em caráter definitivo. Linha férrea, obras de arte, prédios e serviços acessórios oferecem o aspecto das coisas feitas com fundamento nas exigências do futuro. Sua construção acha-se inteiramente a cargo da Construtora Somacofe S. A. Nesse novo ramal, que atravessa área de terras magníficas da bacia do Rio Paraná, os trens já circulam regularmente até a cidade de Maracaju, no kl. 151. Em baixo vemos a ponte sobre o Rio Brilhante, em concreto armado, transposta no momento pelo comboio que se destina àquela cidade matogrossense, que fica a meio caminho de Ponta-Porã.





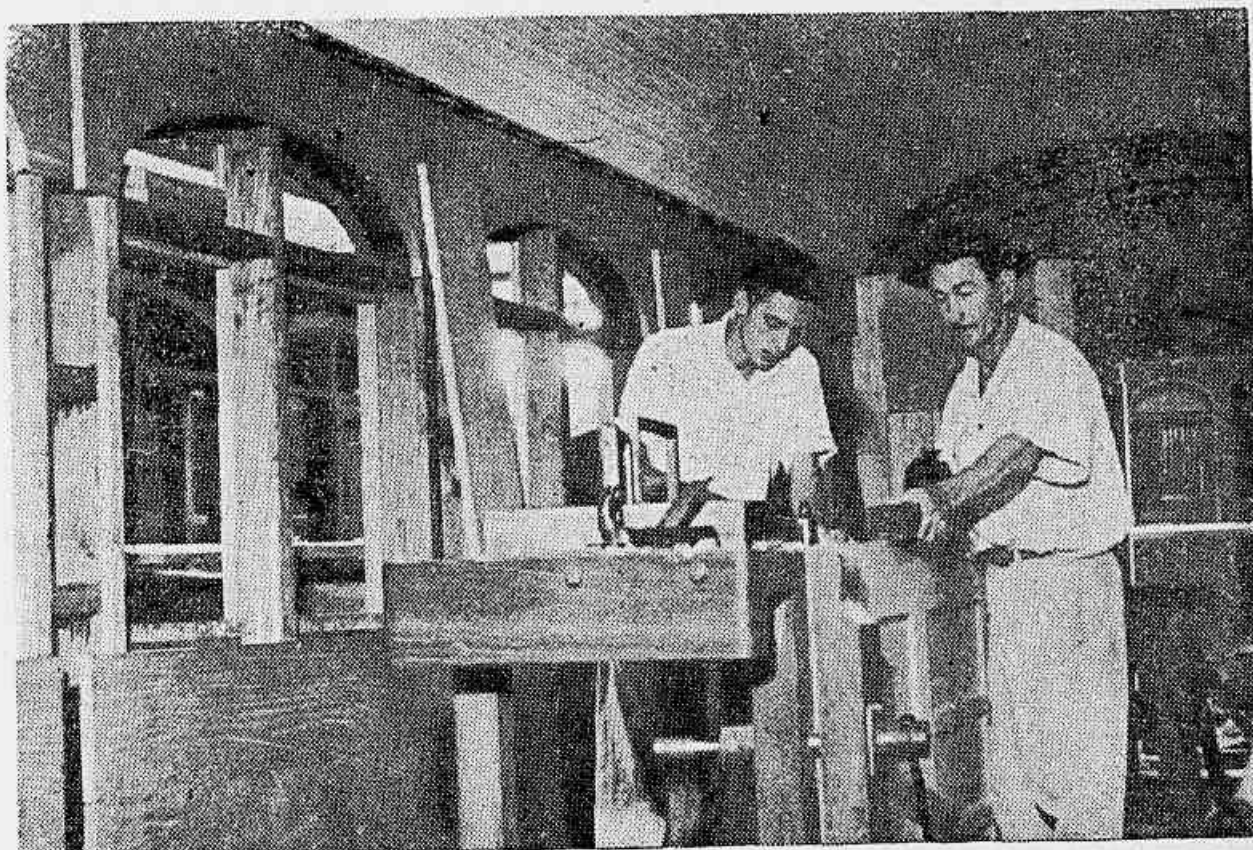
Demonstrando vitalidade, as oficinas da Noroeste dedicam-se à fabricação de unidades de passageiro e de carga. Porfiando contra a notória deficiência de rendas, o que resulta na pobreza do material rodante, sempre mais escasso pelo constante aumento do tráfego, a Estrada consegue refazer-se em parte, embora pequena, com o esforço próprio e o empenho dos seus homens em bem servi-la. A fotografia acima reproduz uma série de carros em construção, vindo-se na de baixo uma cena de trabalho no interior de um vagão prestes a ser concluído. Não obstante esse desempenho, as oficinas da Estrada ainda

maior conforto para o viajante. Notamos que a Noroeste está melhor aparelhada para o transporte de carga (com exceção do de gado em pé) do que para o de passageiros. Dêstes recolhemos numerosas opiniões, umas veementes outras compreensivas, a maioria, entretanto, capaz de reconhecer à Estrada as atenuantes de uma culpa que afinal não lhe cabe. Tais restrições atingiram, com as mesmas alternativas, o serviço de refeições em viagem, algo deficiente, todavia sofrendo os males do longo percurso. Procurando conhecer as causas dessa deficiência, observamos que o pessoal do carro-restaurante não é substituído, chegando ao término da viagem verdadeiramente estropeado, mal dormido e reduzido em sua capacidade física pelo trabalho incessante e duplamente oneroso nas condições em que é praticado. O revezamento de duas turmas resultaria em mais prestante serventia e num melhor preparo dos alimentos. Quanto à alimen-

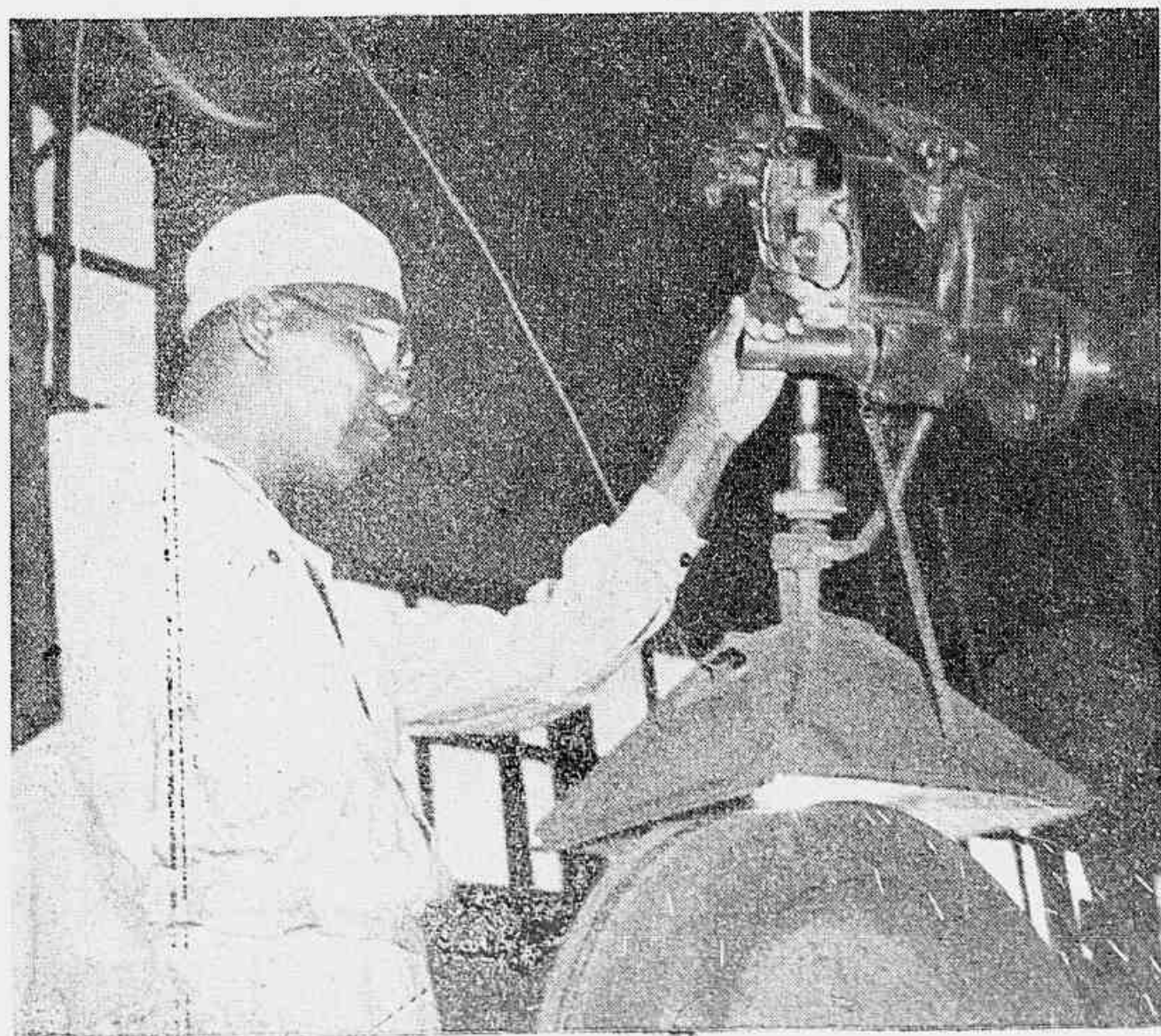
tação fornecida, apesar das críticas chegadas ao repórter, nada vimos de desabonador. Não sabemos se devido à presença do repórter... Registramo-las mesmo assim, por dever de ofício.

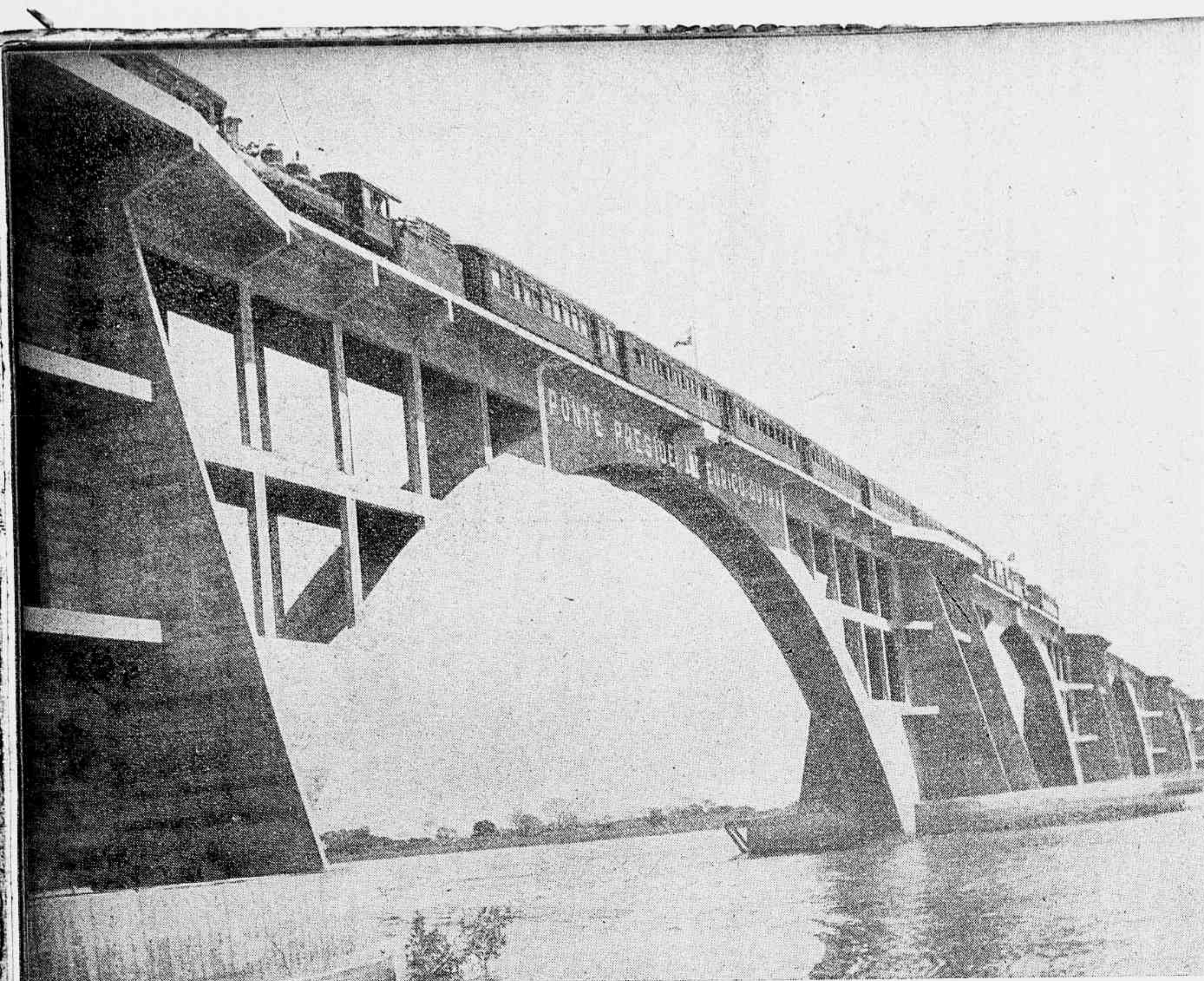
A NOROESTE TEM GRANDES COISAS, LEITORES. VEJAM COMO SE FAZ ASSISTÊNCIA SOCIAL

A Noroeste do Brasil é desconhecida em muitos dos seus aspectos mais modernos, destacando-se entre estes os serviços de assistência social que presta aos quase sete milhares de trabalhadores e suas famílias, esplêndida organização que nos surpreendeu inteiramente, tão completa se mostrou aos nossos olhos. Houve mesmo momentos de agradável emoção, que recordamos com prazer, ao visitarmos o Educandário Anita Costa, a mais recente criação daquele importantíssimo



Em baixo — A esquerda, um operário especializado maneja a soldadeira elétrica para restauração de frisos de rodas. As oficinas da Noroeste prestam uma colaboração inestimável à ferrovia, sustentando em tráfego grande parte de um material rodante e de tração assás comprometido por tantos anos de uso ininterrupto. A direita, um funcionário do tráfego refazendo-se num dos postos de alimentação gratuita mantidos em diversos pontos da linha. Refeições abundantes e substanciais sucederam às precárias marmitas e agora o pessoal dos trens em trânsito encontra naqueles postos a comida boa, variada e bem feita, que restaura as forças e proporciona maior rendimento no trabalho.



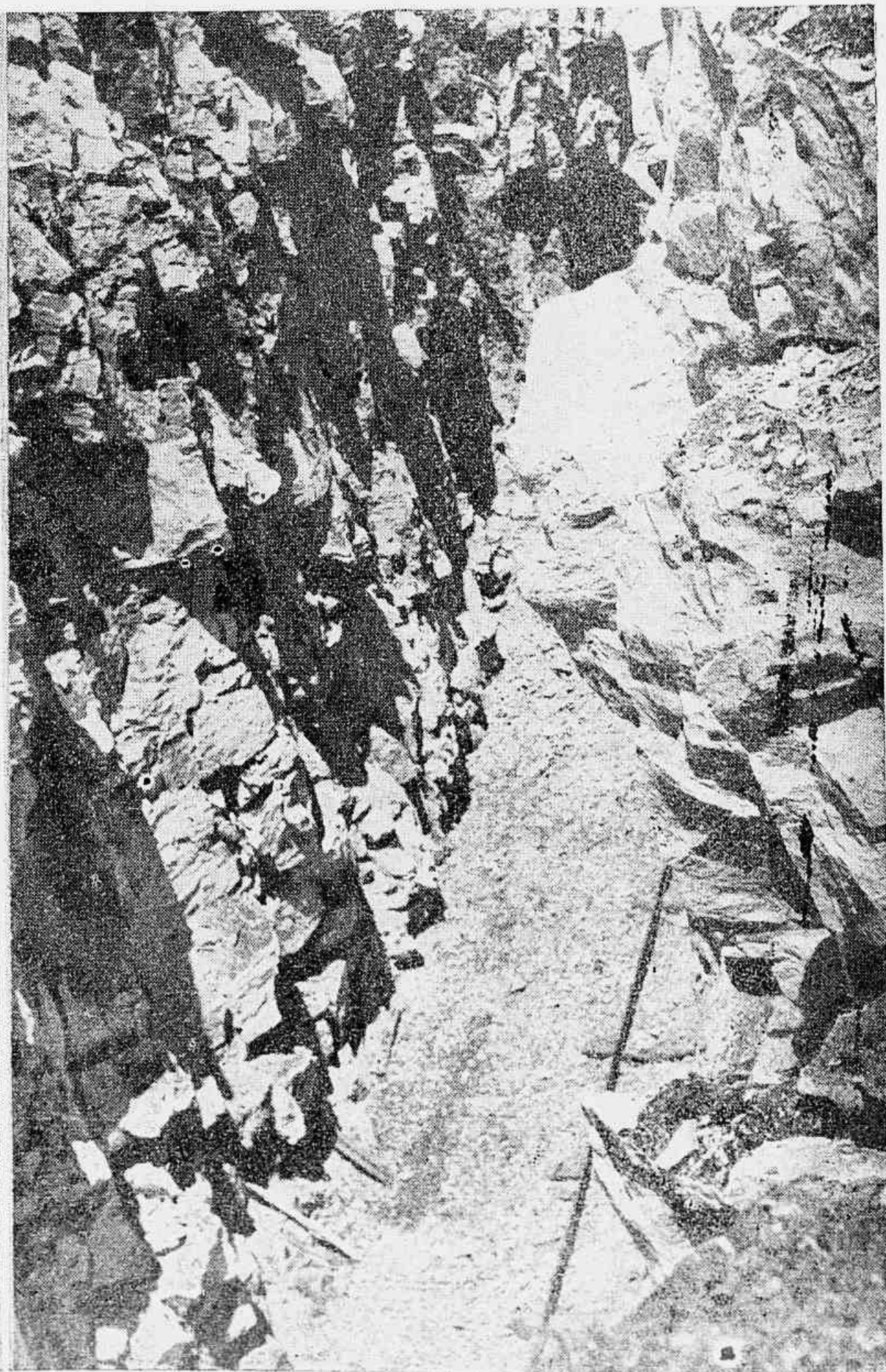
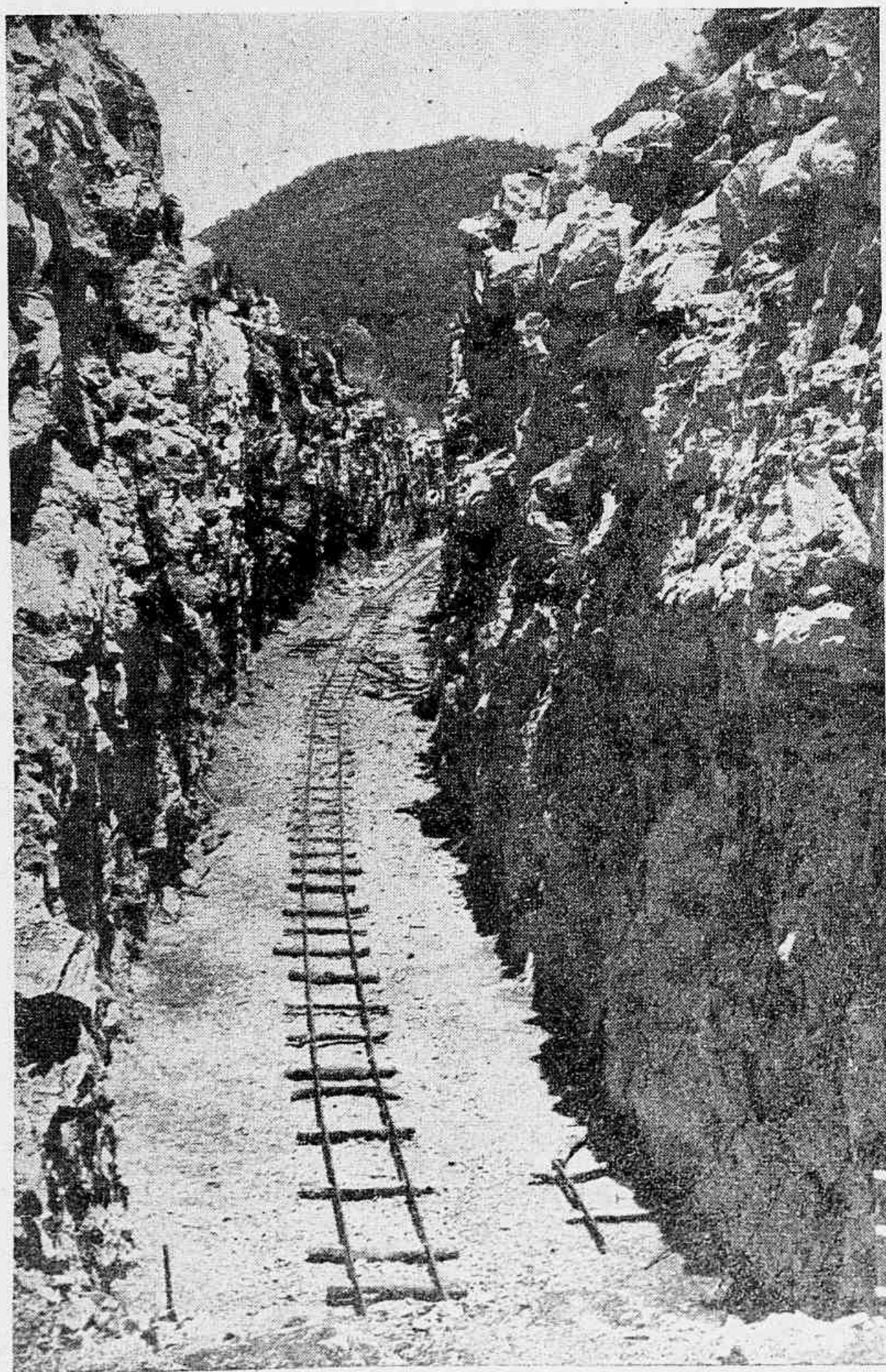


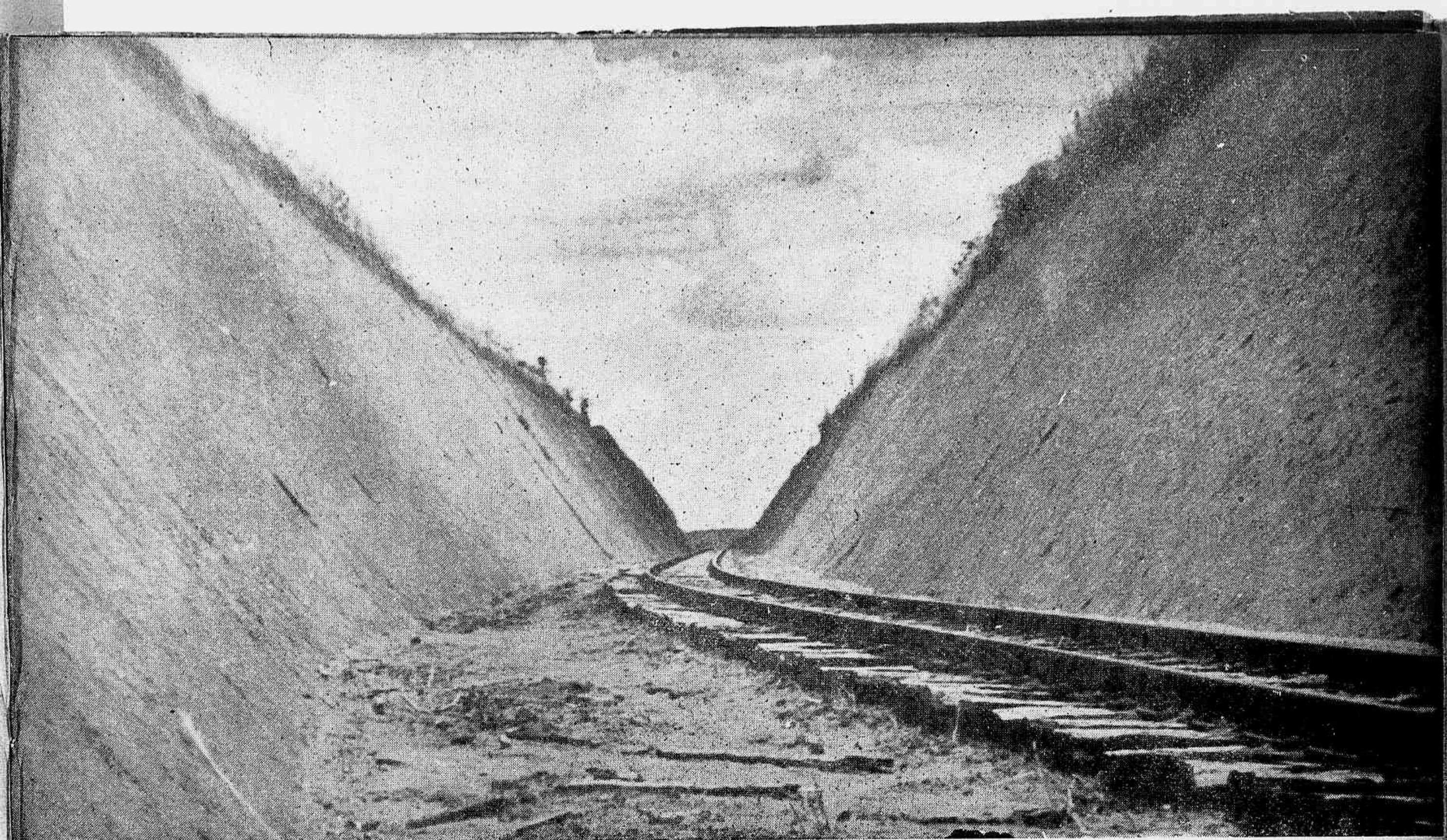
setor da Estrada, realizada sob a inspiração do seu atual diretor. Recebendo um prédio quase em ruínas, a Noroeste transfigurou-o num recanto compatível com os seus piedosos desígnios. Ali encontram abrigo cerca de setenta meninas desprotegidas da sorte, da mais tenra idade aos 14 anos, entregues aos desvelos e carinhos que os fados lhes roubaram. Atingida a idade escolar, recebem instrução primária e secundária e, de acordo com suas aptidões, aulas de música, corte e costura, bordados, prendas domésticas, vivendo com todo o conforto que se deve dispensar aos seres humanos.

Os serviços de assistência social da Noroeste desdobram-se em dois hospitais médico-cirúrgicos, um hospital-sanatório para tuberculosos, oito postos médicos, todos possuindo instalações modernas para clínica geral e cirurgia, clínica dentária, radiologia, fisioterapia, prótese dentária, farmácia, curativos, e se acham espalhados ao longo da linha. Postos de alimentação foram criados para fornecer gratuitamente refeições fartas e saudáveis ao pessoal dos trens em trânsito. Estivemos em um desses postos e vimos muitos homens, num ambiente asseado e de franca camaradagem, servindo-se de uma comida excelente e variada, de fazer inveja aos habitantes do Rio de Janeiro...

A propósito desses serviços de assistência ao trabalhador da Noroeste, queremos reproduzir aqui um trecho do discurso proferido em Bauru, no dia 25 de fevereiro último, pelo seu diretor, o coronel José de Lima Figueiredo. É um depoimento que apontamos ao exame dos homens de boa vontade. Ei-lo: «A Estrada não poderia viver sem este indispensável Departamento. Confiei-o a um médico competente e nele trabalho pessoalmente, ouvindo a todos que me pro-

Imponente vista parcial da Ponte Presidente Eurico Dutra sobre o Rio Paraguai, recentemente inaugurada pelo Presidente da República, trampolim que permitiu a ligação da linha tronco da Noroeste com o ramal de Corumbá, a ser concluído no próximo ano. Essa ponte, uma das maiores obras da engenharia nacional, foi construída pela firma Leão, Ribeiro, S. A. Em baixo — Duas vistas da construção do ramal de Corumbá na parte que está a cargo da Construtora Leão, Ribeiro S. A. Os cortes que aparecem nas gravuras, cavados em rochas de duríssimo calcáreo, falam por si das tremendas dificuldades encontradas pelos seus construtores. Todavia, os trabalhos se acham em fase de grande adiantamento, e dentro em breve a progressista cidade matogrossense estará incluída na órbita de influência da Noroeste do Brasil, possivelmente até fins do ano próximo.





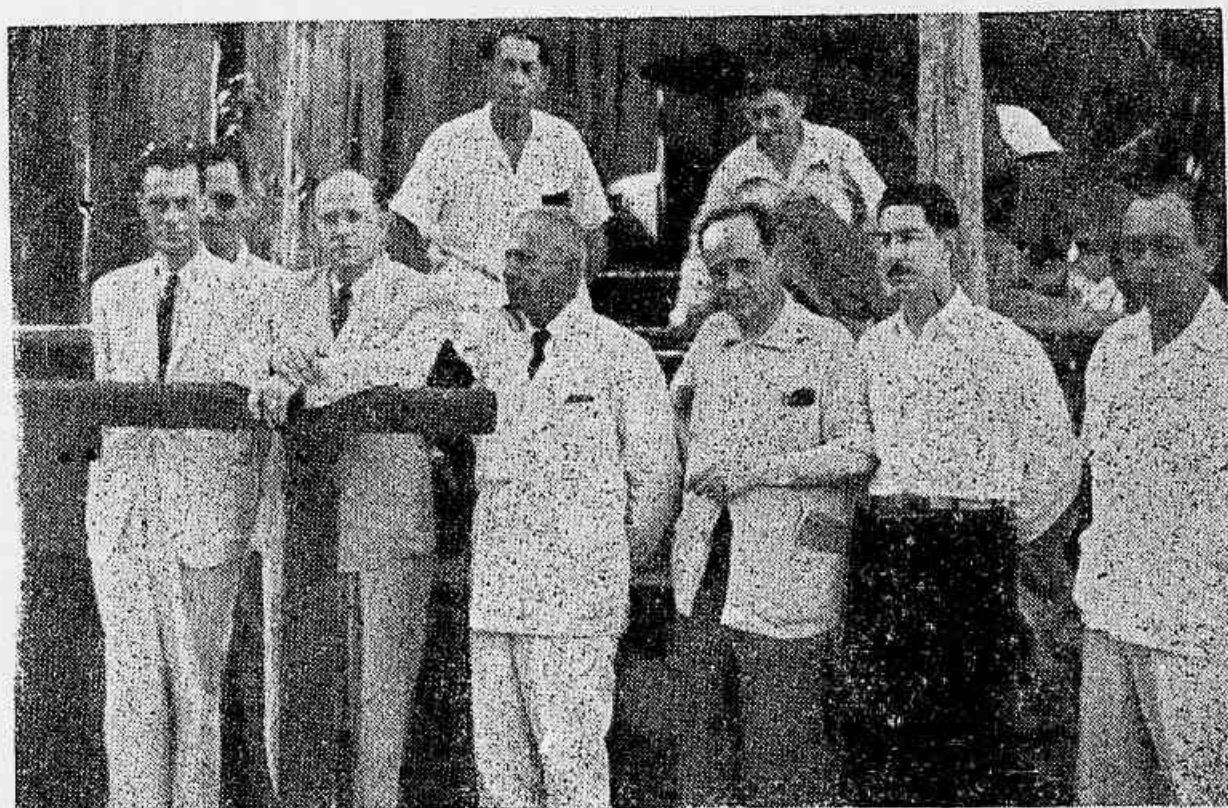
Vista parcial do corte do kl. 95, na variante Mirante Guaicara, cujos trabalhos de construção estão sendo ultimados no trecho compreendido entre Pirajui e Guarantã, prosseguindo daí até Ricardo Werneck e se prolongando a Lins, o grande centro cafeeiro de São Paulo. A direção da Estrada espera concluir em 1949, se não lhe falecerem os recursos, esse empreendimento de avultada significação para o seu ressurgimento econômico. Em baixo, ao lado — Flagrante obtido durante uma visita de inspeção ao ramal de Corumbá, vendo-se o cel. Lima Figueiredo, os engenheiros João Machado, chefe da firma J. O. Machado & Cia. Ltda., e Ary Duarte da Silva, chefe da 3.ª Divisão da Estrada.

curam, ora pagando operações cirúrgicas e receitas médicas, ora facilitando a ida de doentes a estações de bom clima, ora contribuindo para restaurar a situação financeira dos que se acham em dificuldades, ora proporcionando viagens aos que querem visitar a família em lugares longínquos, ora facilitando casamentos, ora amparando viúvas e órfãos de ferroviários, ora aconselhando e animando os que sofrem. Este é, fora de dúvida, um raro exemplo de solidariedade humana.

A BATALHA DOS TRANSPORTES NOS CAMINHOS DO OESTE

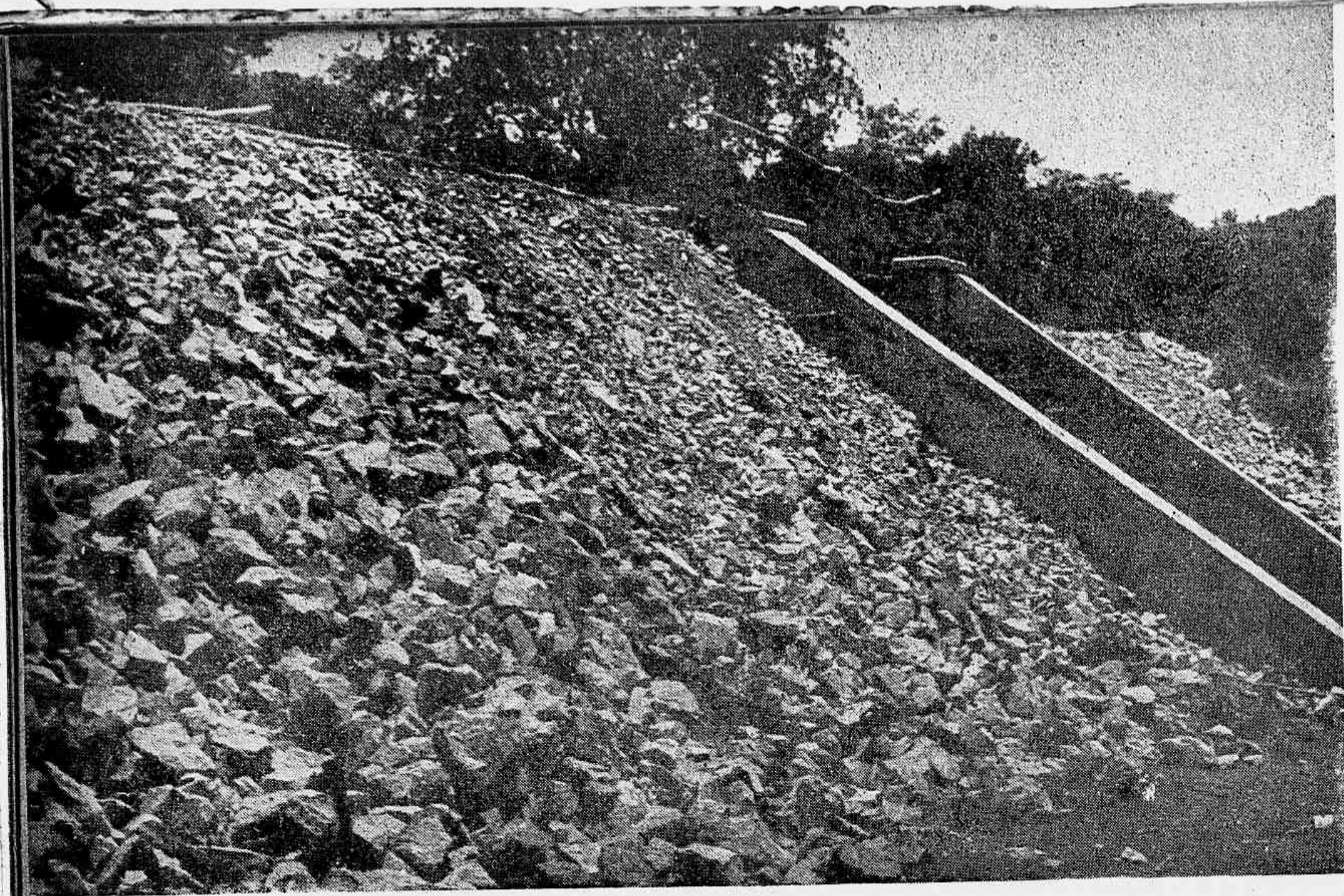
Na batalha dos transportes da ampla zona a que serve, a Noroeste, apesar das suas deficiências, contribui com uma parcela considerável para a vida econômica da extensa região. Não afirmamos, contudo, que atenda inteiramente às necessidades locais, no que concerne

ao escoamento de toda a produção, inclusive da safra bovina. Neste particular ouvimos fundadas queixas de pecuaristas. A direção da Estrada alega que o transporte de gado é deficitário não interessando adquirir maior número de gaiolas (carros próprios para a condução de gado em pé). Estamos em desacôrdo com esse ponto de vista. Quer-nos parecer que ao Governo assiste a obrigação de compensar os prejuízos da Estrada com o transporte de gado, dando uma subvenção para esse fim. E por que não fazê-lo, quando os grandes mercados consumidores internos sofrem da escassez do produto, que é, afinal de contas, a maior fonte de riqueza das terras matogrossenses? Fala-se muito em fomento de produção; pois esta é uma forma de fomento, e das mais acertadas, eis que se destina a dar saída à produção acumulada, pela qual tanto anseiam os centros de consumo.



Em baixo — A esquerda, serviços de alargamento do corte para construção da estação do kl. 80, no trecho Pirajui e Guarantã. A direita, assentamento de trilhos no trecho de Guarantã a Ricardo Werneck. O trabalho é árduo e penoso, operado de sol a sol por homens experimentados em construções de estradas e sob a responsabilidade de empresas construtoras especializadas. Os serviços dessa variante são executados pela firma J. O. Machado & Cia. Ltda., que se vem desincumbindo da construção das variantes projetadas entre Baurui e Araçatuba, e ainda tem o encargo da execução do trecho sobre o pantanal que sai de Porto Esperança e segue na direção de Corumbá, pelo novo ramal.





Em 1947 a Noroeste transportou quase dois milhões de passageiros, mais de 600.000 toneladas de carga, conduzindo, apesar da carência de vagões adequados, o número «record» de 234.980 cabeças de gado em pé. Circularam 38.633 trens percorrendo além de cinco e meio milhões de quilômetros. Desses trens, 22.048 estiveram a serviço do público, os restantes a serviço privado da Estrada. A média diária de 60,4 trens remunerados quer dizer muita coisa naquelas paragens, é contribuição de primeira ordem para a vida da região. Que ainda é pouco, não contestamos. Contudo, é convicção geral que a Estrada não dá mais porque suas reservas estão esgotadas.

A ESTRADA QUE DEU TUDO PRECISA QUE LHE DEEM AGORA

Participamos do consenso unânime, e depois de tudo o que vimos nos colocamos, com a desvalia da nossa palavra, ao lado da Estrada na luta que empreende pela sua sobrevivência, defendida por um grupo de homens mal pagos mas nem por isso fracassados. Trabalham eles corajosamente para manterem a Estrada num nível médio de eficiência, o que lhes confere o direito de pedir, de exigir do Governo os meios

para melhor proverem a sua subsistência, para aumentarem e modernizarem os recursos materiais da ferrovia, pondo-a em condições de satisfazer aos reclamos da coletividade. Esse é o objetivo atual dos homens da Noroeste, que agora, capitaneados por Lima Figueiredo, empreendem a ofensiva que lhes abrirá as portas da compreensão racional.

Pois a verdade é que a Estrada não pode sustentar os encargos decorrentes dessa fase de inadiáveis reformas sem o auxílio dos poderes públicos, não somente destinados ao financiamento de obras novas, mas a fornecerem os remédios necessários à restauração do seu organismo exausto, mormente quando outras ferrovias, servindo a zonas privilegiadas, pesam anualmente nas finanças da União com os seus custuréis «deficits». E todos sabem que a Noroeste é deficitária, é forçosamente deficitária, embora ofereça episódios que se chocam profundamente contra a indistigável realidade. Um desses incidentes de falsa interpretação, fomos encontrar no balanço do exercício de 1947, fechado com um «deficit» de somente 320.000 cruzeiros. Porventura teria a Estrada provido as suas necessidades, a tal ponto que as rendas próprias lhe bastassem? E' claro que não. Apenas apertou o

cinto, num louvável esforço para manter a exação orçamentária. Toda empresa carece de um roteiro econômico, cumprindo segui-lo para não descambar à deriva. No caso, porém, esse equilíbrio, fruto de boa conduta administrativa, — todavia paradoxalmente desastroso à Estrada, alcançado que foi mediante a sufocação dos mais legítimos anseios e à custa de danosos sacrifícios da sua restauração e expansão material, — não anula, mas reforça as razões militantes em favor da pretendida ajuda financeira. E' de bom alvitre salientar o contraste dessa ilusória estabilidade com a existência efetiva da situação em que se debate a Estrada, para que as aparências não comprometam a verdade dos fatos.

SENHORES DO GOVERNO, OS TRABALHADORES DA NOROESTE PASSAM FOME!

Entre esses, de dolorosos efeitos, está situado o magno problema do aumento de salários do pessoal, que representam grave injustiça, origem das inquietações que vez por outra agitam os servidores da Noroeste e cuja solução foge por completo às suas possibilidades normais. Do amudado contacto que mantivemos com o operariado, com o pessoal do tráfego

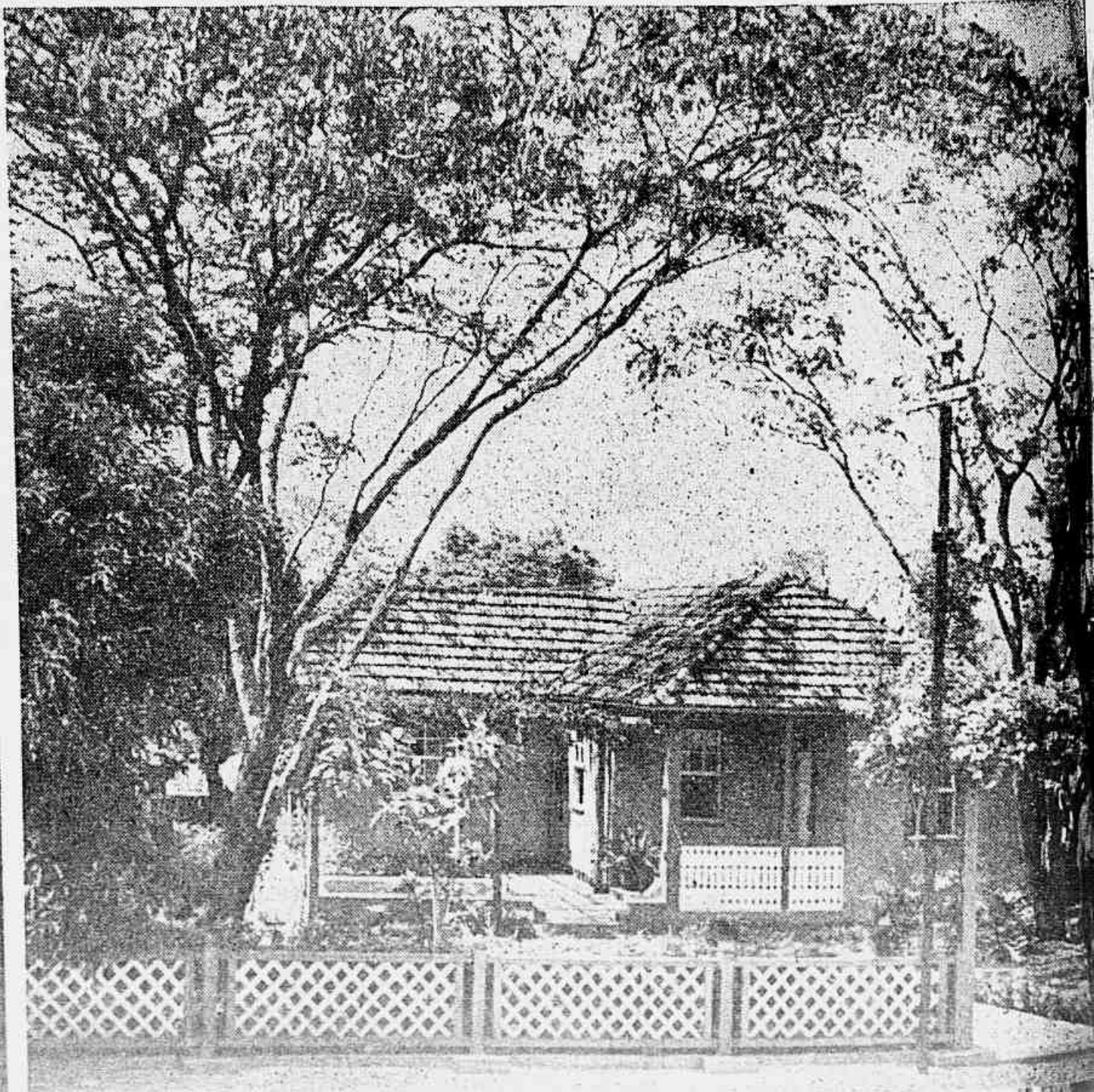
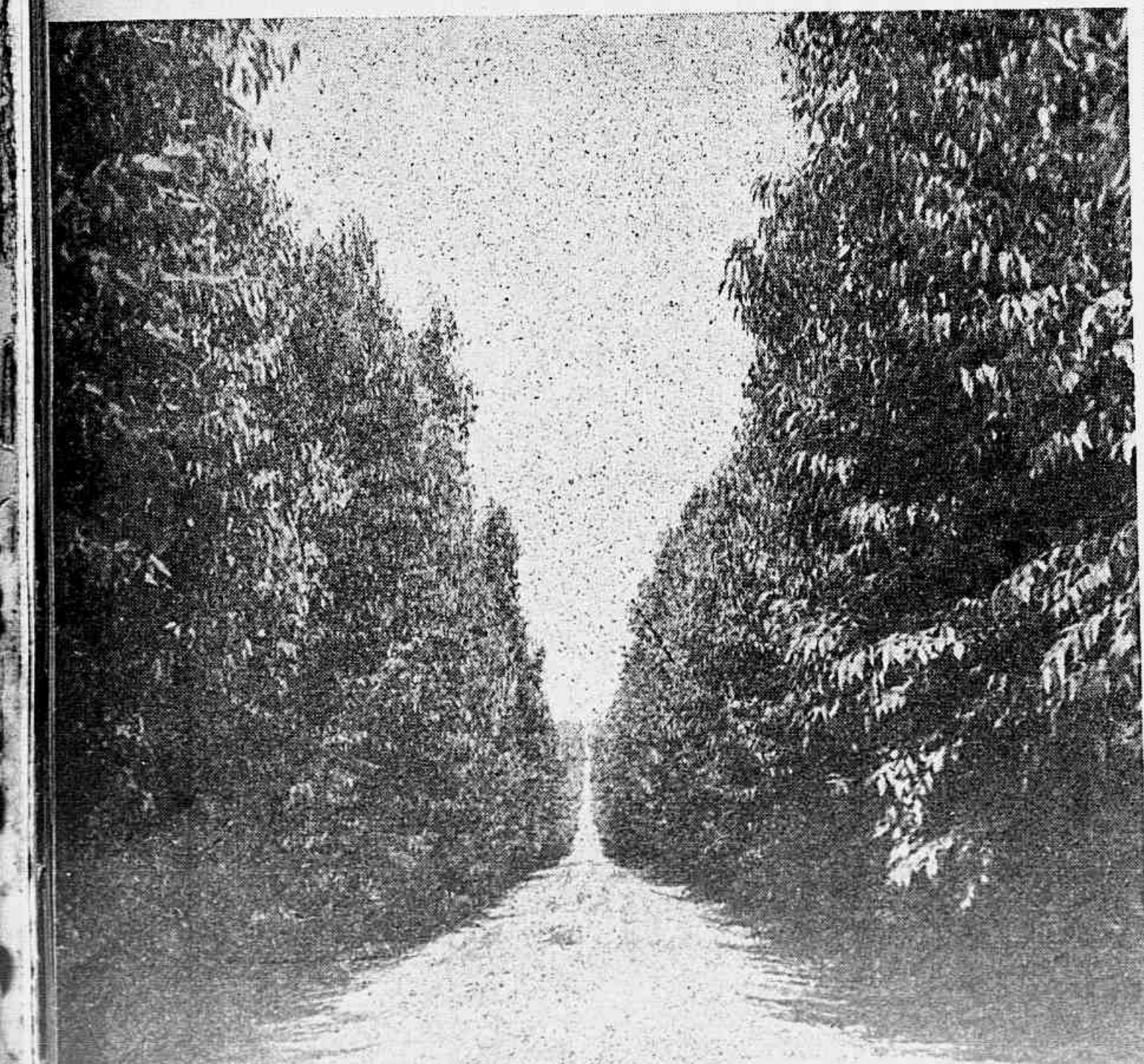
A esquerda — Este boeiro foi construído com atêrro de minério de ferro das montanhas de Urucum, em Corumbá, cujo ramal as atravessa em determinado ponto. A natureza áspera do terreno e a escassez de verba têm retardado a conclusão da linha tronco da Noroeste, ligando Porto Esperança a Corumbá.

e com os trabalhadores no curso da linha, recolhendo uma nítida impressão de eficiência, disciplina e dedicação ao trabalho (o deputado Guaracy Silveira, que esteve em viagem de estudos na Noroeste, isto mesmo declarou da tribuna da Câmara), ficou-nos a certeza de que aqueles homens não poderão suportar por tempo indefinido o baixo nível atual de remuneração, quando o custo da vida sobe dia a dia, sobe sempre, precedendo o cortejo sombrio da fome e da miséria. Eles nos disseram: — «O nosso problema resume-se em um pouco mais de pão». Na singeleza desta frase vai um grito da alma que precisa ser ouvido pelo Governo, a quem compete fornecer os meios para corrigir a situação. O decreto federal 8.512, de 31-12-1945, aumentou os vencimentos do pessoal titulado, deixando milhares de trabalhadores extranumerários em chocante desigualdade de remuneração. Aquêles são funcionários da União e como tal já se avizinham de novo aumento (e desejamos frisar que o consideramos justo, porque mesmo os titulados da Noroeste são mal pagos). Os outros — a grande maioria — são empregados da Estrada, amargando até hoje o pão que o diabo amassou, porque a ferrovia não lhes pode dar mais um centavo. No entanto, se o Governo pagasse o pessoal titulado, como faz, por exemplo, com o da Central do Brasil, a Noroeste seria permitido o encargo da suspirada elevação de salários. Ambas as estradas são autarquias, ambas patrimônio nacional. Ignoramos os fundamentos das duas atitudes. Importa saber é o sofrimento que acarretam a esses milhares de trabalhadores e suas famílias, cuja esperança não devem os governantes consentir se transmute em definitivo na desilusão das coisas mortas...

APESAR DE TUDO, A MARCHA NÃO FOI INTERROMPIDA

A Noroeste do Brasil estende atualmente as suas linhas em duas direções, como já dissemos, e promove as importantes retificações do trecho compreendido entre Bauru e Araçatuba. São obras de vulto, nas quais é utilizado o sistema de empreitadas, confiadas a firmas nacionais de reconhecida competência e probidade funcional. O prolongamento de Porto Esperança a Corumbá, que fará

A Noroeste do Brasil criou um Serviço Florestal próprio, com o fim especial de produzir madeira para lenha, dormentes, postes e outras utilidades, dada a escassez das matas adjacentes, fadadas a um completo desaparecimento. Dois milhões de pés de eucaliptos já estão plantados, representando uma reserva florestal de inestimável valor para o abastecimento futuro de combustível à Estrada, cujo plano de reflorestamento inclui a criação de serviços semelhantes em vários pontos da linha, tanto no trecho de S. Paulo como no de Mato Grosso. Nas fotos em baixo, podemos apreciar uma extensa ala de eucaliptos e a sede do Horto de Araribá, que é um dos mais importantes setores da Noroeste.



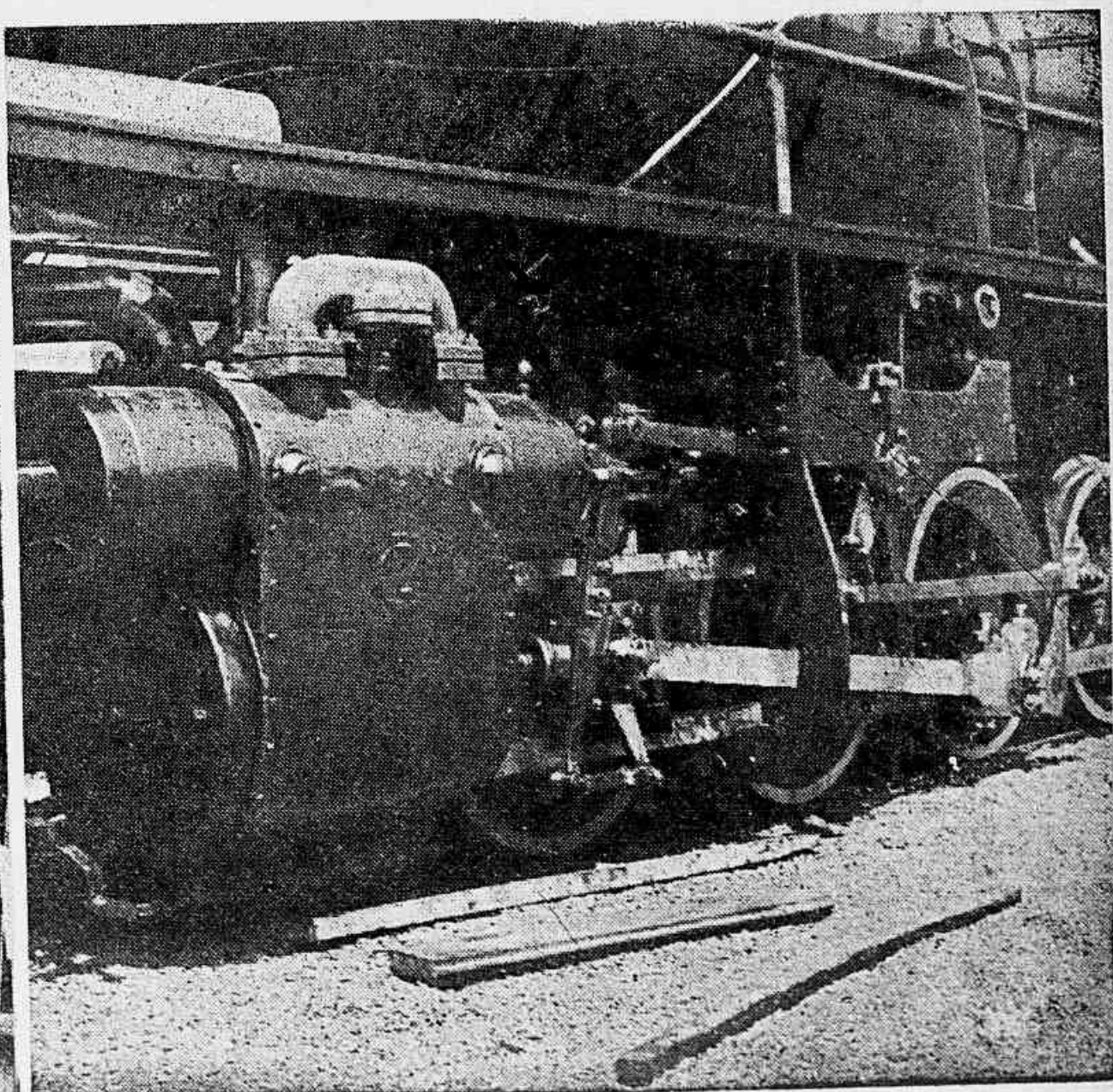
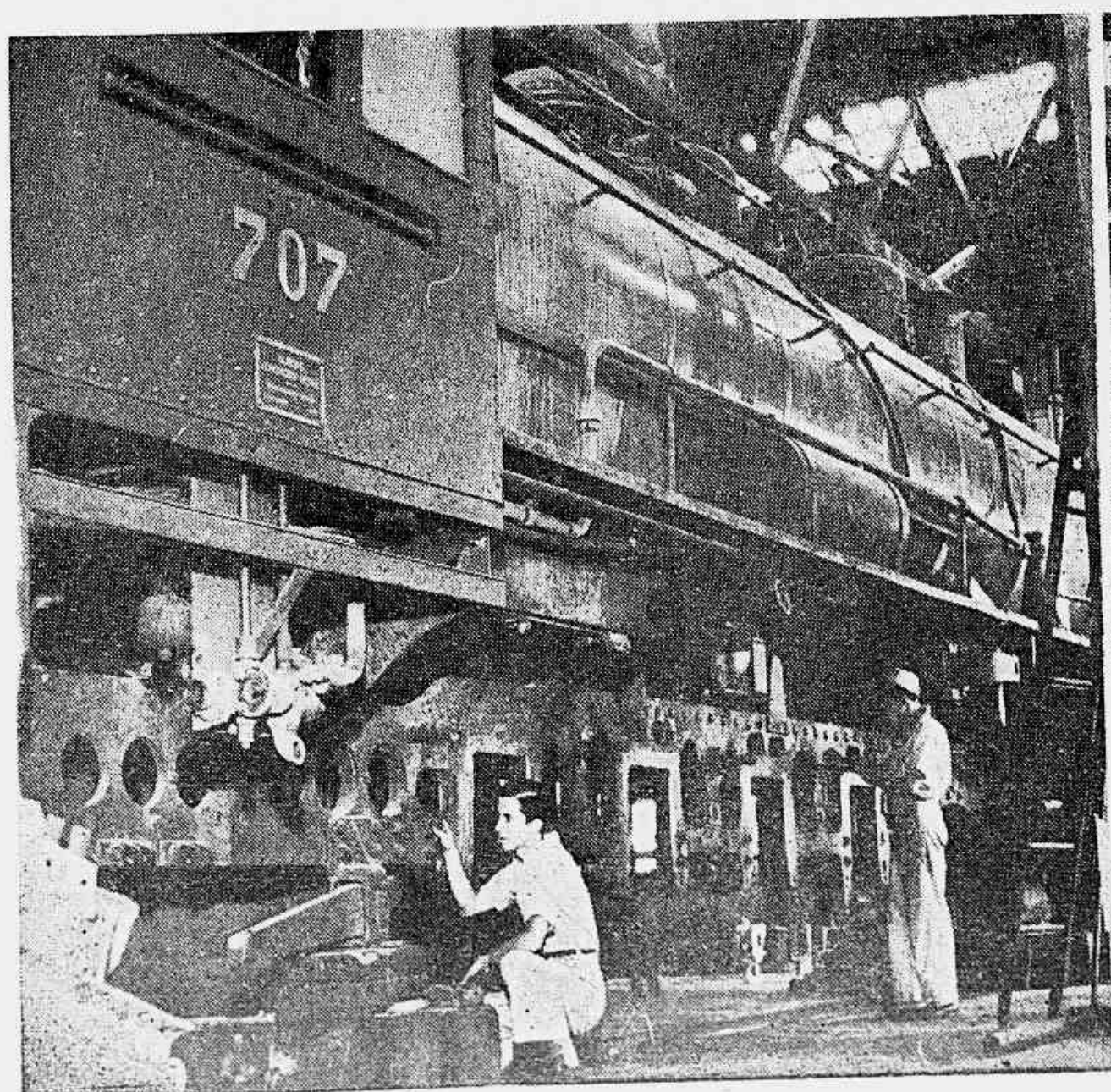
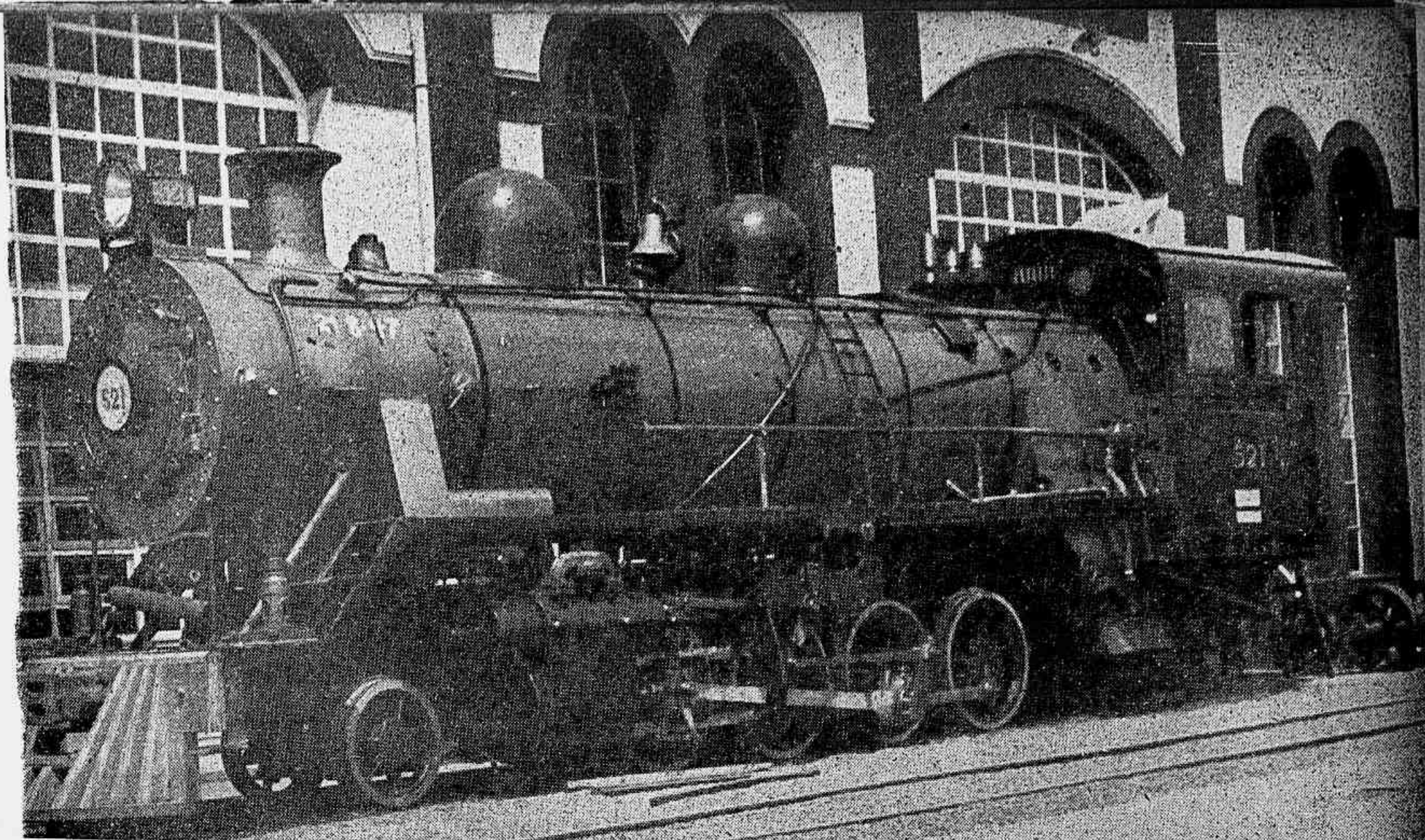
A direita — Na primeira foto, vê-se a locomotiva 521 após deixar as oficinas, inteiramente reformada, atestando o grau de eficiência técnica dos operários da Noroeste. Na segunda fotografia, aparece a possante e moderna locomotiva 801, juntamente com os operários que trabalharam na montagem desse gigante de aço.

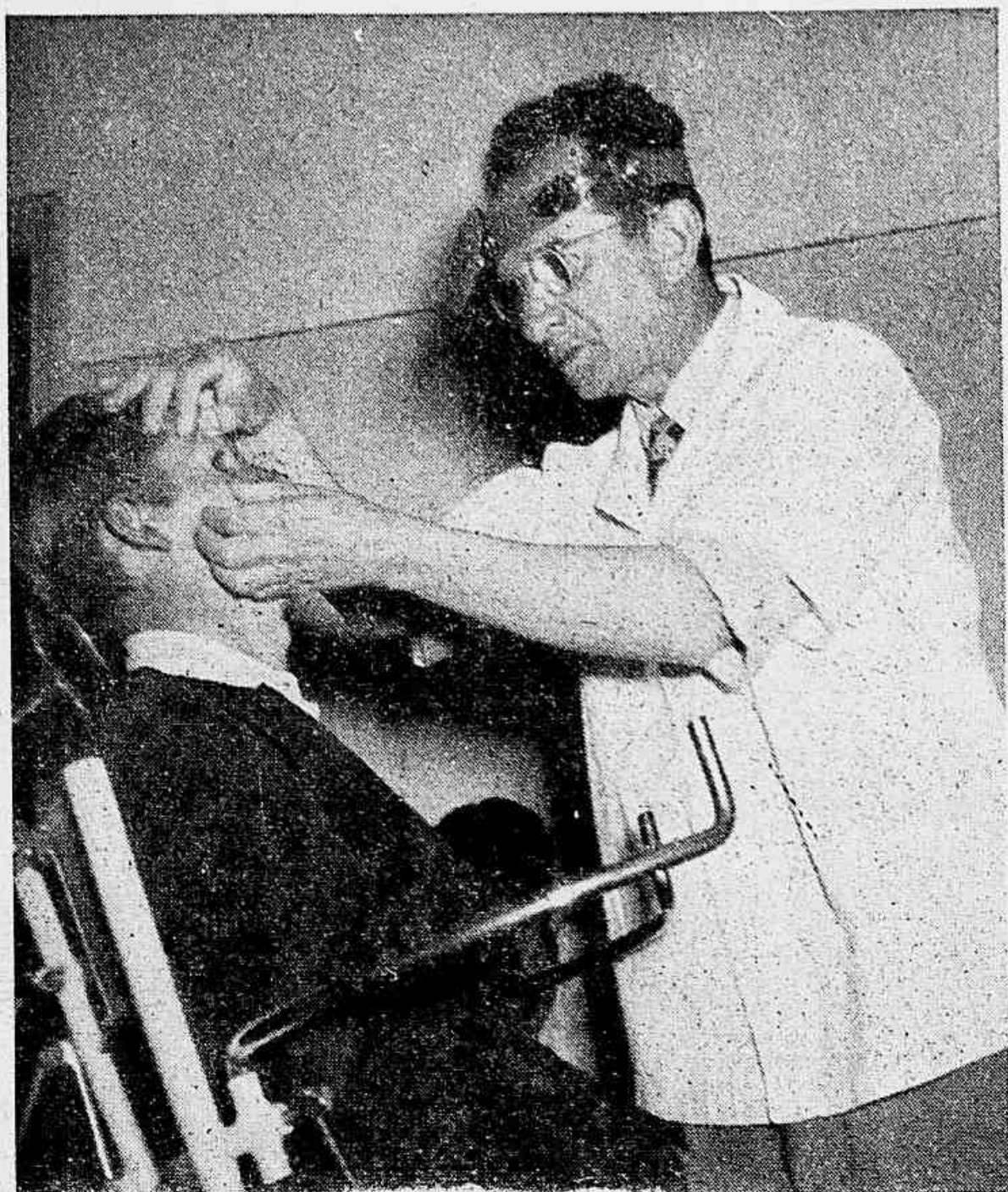
ligação com a Brasil-Bolívia, cuja extensão é de 77.887 quilômetros, está sendo atacado em dois sub-trechos, um a cargo da Construtora Leão, Ribeiro S. A., de 53.800 quilômetros, e o restante à firma J. O. Machado & Cia. O primeiro desses trechos atravessa rochas de duríssimo calcário e as montanhas de ferro e manganês de Urucum, o que sobrenodo dificulta e retarda os serviços. No segundo, a natureza pantanosa da maior parte do terreno acarreta novos obstáculos. Todavia, os trechos em construção se encontram na fase final dos trabalhos de terraplenagem, apenas embaçados por 17 quilômetros de leito sobre o pantanal, onde deverão ser construídas diversas obras de arte especiais, inclusive três pontes grandes. No ramal de Campo Grande a Ponta Porã os trilhos já alcançaram o km 225, circuleando os trens até a cidade de Maracaju. Em maio corrente serão entregues ao tráfego mais 70 km de linha. A construção desse ramal está inteiramente confiada à Construtora Somacofe S. A. Paralelamente a essas obras vão sendo executadas as retificações da linha férrea, estando a variante Mirante-Guicara em pleno andamento, quase ultimada a construção do trecho entre Pirajui e Guarantã, prosseguindo daí a Ricardo Werneck, tudo a cargo da firma J. O. Machado & Cia. Ltda. A exiguidade de recursos concedidos para o custeio dessas obras deve-se a lentidão com que se arrastavam. Basta referir que no ano passado apenas onze milhões de cruzeiros foram destinados para os três serviços. No corrente ano, porém, as dotações orçamentárias conseguidas pela atual administração da Estrada asseguram bom rendimento, estando prevista para 1949 a terminação dos trabalhos.

OS HOMENS DA NOROESTE TÊM UM PROGRAMA A EXECUTAR

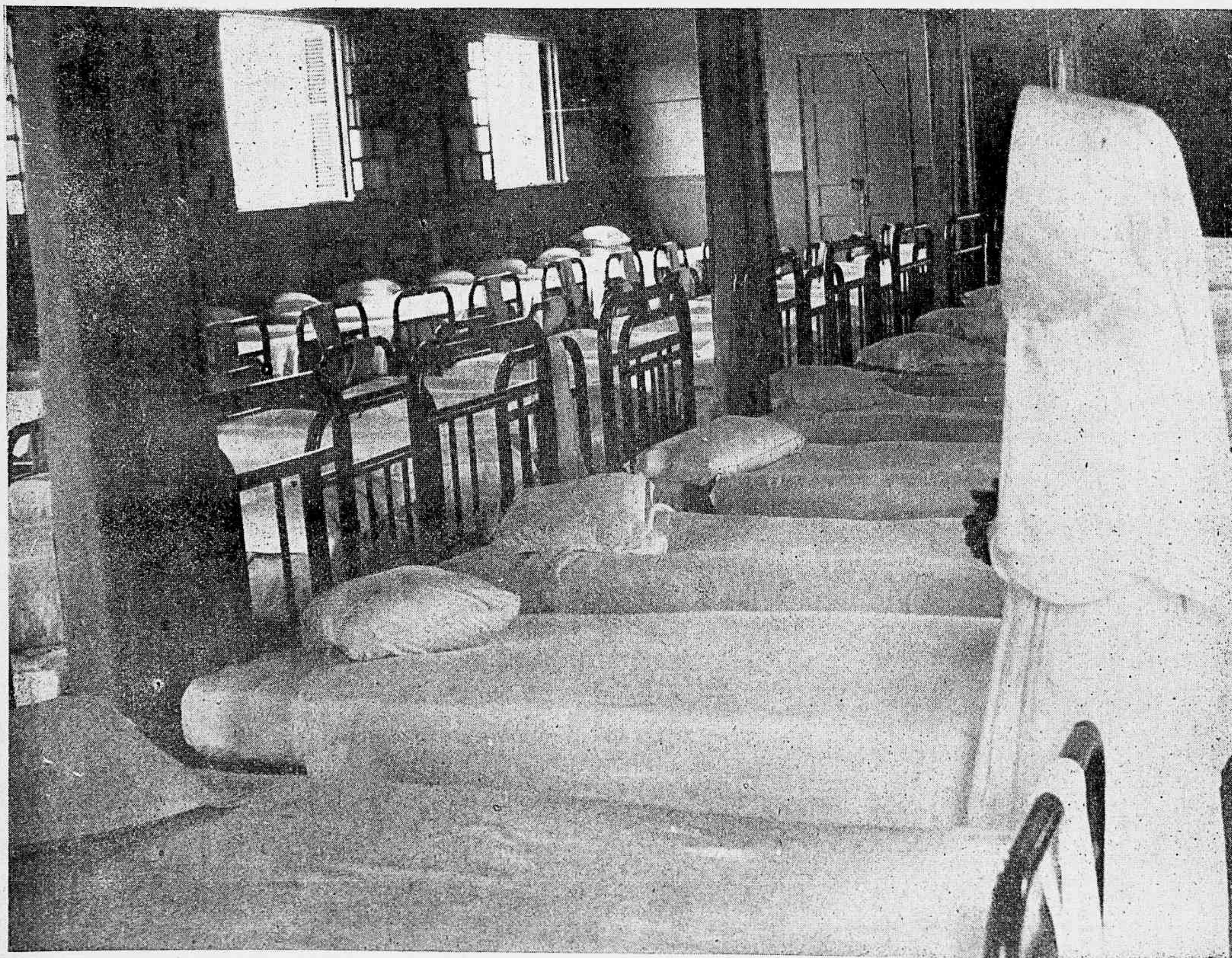
Há dois anos assumiu a direção da Noroeste do Brasil o coronel do Exército da arma de engenharia José de Lima Figueiredo. Salamos então do longo e obscuro período ditatorial, em que vigência os recursos da União eram movimentados pelo Poder único e absoluto. Nesse tempo, a Estrada obteve facilmente vultosas contribuições do Tesouro, apesar do que, Lima Figueiredo foi encon-

Em batxo — A esquerda, flagrante de uma máquina em fase de reforma, quasi totalmente desmontada. A parte inferior foi toda removida. Daí a algum tempo, surgirá como na foto à direita, nova e pronta para voltar ao serviço ativo, aliviando a carência de material de tração com que a Estrada se vê a braços. No primeiro semestre de 1947 foram reconstruídos ou reparados nas oficinas da Estrada 58 locomotivas, 99 carros de passageiros e 344 vagões de carga, revisados 471 veículos diversos, além de uma série incontável de outros serviços, inclusive construção de máquinas operatrizes, todos os tipos de móveis e utensílios de que necessita a ferrovia, afora os serviços de eletricidade e sinalização.

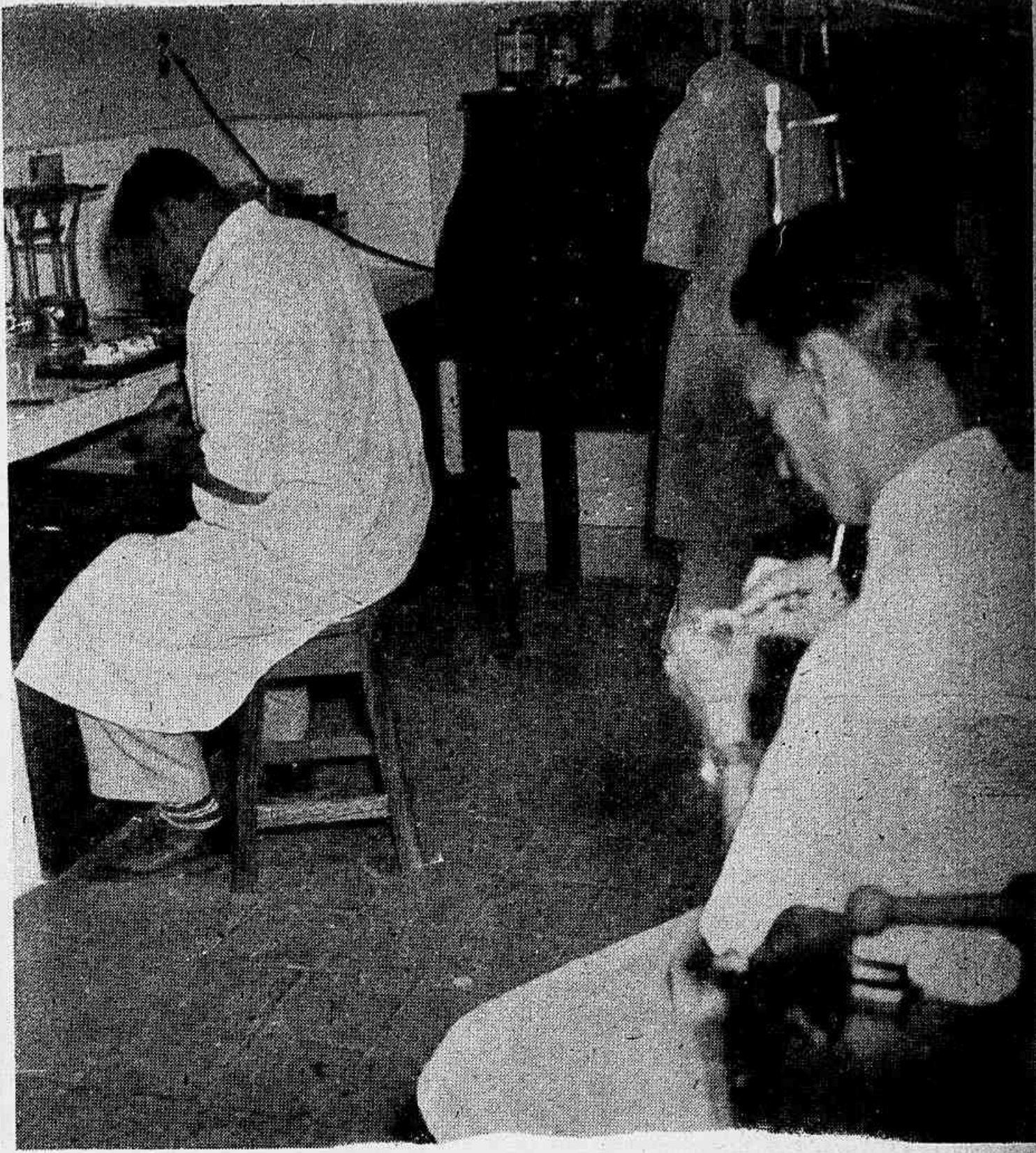
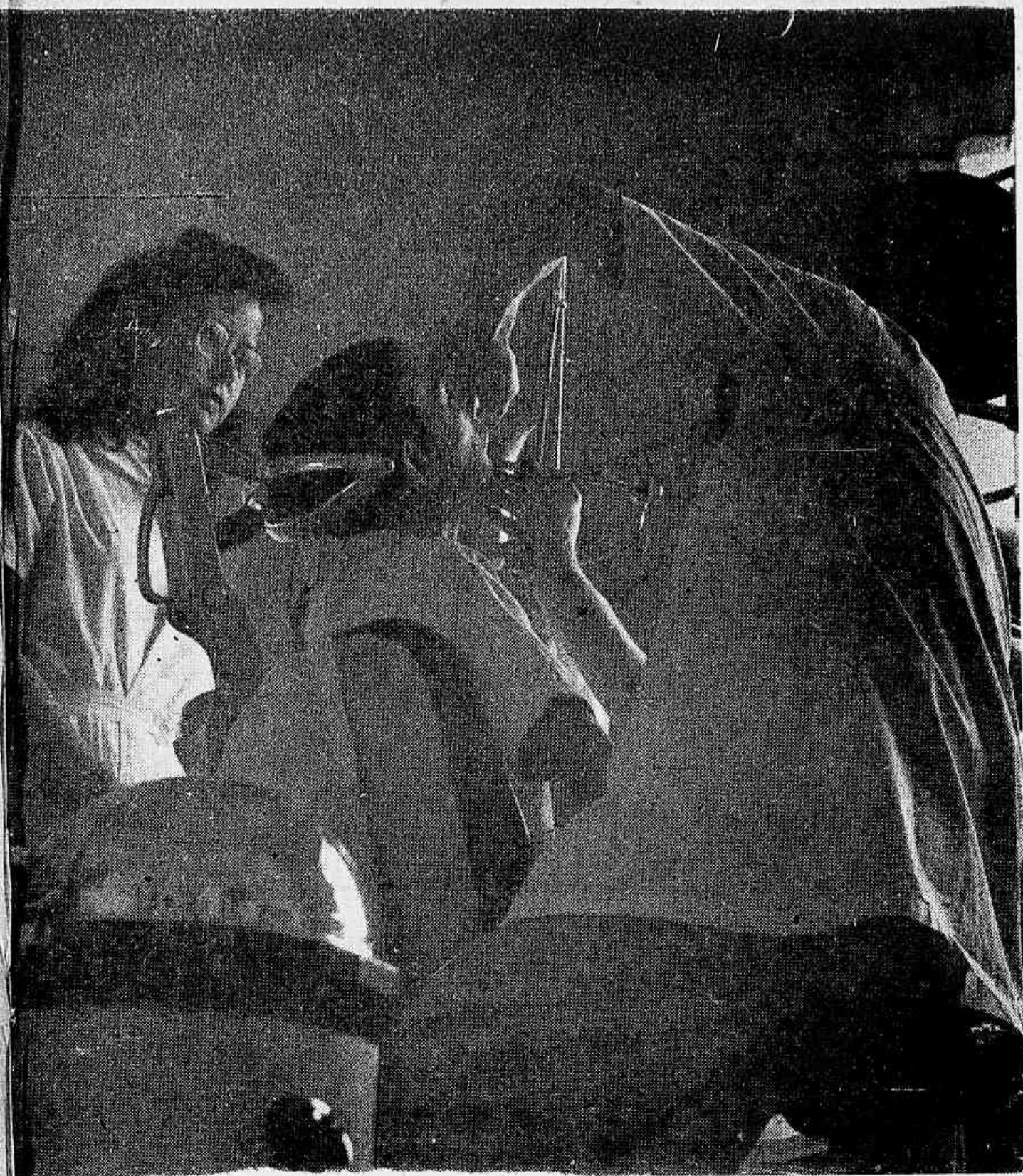




No corpo desta reportagem fizemos uma menção especial aos serviços de assistência social da Noroeste do Brasil. Neste particular, lá encontramos uma das mais completas organizações no gênero. Apresentamos agora a prova fotográfica do que afirmamos. A linguagem muda do "cliché" descreve com a fidelidade que as palavras do repórter talvez não souberam exprimir. A esquerda, o funcionário é atendido pelo médico oftalmologista. A direita — Flagrante de uma delicada intervenção cirúrgica que está sendo praticada em um operário da Estrada no hospital de Baurú. As fotografias seguintes mostrarão à evidência os cuidados dispensados pela Noroeste em defesa da saúde dos seus homens.



A alvura imaculada desse hábito de freira, cobrindo uma vida humana piedosamente dedicada à mitigação do sofrimento e da dor, e os brancos leitos onde repousam na paz dos bemaventurados as pequenas pupilas da Noroeste, são um só símbolo de caridade cristã, confundem-se na cor e no mesmo halo de bondade infinita que a nobreza dos homens espalha sobre a face da terra. Baurú, a cidade nascida com a Estrada, dela recebeu mais esse presente — o Educandário Anita Costa. O lar de quase setenta meninas que não tinham lar, é hoje uma preocupação absorvente para a ferrovia que o reconstruiu e o mantém, dividindo as suas preocupações diárias com os afazeres desse doce encargo.



Serviço odontológico completo, como as gravuras acima demonstram, faculta ao ferroviário da Noroeste o tratamento dos dentes, hoje tão caro e quase inacessível às bolsos modestas. Os gabinetes dentários estão equipados com o material mais moderno e número suficiente de profissionais atende diariamente aos que os procuram, pagando estes apenas o custo da matéria prima em módicas prestações. Uma oficina de prótese funciona anexa a esses serviços já utilizados por mais de duas mil pessoas. Segundo nos disse o cel. Lima Figueiredo, é seu propósito criar um vagão dentário, destinado a levar aos filhos dos ferroviários, em toda a extensão das linhas, os benefícios reais de uma assistência periódica.

trá-la em situação de dificuldades, originando-se daí o seu famoso artigo «Peru num círculo de giz», no qual, se bem nos recordamos, pintava o quadro aflitivo com que deparou logo de entrada. Tal estado de coisas influiu negativamente na ação do novo dirigente, já não contando este com a prodigalidade dos dinheiros públicos, cuja distribuição voltou à alçada do Legislativo, em um instante de imensas dificuldades para o País, mal saído de uma época de desregramentos e confusões agravada com as consequências da guerra.

O coronel Lima Figueiredo aborreu para o repórter os mais variados aspectos do complexo problema Noroeste, descrevendo o animador resultado que o trabalho de pouco mais de dois anos já oferece, e a sua preocupação de cada dia no sentido de ver a Estrada se resarcir dos erros acumulados. Para isso,

procura atrair a atenção dos poderes públicos ao mesmo tempo em que aplica os meios próprios diligenciando aliviar a pressão das suas mais prementes necessidades. Estas, porém, decorrem de um abandono de quatro décadas, em que o Estado ignorou a existência da ferrovia, até que, no Governo Getúlio Vargas, começou a contar com o apoio oficial. Emergia a Estrada do esquecimento criminoso em que fôra mergulhada. Iniciavam-se as obras dos novos ramais e a construção da ponte sobre o rio Paraguai. Entretanto, sofrendo os efeitos das lutas políticas e da consequente mudança do regime, novamente caiu em fase de estagnação. A marcha, portanto, teve que ser reencetada, esperando o atual diretor da Estrada não mais seja interrompida. Dele ouvimos que confia no apoio do Governo, pelos seus ramos executivo e legislativo, estando o presi-

dente Eurico Dutra empenhado no ressurgimento da ferrovia. Oxalá isto aconteça, pois são as mais ponderáveis as razões que aconselham esse procedimento das autoridades em relação à Noroeste. Com essa ajuda, a atual direção traçou um programa, esperando cumpri-lo neste e no próximo ano, e que inclui: reajustamento dos salários; conclusão dos ramais de Ponta Porã e Corumbá; construção da variante Mirante-Guaicara; renovação do material rodante e de tração, visando a melhoria dos serviços de passageiros e do transporte de carga, reequipamento das oficinas e ampliação da assistência social.

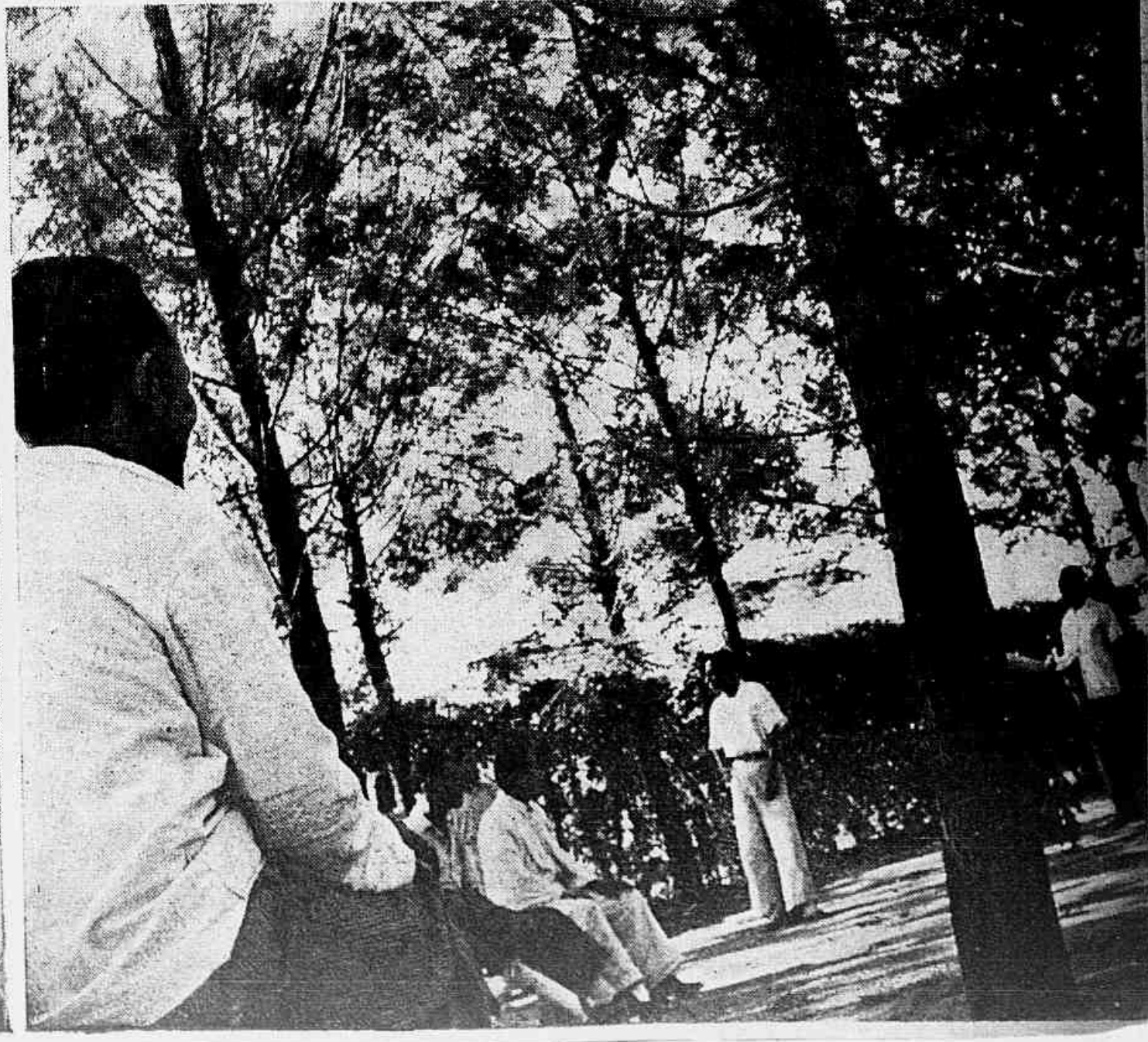
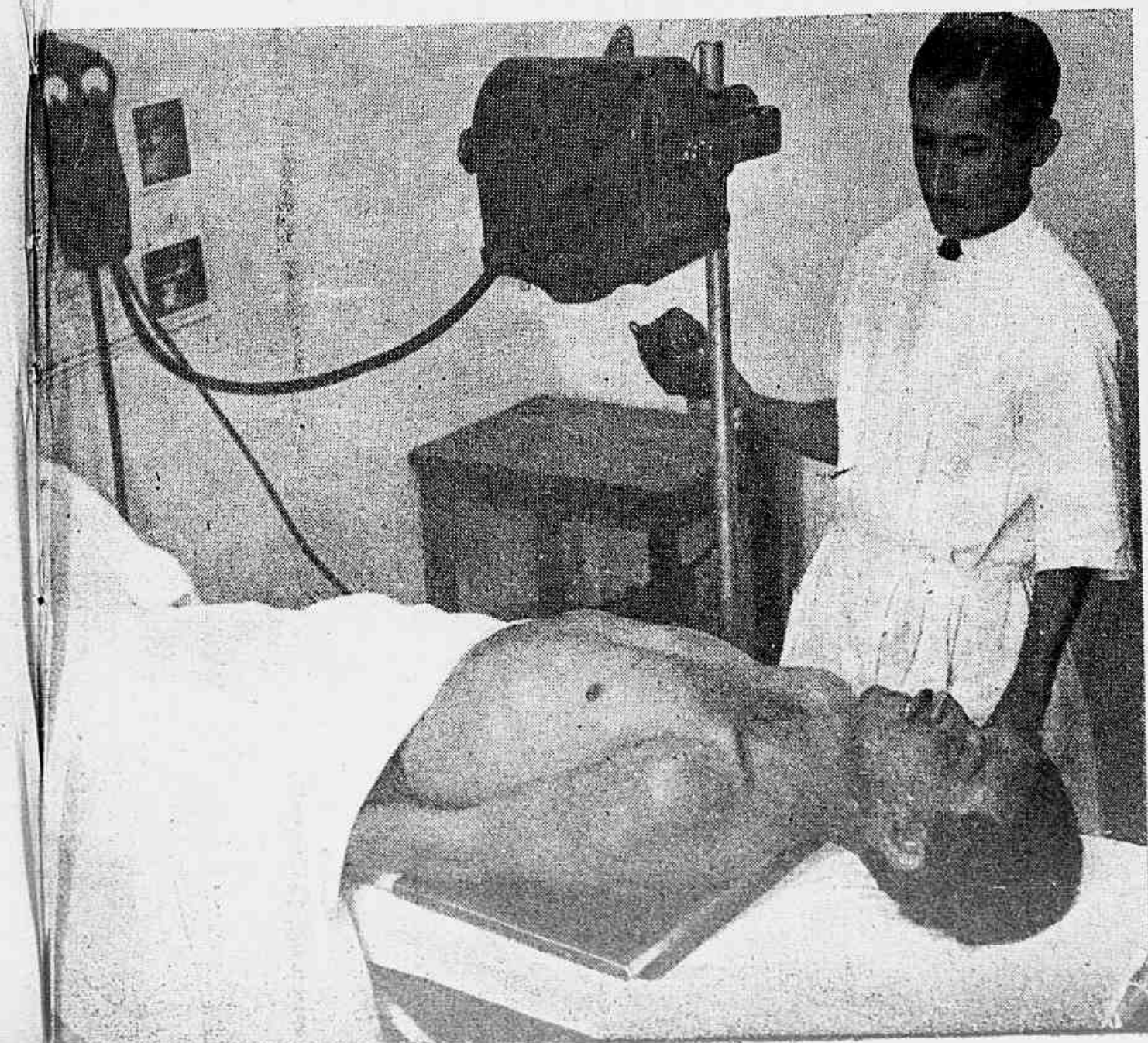
É um programa que requer firme disposição e dinheiro. Secundado pela esplêndida equipe de ferroviários que o rodeia e certo de que não lhe faltarão os recursos, Lima Figueiredo, que é um entusiasta da Noroeste, demonstra in-

teira confiança em fazê-lo cumprir. Dedicção e empenho no trabalho não lhe faltam, do mais modesto ao mais categorizado servidor. Por toda parte encontramos gente boa, ordeira, voltada conscientemente para os seus afazeres, prestigiando a ação dos chefes, e cuja única restrição gira em torno dos mal-fadados salários.

TRANSITO LIVRE E UM TRIBUTO QUE SE IMPÕE AO REPÓRTER

Nesta ligeira referência à atual direção da Noroeste, seja-nos permitida uma alusão de ordem pessoal, que a ética profissional nos impõe. Dela tornou-se merecedor o coronel José de Lima Figueiredo pela maneira como encarou a missão do repórter. Nunca antes, em serviços desta natureza, pudemos agir tão desembaraçadamente. Fez absoluta ques-

A antiga seção de assistência social da Noroeste, destinada aos serviços de acidentados do trabalho, Lima Figueiredo transformou no modelar Departamento que a Estrada ostenta como uma das suas mais belas realizações, melhorando-o e ampliando-o cada dia, no intuito de assegurar-lhe o mais elevado índice de eficiência. Em baixo, à esquerda, a foto mostra um dos gabinetes de radiologia, e à direita, o parque do hospital sanatório de Bauru, com os seus doentes espalhados pelas alamedas tranquilas. Nos hospitais da Noroeste verificamos o tratamento dispensado aos doentes, com os quais conversamos várias vezes, deles ouvindo os maiores louvores aos cuidados e carinhos de que são cercados.





Os funcionários da Noroeste organizaram-se numa cooperativa de consumo, prestigiada moral e materialmente pela Estrada. Todas as utilidades indispensáveis são encontradas em suas várias dependências; gêneros alimentícios, fazendas, calçados, chapéus, medicamentos, ferragens, alimentos frescos, como peixe e carnes, etc. Mantém a Cooperativa armazens em Baurú, Araçatuba, Três Lagoas, Campo Grande e Aquidauana, e um vagão-loja que percorre as linhas. A Cooperativa dos Ferroviários da Noroeste teve a virtude de forçar a baixa dos preços em Baurú. Mas, fora dessa cidade, principalmente no trecho de Mato Grosso, é que a Cooperativa é um baluarte na defesa dos seus associados.

tão o dirigente da Estrada de que todas as portas se abrissem de par em par à nossa curiosidade, de que aos nossos ouvidos chegasse a livre manifestação do pensamento dos que mourejam pela ferrovia e daqueles que, extra-muros, a enxergam através das lentes nem sempre luminosas dos interesses, dos entrecosques e das paixões. E até em reunião do Conselho Diretor da Estrada fomos admitidos, numa inequívoca demonstra-

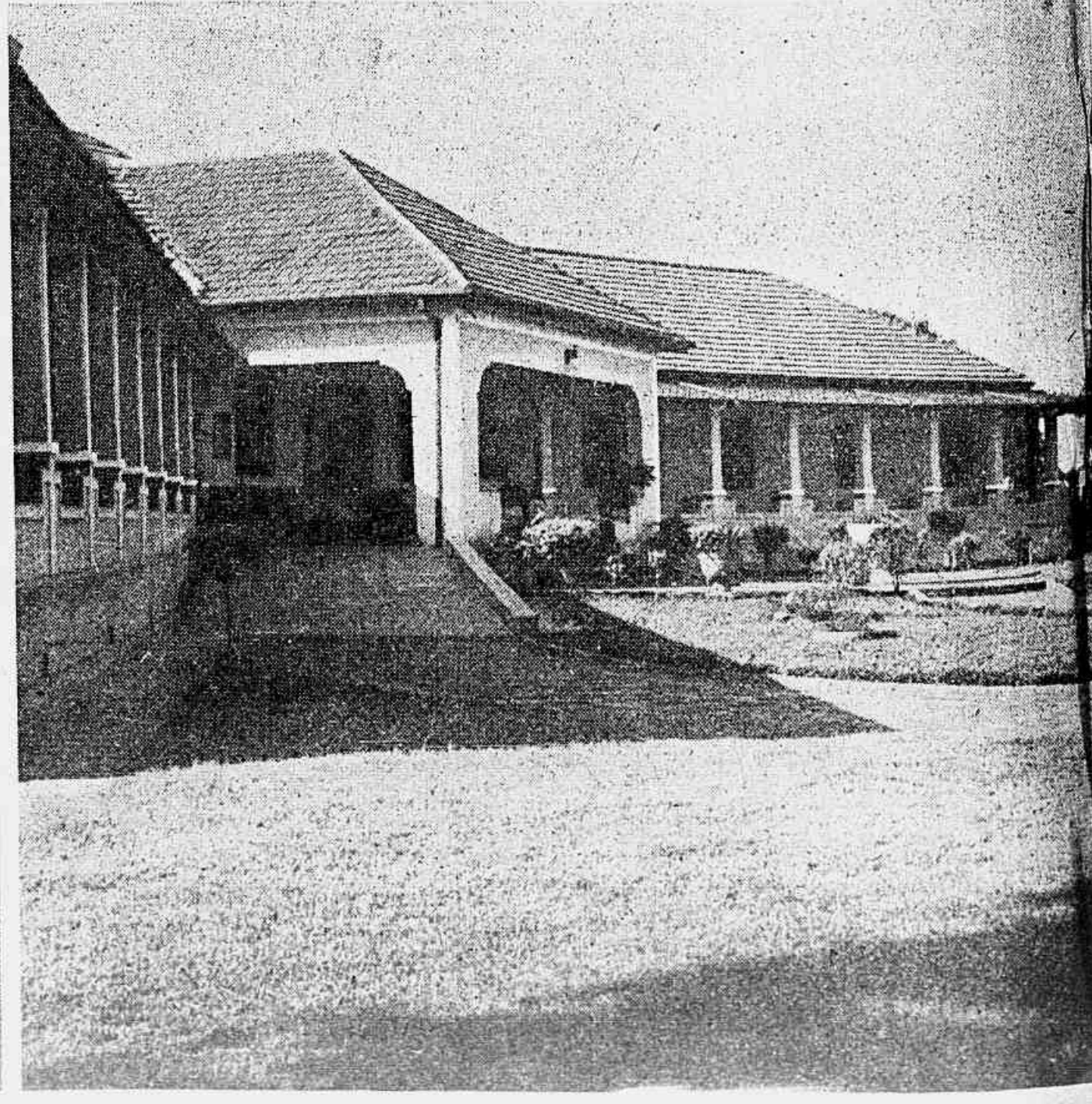
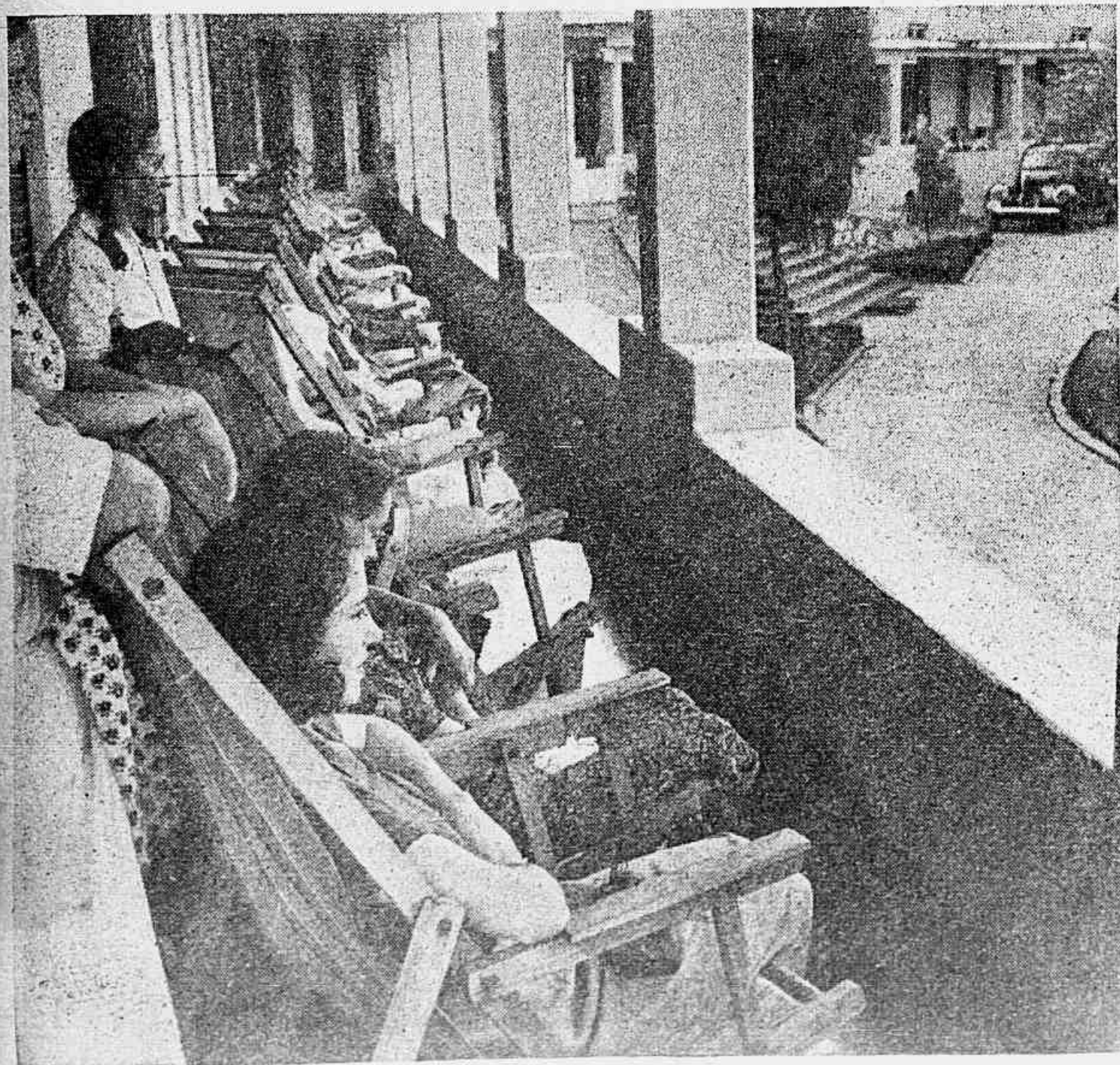
ção de aprêgo que muito nos sensibilizou. As opiniões colhidas, tampouco as conclusões a que chegamos, nenhuma restrição mereceram de sua parte. Este trabalho é, assim, fruto exclusivo — modesto fruto — das nossas observações, alheio a qualquer influência ou sugestão. Não podemos nem devemos ocultar esse exemplo de prática democrática e elevada compreensão das prerrogativas da imprensa.

A VERDADE NÃO FOGE A LUZ: ISTO É A NOROESTE

Nesta reportagem citamos fatos que podem ser constatados por quem o desejar. Falamos sem reacar contestações, tais as fontes em que nos louvamos e as cuidadosas observações feitas. Não mencionamos coisas incorpóreas senão aquilo que ouvimos — não de um, de muitos — e a nossa visão alcançou.

Dizemos da grandeza e do declínio da Noroeste com a mesma intenção construtiva, abstraídos dos homens que por lá passaram e dos que hoje a conduzem. Compulsamos dados e estatísticas que nos foram mostrados abertamente e deles retiramos os elementos indispensáveis ao trabalho despretensioso de um leigo em assuntos ferroviários. Completo ou incompleto, bem ou mal feito, apresentamo-lo ao público e aos mandatários da

Em baixo — O Hospital-Sanatório Salles Gomes, de Baurú, destinado a cura dos vitimados pela peste branca, abriga numerosos enfermos de ambos os sexos. O funcionalismo da Noroeste e suas famílias nele encontram todos os recursos da ciência no combate ao terrível mal e muitos alcançam a desejada recuperação física. A esquerda, vemos a varanda da ala feminina do Hospital com seus doentes em repouso. A direita — Fachada principal do Hospital Adolfo Lutz, de Aquidauana, instalado, como o de Baurú, com os aparelhamentos modernos nas especialidades médica, cirúrgica, farmacêutica, odontológica, radiológica, de laboratório e as demais necessárias ao funcionamento de um eficiente nosocomio.





Esta página é o fecho de ouro da reportagem. Aqui estão algumas das pequeninas pupilas da Noroeste, despreocupadas e felizes, guiadas pelas bondosas Irmãs de caridade e pelas internas mais velhas, já ajudando nos afazeres do lar comum que a ferrovia lhes proporcionou. A reconstrução do Educandário Anita Costa importou, na verdade, em uma construção nova. Amplo e higiênico dormitório, como vimos atrás, com a aparelhagem necessária — lavabos, banheiros completos, sanitários, apartamentos contíguos para as Irmãs, cozinha e copa modernas e higiênicas, sala de costura, sala para serviço médico, rouparia, dispensa, linda Capela e grande galpão com bebedouros higiênicos, tudo novo e bom.

coisa pública, responsáveis pela conservação do patrimônio moral e material que nos legaram os homens do passado.

Quisérámos, afinal, dizer com o brilho que nos falece: isto que aí fica é a Noroeste do Brasil, caminho vital que demanda as terras por onde em tempos idos se adentraram os pioneiros, marcando com a imolação de suas vidas os extremos confins da nossa enormidade geográfica; sobre as quais jorrou, generoso e quente, o sangue dos valentes

que por ali fincaram as estacas da nossa soberania definitiva. Dêsse sublime sacrifício nasceu a Estrada. Com ela foi plantada uma semente preciosa, eclodindo em arbusto vigoroso a cuja sombra se abrigam gerações. Sem o brado de ressonâncias frustras, foi o verdadeiro chamamento na direção do Oeste, lançando com as paralelas de aço os alicerces do monumento que as gentes porvindouras saberão erigir. Agora caminha para outros rumos, e brevemente levará a terras estranhas o abraço amigo e a

cooperação do Brasil para a união continental.

A ferrovia que tanto contribuiu para a riqueza do País, já bem resgatado dos dispêndios com a sua construção, merece de sobra que a Nação cuide do seu futuro assistindo-a no presente, dando-lhe o indispensável para viver e prosperar, fazendo-a em condições de desempenhar na íntegra a missão essencial para que foi criada. Fora daí nenhuma estrada de ferro em situação análoga

cumpriria um programa. E o da Noroeste é do mais alto teor nacional, como elemento de progresso, de unidade, de defesa e segurança. Só resta à Nação o dever indeclinável de lhe suprir as falhas e estimular o seu crescimento, tratando-a como uma dedicada colaboradora da sua própria grandeza, reconhecendo-lhe, enfim, os méritos desconhecidos da maioria dos brasileiros cujo esquecimento capcioso ou involuntário, em se tratando de homens que governam, é inépcia, é desídia, é crime

Em baixo — A esquerda, a Internada mais nova e a mais velha do Educandário. Uma cuida da outra, e ambas estão sob a proteção de uma estrada de ferro dirigida por homens que não têm coração de aço e são capazes de realizar uma obra dessa magnitude em meio as cansaças e as preocupações de uma administração sumamente difícil. A direita, a hora que não têm coração de aço e são capazes de realizar uma obra dessa magnitude em meio as cansaças e as preocupações de uma administração sumamente difícil. A direita, a hora que não têm coração de aço e são capazes de realizar uma obra dessa magnitude em meio as cansaças e as preocupações de uma administração sumamente difícil. Muito tempo, esquecidos de tudo, ali estivemos no meio daquelas crianças, que de infelizes passaram a desfrutar uma existência cercada de conforto e extremos cuidados. Belíssimo exemplo, que se deveria repetir por este Brasil afora.





A DEMOCRACIA AVANÇA SUAS FRONTEIRAS

FORAM AS RECENTES ELEIÇÕES ITALIANAS O MAIS DURO GOLPE NA RÚSSIA E NO COMUNISMO DESDE O APÓS-GUERRA — A AÇÃO COORDENADA DOS PARTIDOS ANTI-BOLSHEVISTAS REDUNDOU NUMA DERROTA SENSACIONAL DO LÍDER COMUNISTA PALMIRO TOGLIATTI — CARLO SFORZA, O POSSÍVEL PRESIDENTE DA REPÚBLICA ITALIANA

Texto de MARIO BONARDI



Fotos da FRANCE PRESSE



As recentes eleições italianas abalaram o mundo. Moscou e Washington espreitavam, com igual interesse, o resultado da grande batalha eleitoral. Na Casa Branca, como no Kremlin, o nervosismo era idêntico. Não estava empenhada naquela luta apenas a nação italiana, aguardando a composição de seu Parlamento. Estavam empenhadas todas as nações do mundo civilizado, hoje divididas em dois blocos mais ou menos hostis, em torno de diferentes concepções de vida. Não será de mais dizer-se que, com o resultado dessas eleições, a democracia avançou suas fronteiras, no rumo do oriente, ao mesmo tempo que, na nação italiana, se consolidou numa prova decisiva o sistema democrático, na prática do regime republicano.

REAÇÃO DO MUNDO ATRAVÉS DA IMPRENSA ITALIANA

Temos sobre nossa mesa um dos grandes jornais de Roma, "Il Nuovo Giornale D'Italia", 5º

Um frade franciscano exhibe seus documentos de identidade, antes de entrar numa das seções eleitorais para dar seu voto.



A Piazza del Popolo, em Roma, durante a última semana dos comícios eleitorais que antecederam as históricas eleições, de que saíram vitoriosos os democratas-cristãos, cujo triunfo representa a consolidação do regime republicano, sob a égide da democracia representativa. Em baixo: uma velha eleitora paralítica chega à seção eleitoral para votar, carregada nos braços. As últimas eleições foram, em toda a história italiana, aquelas que tiveram mais baixo número de abstenções. O povo italiano deu mostras excepcionais de civismo, nesse comparecimento em massa às urnas.





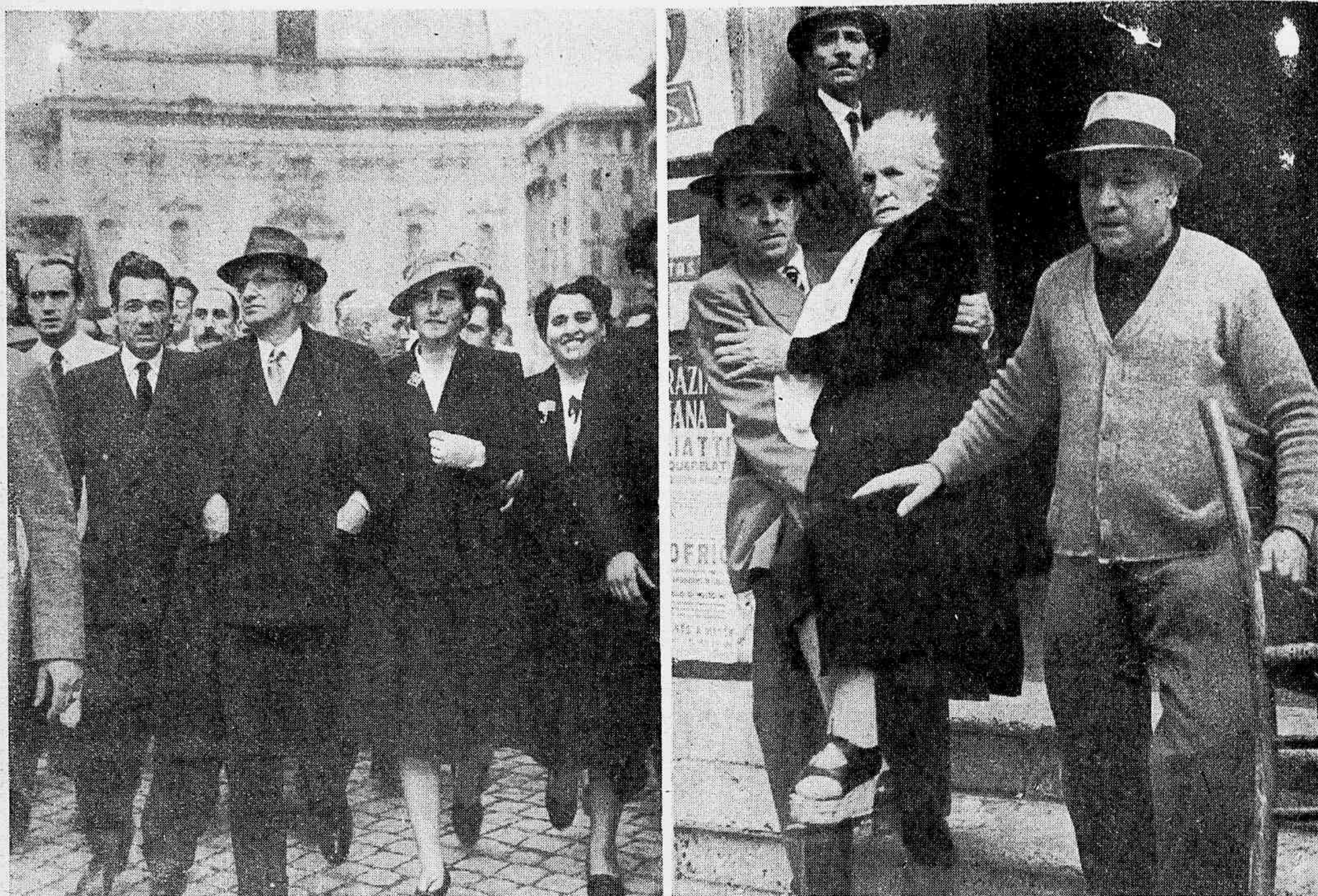
Em cima: um doente, não obstante seu estado grave, chega a uma seção eleitoral para cumprir o seu dever de cidadão, votando no partido político de sua escolha. Em baixo: um estroplado que acaba de deixar o seu leito de convalescente para votar, ajudado por um filho e pela enfermeira que vem velando pela sua saúde.





Em cima: a senhora Francesca De Gasperi, esposa do primeiro ministro Alcide De Gasperi, líder dos democratas-cristãos, no momento em que cumpria o dever cívico, depositando o seu voto numa das urnas. Em baixo: o chefe do gabinete italiano, em companhia da senhora Francesca De Gasperi, deixa a seção eleitoral em que votou, cercado de grande curiosidade popular.



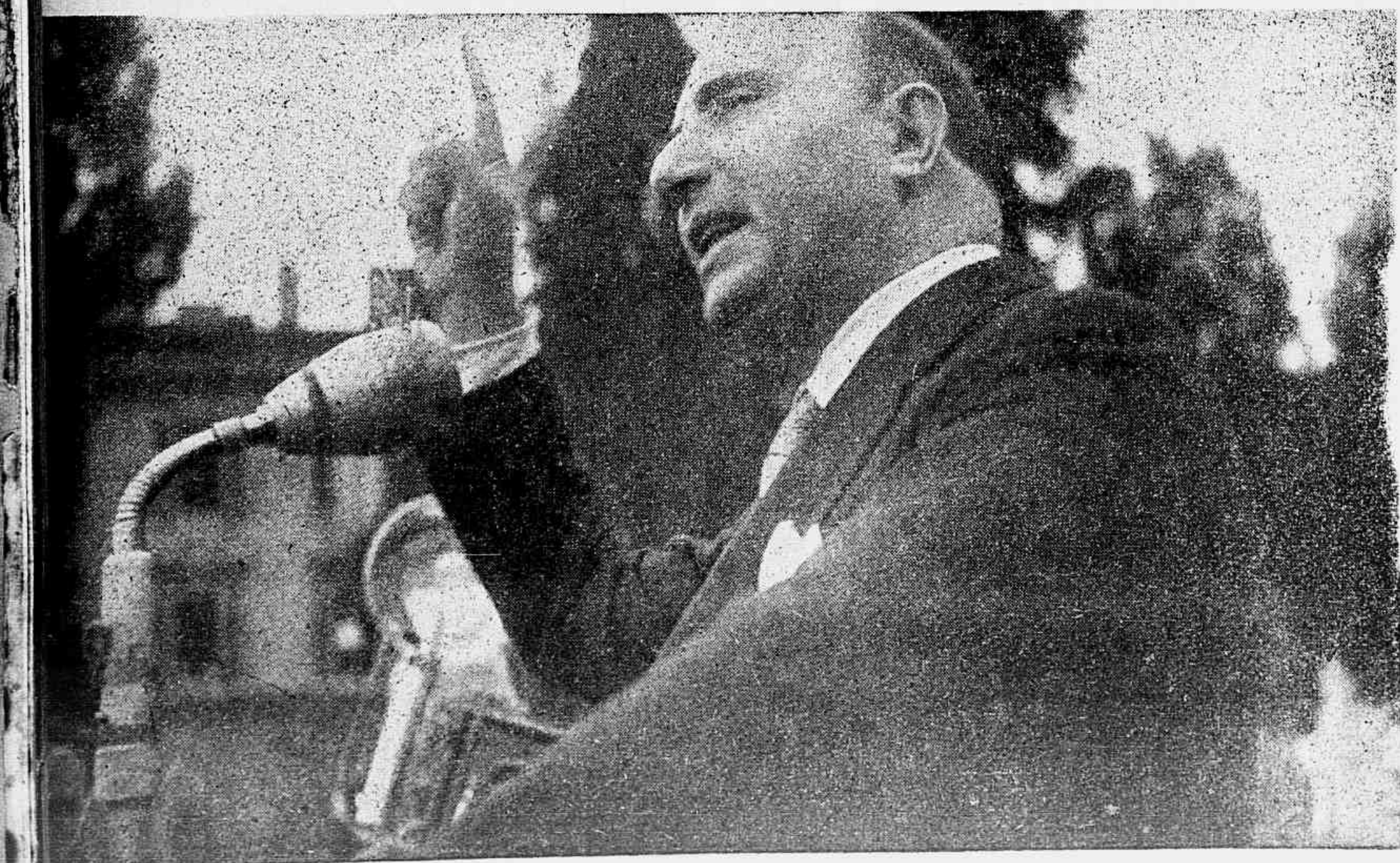


Em cima: à esquerda, o chefe do gabinete italiano, sr. Alcide De Gasperi, acompanhado por populares, quando sala, sem nenhum aparato de força, da seção eleitoral em que votou; à direita, dois eleitores enfêrmos, deixando o colégio eleitoral em que votaram, provavelmente com a maioria anti-comunista. Em baixo: à esquerda, o chefe do gabinete, Alcide De Gasperi, votando para senador; à direita, o presidente da Assembléa Nacional Italiana, Umberto Terracini, um dos líderes comunistas, também votando para senador.



Scelba presenta stasera al Capo dello Stato i dati definitivi

e outros menos votados. Segundo esse quadro numérico, os democratas-cristãos tiveram 49,9% da votação, os comunistas 31,0%, a Unidade Socialista 7,0%, o Bloco Nacional 6,0%, o Partido Republicano 2,9%, e os outros partidos percentagens inferiores à desse último.



O QUE DIZ O "NUOVO GIORNALE D'ITALIA"

Referindo-se à significação das eleições italianas, diz "Il Nuovo Giornale D'Italia":

"São numerosíssimos os comentários mundiais sobre as eleições italianas. Em Washington, altos funcionários norte-americanos declararam que a imponente maioria conseguida nessas eleições, equivalendo a um pronunciamento anti-comunista, constitui o mais duro golpe que a Rússia e o comunismo sofreram no pós-guerra. E, muito especialmente, depois que se iniciou a chamada "guerra fria". Esses resultados tornam ainda mais eficiente o programa de reconstrução européia, como arma de combate ao comunismo, sobretudo porque a escolha feita pelo povo italiano não deixará de infundir coragem e confiança, bem como vigor, às forças anti-comunistas do mundo inteiro. No ambiente oficial, não se exclui, todavia, a hipótese de uma revolta comunista. Mas a situação deverá estar mais clara depois de 18 de maio. E' também de tanto difundida a opinião de que Moscou se absteria por enquanto de qualquer ação que a arriscasse a um perigo de guerra. Espera-se que a atitude italiana venha a ter reflexos positivos na Iugoslávia. Por outro lado, se não se verificar aquela hipótese, e sim a da hostilidade aberta dos comunistas, a Iugoslávia será uma porta aberta, pela qual os comunistas italianos poderão receber armas e instruções de Moscou, para a conquista violenta do poder. Mas, se os comunistas italianos fizessem isso, poderiam criar apenas uma situação análoga à da Grécia."

O mesmo jornal acrescenta a esse comentário as seguintes palavras:

"Para prevenir tais acontecimentos, o governo americano estaria examinando a possibilidade de desenvolver uma ação diplomática ainda mais resoluta, a fim de fazer saber à Iugoslávia e demais nações da Europa oriental, em geral, que uma potência ocidental não poderia assistir de braços cruzados a uma infiltração violenta em terras italianas. A opinião pública norte-americana é de expectativa, aguardando as manifestações oficiais da Iugoslávia, onde o rádio oficial, em Belgrado, qualificou as eleições italianas de fraudulentas, declarando que se haviam desenvolvido sob o signo do terrorismo fascista."

MODIFICAÇÃO NA PRESIDÊNCIA

Dá-se como certo que o antigo ministro das Relações Exteriores, Carlo Sforza, velho líder
(Cont. na pág. 56)

Ao lado; em cima, uma enfermeira da Cruz Vermelha, exercitando o direito de voto; ao centro: o sr. Saragat, líder do Partido Socialista Dissidente (anti-comunista), que não formou na Frente Popular, dando o seu voto; e em baixo: o ministro do Interior, sr. Scelba, falando num dos comícios, em favor do seu partido, o dos democratas-aristocratas.

D. PEDRO II PERANTE A HISTÓRIA

Por UMBERTO PEREGRINO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

HOUVE tempo, entre nós, em que se debatia assídua e apaixonadamente a personalidade do velho Pedro II. Havia, então, uma turma exaltadamente negativa e outra exageradamente positiva no seu julgamento. Faltava, porém, e estou certo que ainda falta, o estudo equilibrado e imparcial que situasse o velho imperador. Uma coisa, em todo caso, ficaram assentes. Por exemplo, aquela fama de Pedro II sábio está irremediavelmente desmoralizada. Há até umas línguas compridas que dão as suas brilhaturas científicas como sopradas previamente pelo visconde de Dom Retiro, o que não deixa de fazer cócegas na malícia da gente e torna impossível evitar a lembrança da conhecida «gafe» do cometa ou a evocação dos versos famigerados:

«Andar, andar, andar é a vida de bordo...
E' grande, é muito grande, a ilha Grande...»

Ora, estas coisinhas podem ser inventadas; é mesmo muito natural que o sejam, mas ainda assim denunciam a conta em que era tido, já naquele tempo, o gênio imperial...

...

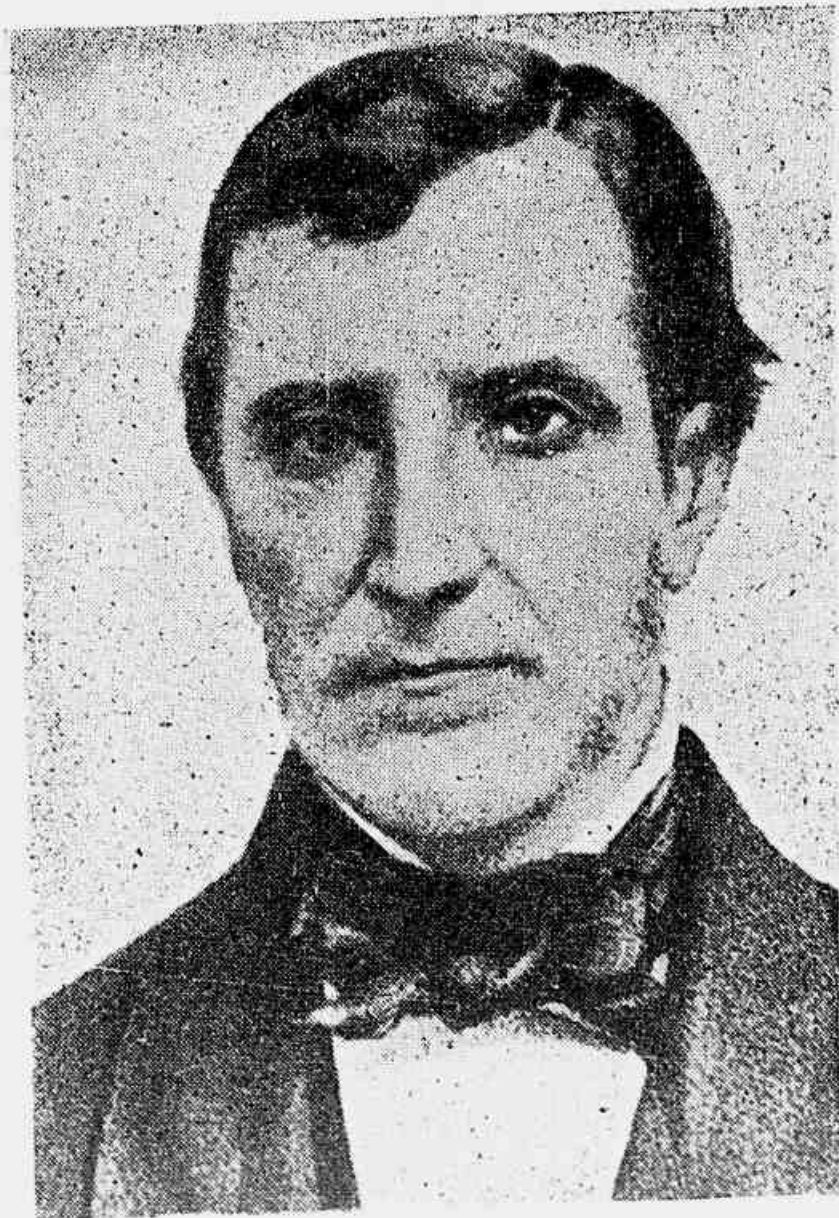
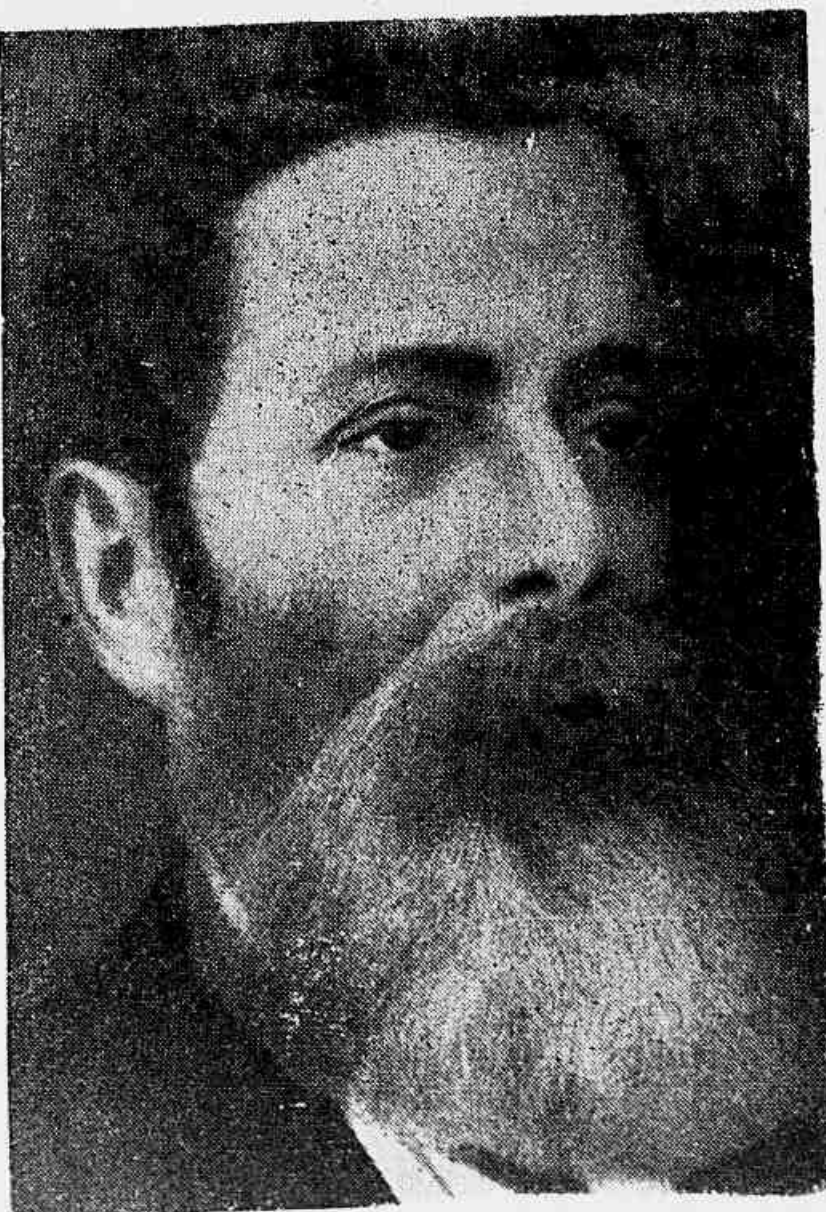
Se Pedro II lidou algumas vezes no governo com homens de real valor, o que, de resto, não significa muito, porque era o mecanismo parlamentar que lhes impunha, também é verdade que hostilizou Mauá e hostilizou José de Alencar, incapaz de compreendê-los, e estes são fatos altamente significativos...

Foi ainda Pedro II de uma incompreensão alarmante face aos grandes problemas nacionais que teve de enfrentar no seu estirado governo. O maior deles, a Abolição, não foi desenganadamente conduzido para o tino que era de desejar para o equilíbrio da nação e para a própria segurança do trono. Ambos foram sacrificados, é a verdade.

Honesto! Eis a virtude máxima de Pedro II. Convenhamos que não é esta uma virtude das mais difíceis quando se é imperador, bem alimentado, bem dormido, garantido por folgadas dotações... Pois bem, sabe-se que ele exercia esta fôrta honestidade de u'a maneira nada grandiosa. Exercia-a dando acolhida a cartas anônimas, anotando-as com o «lâpis fatídico» e era capaz de saber com segurança se um amanuense de repartição dos confins do Amazonas tinha ou não amante.

Morreu com a cabeça deitada num travesseiro de terra do Brasil. Comovedor... Mas foi o imperador de mais de meio século que, tendo viajado pela Europa toda, pelos Estados Unidos, nunca teve a curiosidade elementar

D. Pedro II em um dos seus retratos menos vulgarizados. «Se ele era tão bom, por que então o depuseram?» — perguntou Anatole France.



A esquerda, Irineu Evangelista de Souza, — barão e depois visconde de Mauá, — um dos homens públicos que Pedro II primeiro estimulou, mas depois hostilizou. A direita: José de Alencar, — que, hostilizado por D. Pedro II, — escreveu-lhe violentas cartas panfletárias.

de conhecer grande parte do vasto território onde imperava...

Seria espantoso, se não fosse uma indicação, que este homem tão gabado como sábio, como artista, como administrador, tivesse sido deposto pela tropa e fosse deportado sem que se esboçasse uma reação qualquer. Por isto naturalmente que Anatole France, de passagem pelo Brasil, teve esta pergunta irônica:

— «Se ele era tudo isto, por que, então, o depuseram?»

Diacho! assim me denunciou como um dos que não formam no cordão saudosista do venerando imperador. E não sou mesmo. Voto, em todo caso, por um estudo que o situe definitivamente.

...

O Império foi para nós, não há negar, um acidente equilibrado, até certo ponto feliz. E Pedro II, que o encheu quase todo, se não era o gênio administrativo, o sábio nem o santo que muitos assoalhavam por aí, teve seguramente o seu mérito. Merece, por exemplo, estudo e simpatia a particular e interessada assistência que dispensava a todas as manifestações da inteligência: letras, ciências, artes.

Outro aspecto também interessante do Segundo Reinado é a valorização do moço. Gilberto Freyre, em «Sobrados e Mucambos», chama a atenção para isto, apenas acrescentando que «esses moços, agora poderosos, em tudo imitavam os velhos». Seria certamente oportuno fixar até onde se exerceu, naquele fenômeno, a ação pessoal de Pedro II.

Não faltam, pois, ângulos por onde analisar o simpático Bragança. E felizmente já está ficando para trás a estéril quadra em que a sua avaliação histórica era substituída pelo exacerbado bate-boca entre os saudosistas do Império e os ortodoxos doutrinadores da República...



HAYDÉE GONÇALVES VIEIRA, rádio-atriz exclusiva das emissoras associadas, aos dezesseis anos de idade submeteu-se a um teste na Tupi, conseguindo interessar ao elenco dessa estação. Pouco tempo depois arranjava nova emissora: Rádio Nacional. Ali encontrou em Rodolfo Mayer o incentivador de seu talento artístico. Sua ambição de viver grandes papéis, aliada ao desejo de possuir situação definida no «broadcasting» brasileiro, levou-a de volta ao «cast» da P.R.G-3, onde veio a participar das grandes histórias em capítulos, ao lado de Paulo Gracindo. Assim, tivemos-la no papel de Suzana, da novela «Meu amor», de Hélio do Soveral. Outros notáveis desempenhos tem tido essa querida artista que, no momento, conta dezenove anos de idade, pois nasceu no dia 16 de dezembro de 1923. Haydée Vieira, além de participar dos espetáculos de rádio-teatro da Tupi, também atua no «Teatro religioso» da Tamoio. Com três anos de atuação ao microfone, já viveu papéis marcantes e colaborou para o sucesso de inúmeras novelas. A primeira em que trabalhou foi «Revelação», trabalho de Lúcio Ricardo. Adora fazer papéis de mulheres más, sendo seu grande desejo viver «Lucrecia Borgia». Por diversas vezes recebeu propostas para trabalhar no teatro, deixando de aceitar pelos sérios compromissos que a prendem ao rádio. Fora do microfone, pertence ao magistério.



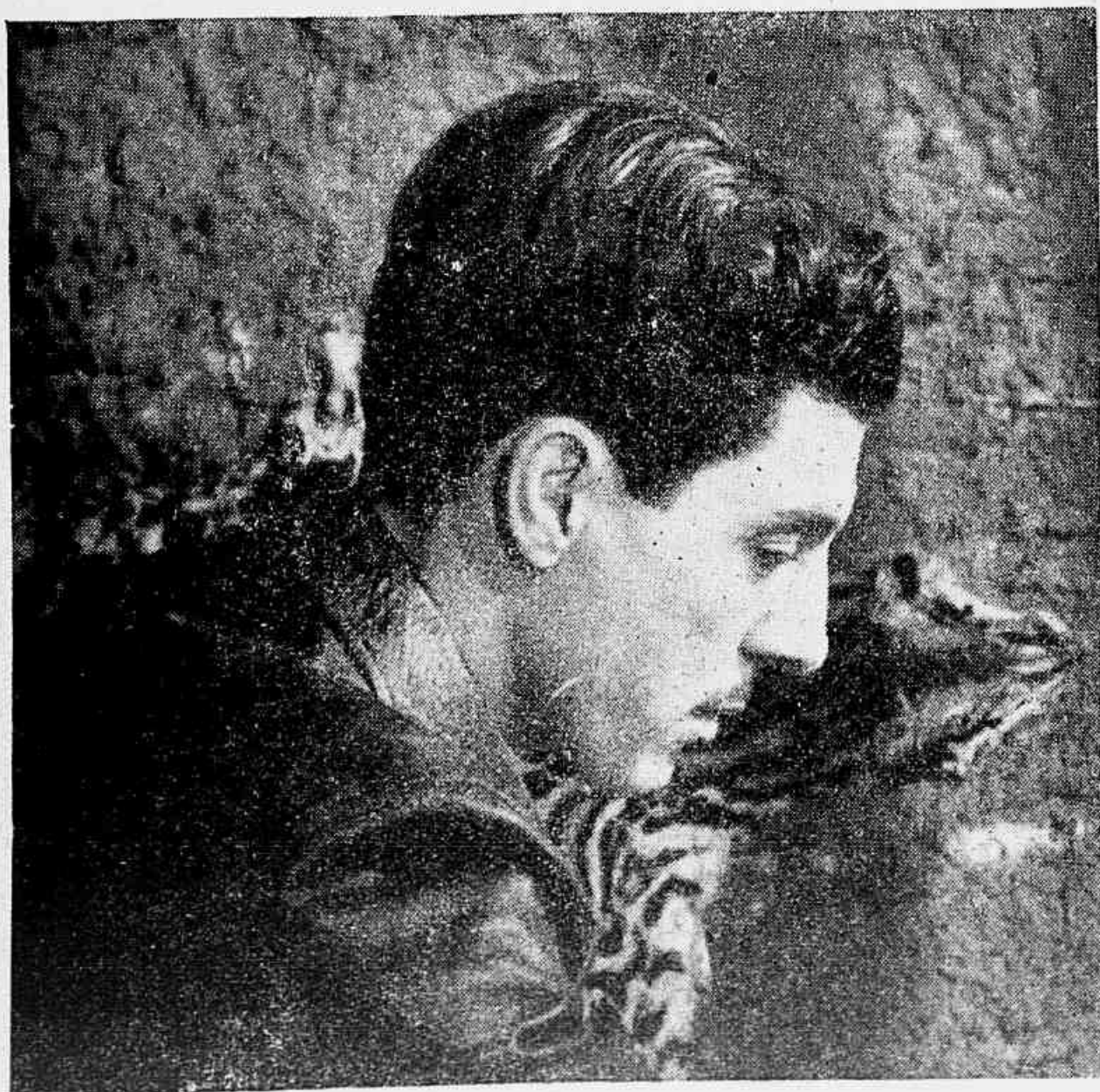
CARLOS PALLUT, artista exclusivo da Rádio Guanabara, era garoto de calças curtas, quando começou ao microfone da veterana Educadora. Nessa estação, aprendendo a engrenagem radiofônica, lançou interessante programa para a juventude e, durante algum tempo, absorveu a atenção da garotada. Mais tarde, quando a P.R.B-7 mudou de donos, encontramo-lo na onda da Transmissora, comandando «Tesouro da Juventude». Sua permanência na P.R.E-3 foi curta, pois logo a seguir se transferia para a Rádio Nacional, onde veio a revelar qualidades para o rádio-teatro. Passou, então, a trabalhar em algumas novelas e a colaborar no departamento artístico da P.R.E-8. Nesse prefixo manteve-se até 1947, quando acompanhou alguns colegas, ingressando no elenco da Tupi. Na emissora associada, Carlos Pallut teve atuação destacada, não só como redator, mas ainda na qualidade de animador. Foi o lançador de diversos programas, além de animador de «Rádio Sequência G-3», «Audições Ra-ta-plan» e «Copacabana Clube», cartaz este por ele organizado e apresentado. Atualmente nosso biografado pertence ao elenco da Rádio Guanabara, onde continua a manter «Copacabana Clube». Pretende apresentar outras realizações. Também não se afastará do rádio-teatro, uma vez que possui qualidades para o mesmo.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

PAULO PORTO, veterano do elenco rádio-teatral da Tupi, fez seu aprendizado artístico através do Teatro do Estudante, há dez anos passados. Coube-lhe viver o galã de «Romeu e Julieta». Decidiu-se, então, a tentar o palco, voltando a tomar parte na encenação de «Os romancescos», feita pelo conjunto dirigido por Pascoal Carlos Magno. A seguir, conduzido por Procópio Ferreira, ingressou no teatro profissional, fazendo uma das personagens da peça de Molière, «O avaro». Excursionou por diversas cidades, integrando diversos elencos. Esteve na companhia de Procópio; andou pelo conjunto de Joraci Camargo; fez parte da empresa dirigida por Mesquitinha e acabou enamorando-se do microfone. A oportunidade para ingressar no rádio veio através de uma proposta de Olavo de Barros, então à testa do Grande Teatro Tupi. Nessa emissora nosso biografado estreou interpretando curioso tipo na novela «Pecado de amor». Daí para cá, tem vivido inúmeros papéis ao microfone da P.R.G-3, não só em histórias em capítulos como nas apresentações do «Grande Teatro». No cinema começou em «Inconfidência Mineira», vivendo papel secundário. Agora, aparece na produção «Asas do Brasil», ao lado de Saint-Clair Lopes, Lourdinha Bittencourt, Celso Guimarães e outros. Paulo Porto é formado em Direito.

ZEZÉ FONSECA, hoje vivendo ao microfone da P.R.E-3 a figura central de «A Severa», já exerceu no rádio funções de corretora, animou alguns programas de auditório, interpretou melodias populares, viveu personagens cômicas de não menos cômicos «sketches», participou da apresentação de diversas peças radiofônicas e continua brilhando no desempenho de interessantes novelas. Sua atuação na história «Em busca da felicidade», em que lhe coube viver a personalidade de Anita de Montemar, esposa de Alfredo Medina, marcou-lhe o passo decisivo na carreira radiofônica. Hoje, Zezé Fonseca é uma «estrela» conhecida em todos os recantos do território nacional, com uma cifra de ouvintes bastante significativa. Com passagem marcante pelo «cast» da P.R.E-8, onde a foi buscar Amaral Gurgel para integrar o elenco da Rádio Globo, Zezé, dentro em breve, rumará para a Europa, em viagem de estudos. Seu primeiro porto de desembarque será Lisboa, devendo, a seguir, visitar a França, Espanha e Itália. Além de atuar no rádio, a vitoriosa artista participou da encenação de «Iaiá Boneca», pela Companhia Delorges Caminha. Há pouco tempo esteve na Argentina, sendo carinhosamente recebida pelos artistas portenhos, que, por sinal, a fizeram portadora de uma mensagem de cordialidade.



A Judéia estava em pânico. Uzias o Grande, o mais hábil soberano da Palestina desde os dias do rei Salomão, acabava de morrer. O pequeno país, entalado entre as potências militares da Assíria e Egito, estava à beira da destruição. O novo soberano, o rei Acáz, era assediado em Jerusalém por duas facções opostas. Uma instava a aliar-se com os egípcios; a outra, com os assírios. O rei, incapaz de decidir qual das duas belicosas nações aceitaria como protetora, cismava um dia às margens do Tanque Superior, quando foi defrontado por Isaías, moço nobre de Jerusalém.

Isaías, segurando pela mão o filho pequeno, tinha estado à espera do rei. Ao morrer Uzias, recebeu o chamado do Senhor para servir o seu povo. "Ouvei a voz do Senhor, que dizia: — A quem enviarei? Então disse eu: — Eis-me aqui. Envia-me a mim".

De modo que ali estava ele esperando, a fim de dar conselho ao rei Acáz. Em resposta às apreensões e desassossego do rei, Isaías aconselhou-lhe que "se aquietasse e tivesse confiança". Advertiu-lhe que não se fiasse de nenhum dos dois agressores. "Não te arrimes a essas lanças para salvar-te. Pois elas te perfurariam a mão".

O rei agradeceu o conselho — e resolveu desprezá-lo. Apoiar-se-ia no poder assírio. Mas não revelou sua decisão a Isaías. Acariciou a cabeça de criança e perguntou:

— Como te chamas, meu filho?

— Sear-Jasub, Majestade.

O rei virou-se para Isaías.

— Terei ouvido bem? Sear-Jasub — um remanescente há de voltar. Estranho nome para dar a um menino.

— Esse nome, disse Isaías, — é a sùmula da minha fé profética. Deus castigará os pecados da Judéia. Abaterá os poderosos e destruirá suas casas e os levará cativos sob um jugo estrangeiro. E Jerusalém despojada de seus filhos, assentar-se-á no chão a lamentar-se... Mas Deus não abandonará inteiramente o seu povo. Ao fim dos dias, um remanescente há de voltar... Essa é a minha fé, e o nome de meu filho é o seu símbolo.

II

Os profetas da Palestina constituíam um fenómeno estranho na história antiga — radicais ousados e selváticos, que falavam intempestivamente, desafiavam os ricos, escandalizavam os sacerdotes, e abraçavam a causa dos humildes. Gente insociável, provinham de todas as camadas sociais — lenhadores, camponeses, operários, mercadores, e, como no caso de Isaías, membros da classe aristocrática. Rebeldes, áperos e desganhados, esses intérpretes espontâneos do Senhor; homens que raramente se lavavam, que frequentemente se ocultavam nas montanhas como animais selvagens, comendo raízes e mel, e até às vezes, ervas e flores, e que andavam proclamando a imminente perdição dos seus semelhantes. Não só expressavam as idéias mais estranhas, como tinham um jeito extremamente desconcertante de expressá-las. Um dos profetas, por exemplo, conspurcou o seu pão antes de comê-lo, em sinal de que Deus havia de conspurcar a sua nação. Outro, com os cabelos em desalinho e os olhos em chama, entrou precipitadamente no Templo levando na mão uma bilha de barro. Ordenou aos fiéis que suspendessem o culto e o seguissem para fora do Templo. Então, erguendo a bilha para o alto como uma bandeira, abandonou o lugar sagrado e se encaminhou ao depósito público de lixo, situado nos arredores da cidade. Por esse tempo, numerosa multidão se reunira. Chegado ao monturo, o profeta quebrou a bilha e atirou os pedaços no meio da imundície. "Bem assim!", exclamou, "hei de destruir este povo e esta cidade!"

Tais eram os curiosos métodos empregados pelos profetas no esforço de atrair a atenção pública. O próprio Isaías, numa ocasião, percorreu as ruas de Jerusalém completamente despido, para mostrar que a cidade seria despojada de tudo, por causa dos seus pecados. Em fim de contas, os profetas eram motivo de riso para os outros — particular-



O profeta Isaías.

A VIDA DO PROFETA ISAIAS

(CERCA DE 750 a. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA) com a Livraria do Globo, de Porto Alegre.

mente para os membros das "classes superiores".

Mas os mais ponderados entre os seus contemporâneos viam esses homens sob outro aspecto. Notavam que os "fogosos embaixadores de Deus" eram consumidos pela paixão da justiça. Tinham uma coragem soberba. Não se temiam de entrar no próprio palácio do rei e exprobrar-lhe a sua tirania face a face. Ademais, declaravam-se contra as cerimônias vazias do culto no Templo. "Ódio, desprezo as vossas orações e festividades, e não quero sentir o perfume das vossas celebrações... Afastai de mim o ruído dos vossos salmos... Ma deixai correr a justiça como uma torrente, e a probidade como um rio inextinguível".

A graça redentora da probidade e a maldição destrutora da injustiça — esse o estribilho das suas arengas proféticas. Os profetas eram os prognosticadores morais do mundo antigo. Acreditavam ter descoberto uma lei histórica essencial, que os habilitava a predizer acontecimentos futuros. "A paga do pecado, quer no indivíduo, quer na massa, é a morte". Os profetas sustentavam que eram capazes de prever corretamente o futuro porque haviam interpretado corretamente o passado. "O que foi, será. Pois não há nada novo debaixo do sol". Reconheciam e procuravam fazer com que os outros reconhecessem a inflexível lei de causa e efeito — assim na esfera física da existência humana. "Tão certo como os rios correm para o mar, é a iniquidade correr para a destruição".

Foram esses os pensamentos que in-

duziram Isaías a guiar seu povo durante o período crítico da Guerra Assíria.

III

Os assírios, como os alemães da atualidade, queriam dominar o mundo. Foram a nação mais espetacular, mais ambiciosa e aguçada da história antiga. Homens de barba cerrada, nariz comprido e lábios grossos, desciam impetuosamente de Ninive nos seus novos carros de guerra e aterrorizavam toda a raça humana. Para eles a guerra não era, como para muitos outros povos daqueles tempos de fome e carestia, uma necessidade terrível. Era uma das belas artes. Os reis assírios gostavam particularmente de mandar modelar as próprias imagens na "amena postura" de arrancar a língua e vaziar os olhos dos prisioneiros. Com a sua máquina militar perfeita, esperavam avassalar o mundo e governá-lo "por mil anos".

E agora um dos seus agressores militares mais ferozes, o rei Senaqueribe, estava em marcha contra as "nações do poente". Uma por uma, convidou essas nações indefesas a apertar-lhe a mão de amigo; e uma por uma as esmagou com seu punho sangrento, depois que aceitavam o auxílio oferecido. Finalmente se voltou para a Judéia, e, como de costume, procurou converter a sua vítima a entregar-se sem combate. Assagurou ao novo rei da Judéia — Acáz — morrera, e Ezéquias tinha subido ao trono — que não pretendia fazer mal aos judeus. Queria apenas tê-los como alia-

dos e amigos, disse. E, em sinal de amizade, "pedia" lhe enviassem pequeno "tributo" — que compreendia a maior parte das riquezas da Judéia. Em paga desse ato amistoso, promoveu Senaqueribe ao sucessor de Acáz, abster-se-ia de marchar contra a Judéia.

Isaías premuniu seu rei contra semelhante concessão ao agressor assírio. Mas Ezéquias desatendeu o aviso do profeta e pagou o tributo a Senaqueribe.

O chefe assírio recebeu o dinheiro, agradeceu efusivamente a Ezéquias — e invadiu a Judéia.

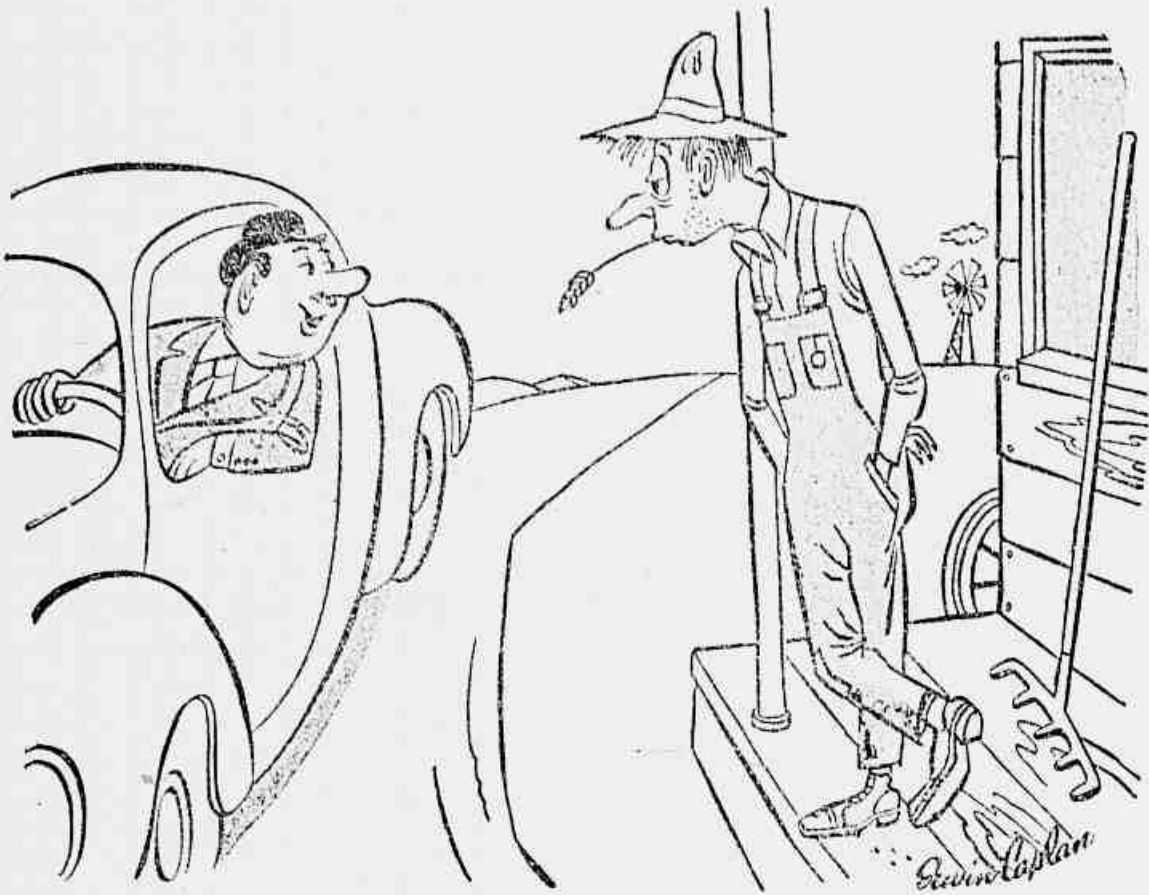
Era o momento de Isaías apresentar-se em toda a sua grandeza. Antes, quando o perigo da invasão estrangeira ainda era remoto, ele fustigara a sua cidade e o seu rei. "Como a cidade fiel se transformou em prostituta! Ela, que era cheia de retidão... é agora um ninho de assassinos... Os príncipes teus são rebeldes, e companheiros de ladrões. Todos amam as peitas e correm atrás de recompensas. Não fazem justiça ao órfão, nem a causa da viúva chega até eles". E por essas iniquidades, advertira-lhe Isaías, o Senhor os castigaria com o açoite dum inimigo externo. O agressor vindo de uma terra estrangeira seria apenas um instrumento na mão do Deus vingador. "Eu o envio (o rei da Assíria) como a vara da minha cólera... contra o meu povo... Eu o envio contra uma nação impia... para que roube a presa, e lhe tome o dêspojo, e o pise aos pés como a lama das ruas". Mas agora, que o agressor está às portas, o tom colérico de Isaías muda-se num tom de brandura, de encorajamento e esperança. Senaqueribe, assegura o profeta a seus compatriotas, não há de vencê-los. A própria agressividade redundará em sua ruína. O guerreiro insolente crê que é senhor do mundo. Na verdade, não é senhor nem mesmo da sua própria vontade. O que ele vaidosamente julga ser a sua vontade, é apenas a vontade de Deus que o arrasta cegamente para a perdição. "Com a força da minha mão", exulta o néscio monarca, "destruí as nações, e com a minha sabedoria roubei os seus tesouros". Mas o Senhor limita-se a rir da loucura do arrogante guerreiro. "Porventura se vangloria o machado contra o que corta com ele?" O rei Senaqueribe não é senão um machado brandido ao bel-prazer do Senhor. "Há-de enferrujar-se antes de golpear a cidade de Deus".

Enquanto Isaías pronunciava estas palavras, Senaqueribe continuava a marchar implacavelmente sobre a Judéia. Tomou quarenta e seis cidades, passou à espada todos os habitantes varões, e levou cativas cem mil mulheres e crianças.

Afinal, chegou às portas de Jerusalém. Exultando antecipadamente com o triunfo esperado, intimou o rei Ezéquias a render-se. "Eu te encerrei dentro da tua cidade", alardeou, "como a um pássaro na sua gaiola". Seria inútil, afirmava, que Ezéquias se fiasse da proteção do seu Senhor. "Eu, o rei Senaqueribe, sou o Senhor. A uma ordem minha tremem as montanhas. A um aceno meu as nações vivem e morrem... Com a força da minha mão conquistei o mundo, e com a sabedoria do meu entendimento... removi as fronteiras dos povos e roubei-lhes os tesouros guardados nos ninhos. Como quem se apodera de ovos abandonados, eu me apoderei de toda a terra. E não houve quem movesse a asa, ou abrisse a boca, ou murmurasse". Que Ezéquias, portanto, fôsse sensato e se submetesse ao poder mais que humano de Senaqueribe, o conquistador do mundo.

Em resposta a essas bravatas, Isaías incitou o povo a guardar altivo silêncio. Antes morrer livre que viver na servidão. Mas Deus, declarava confiante, não permitiria que seu povo fôsse escravizado. A própria agressividade de Senaqueribe o levaria à ruína. "Seu hábito é um fogo que o há de devorar". De acordo com a inflexível lei moral que rege a vida e a morte das nações, a ferocidade do agressor, como o boomerang, fatalmente se volta contra ele. "Ai de ti, despojador, que não fôste despojado; e que obras perfidamente contra os

(Cont. na pág. 54)

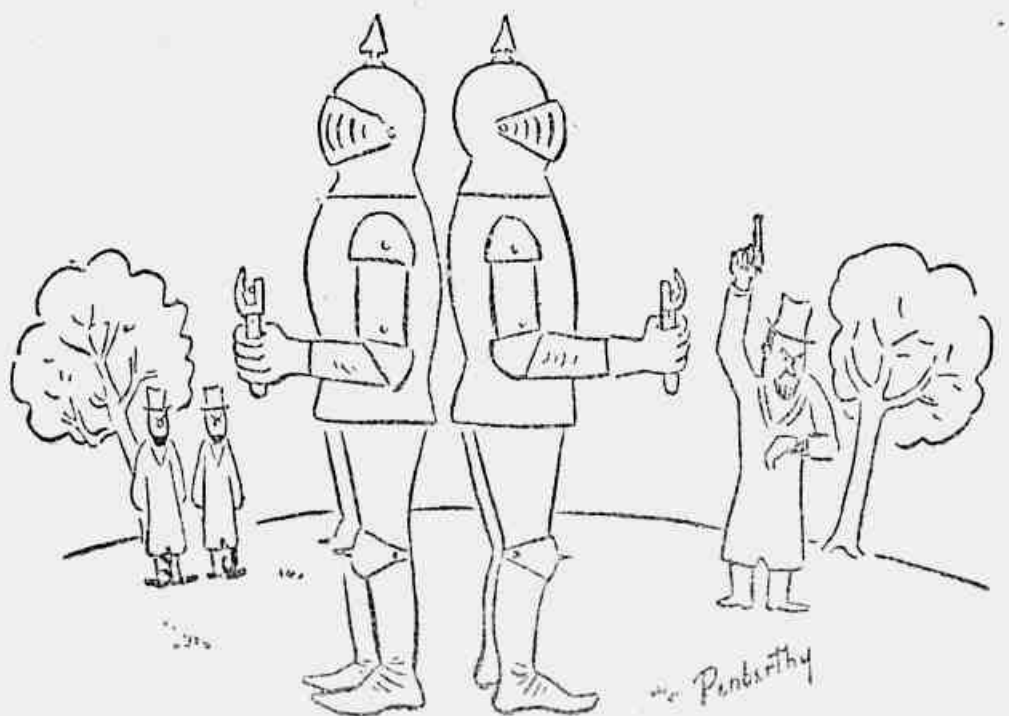
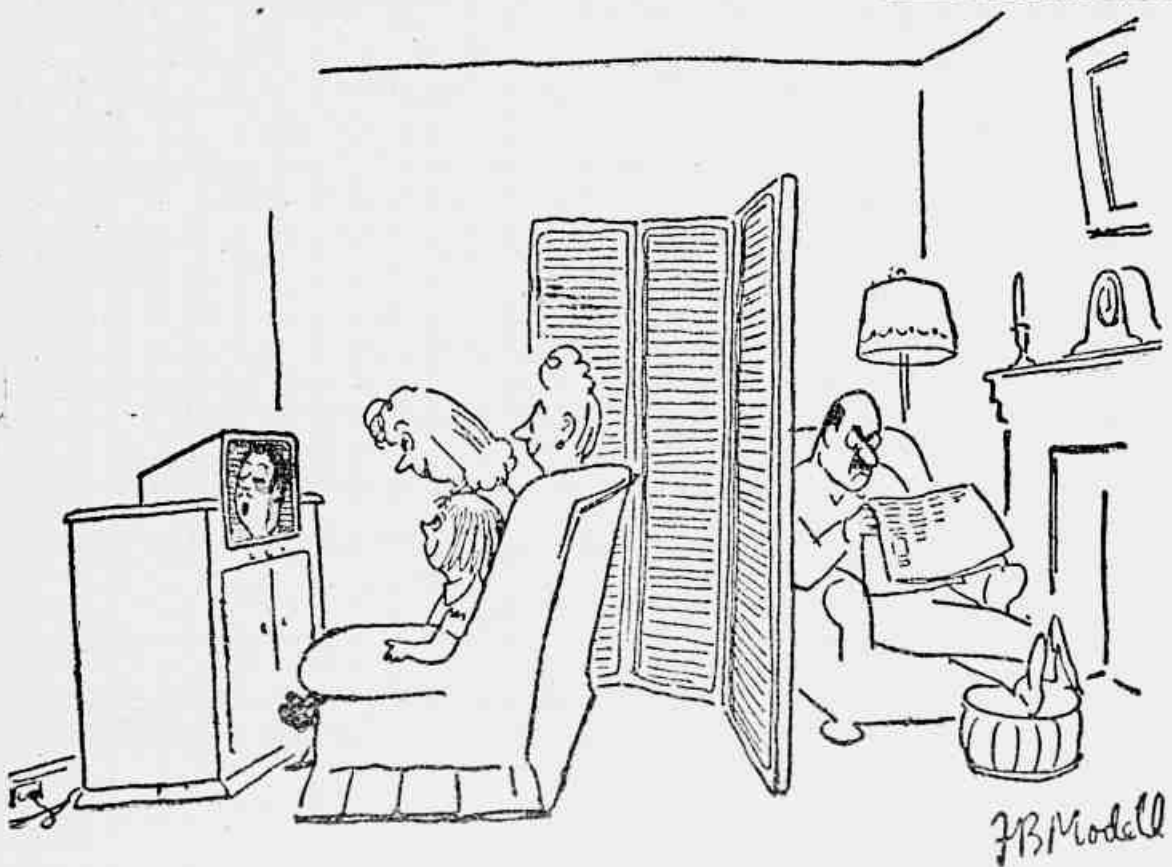
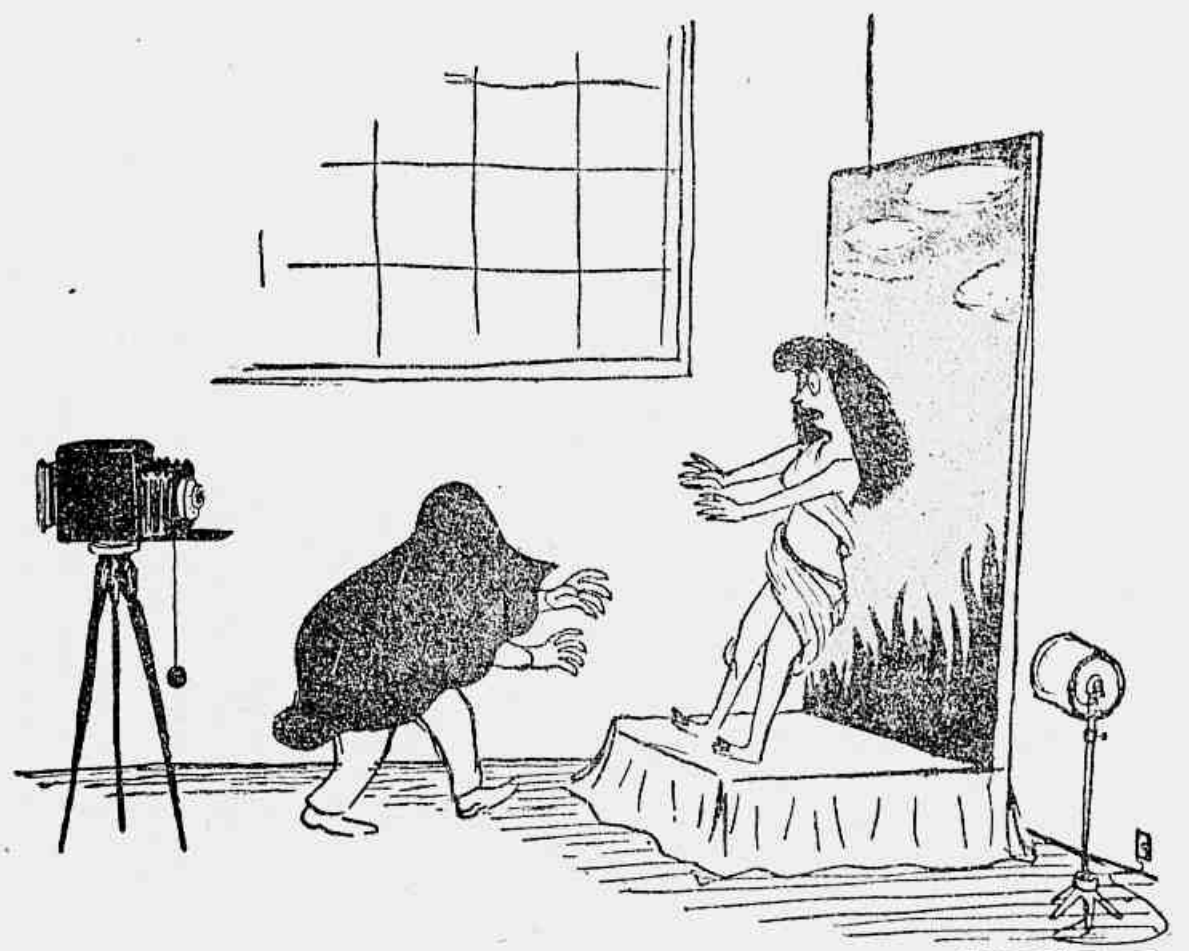
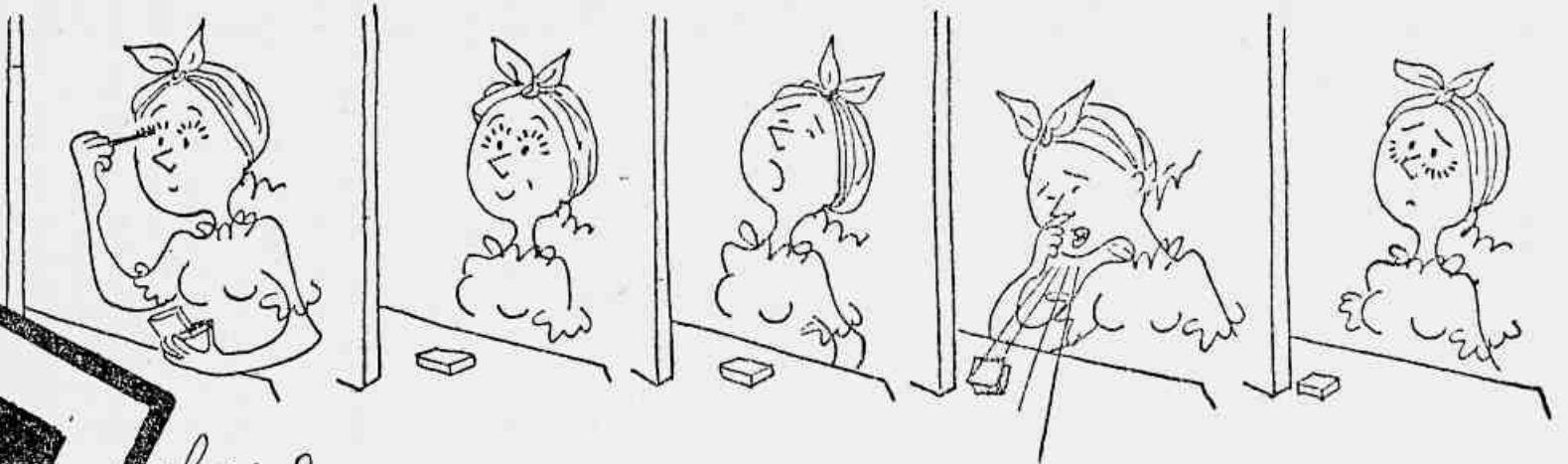


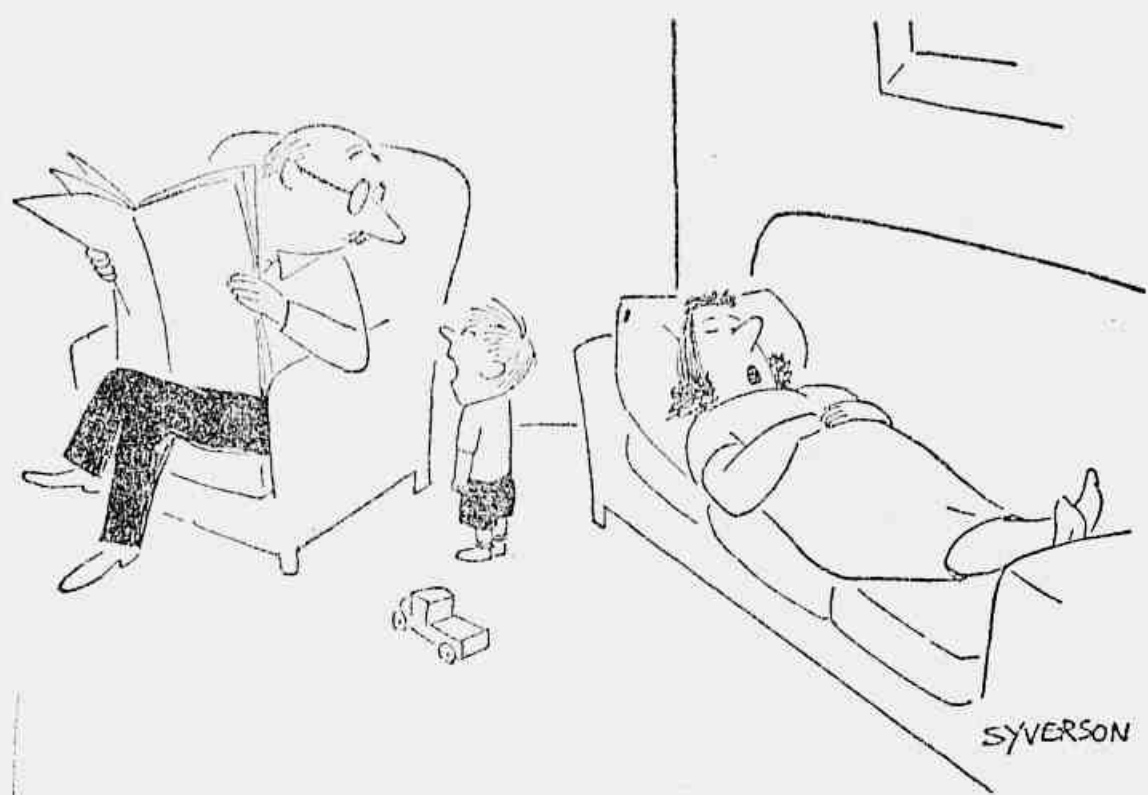
— Mas se eu quebrar à direita e depois quebrar à esquerda, não vai ser um pouco difícil continuar a dirigir o meu carro?



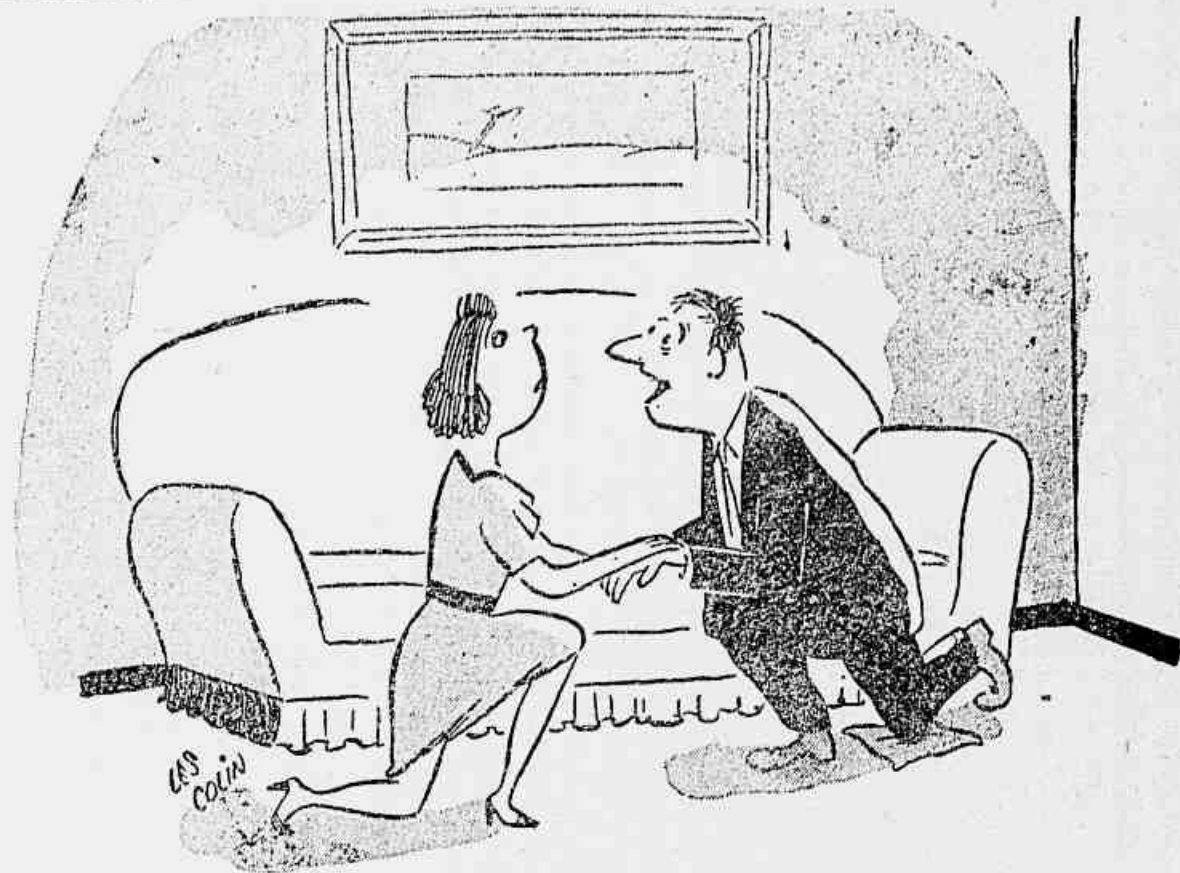
— Não, senhor! Nada de me esperar do lado de fora!

BOM HUMOR





— Se não me der um níquel, ou acordo mamãe!



— Angela, querida... eu ia lhe propor a mesma coisa!



— Você está certa de que a moda é mesmo essa?



— Não quero e... astas... Se são membros do Partido Democrático estão despedidos... Só aceito agora criadagem republicana...



— Meus amigos, nosso jovem colega acaba de isolar o vírus... Esta agora no nariz dele!



— Eu não lhe dizia para não tirar essa capa?!

VIDA LITERARIA



Peregrino Junior, autor de um interessante projeto de reforma dos prêmios acadêmicos.

MAIS UM PRÊMIO LITERÁRIO

RELEMBRANDO O PROJETO DE PEREGRINO JUNIOR NA ACADEMIA

D Minas vem-nos a notícia de que o industrial Othon Bezerra de Melo instituiu um prêmio de vinte mil cruzeiros a ser concedido anualmente à melhor obra em prosa ou verso publicada por autor residente naquele Estado.

Muito bem! Os homens de dinheiro, entre nós, já começam a compreender que estimular as letras, a cultura é um dos emprêgos mais louváveis que podem fazer do seu dinheiro. E isso já representa muita coisa, já é um avanço enorme sobre a situação em que se encontravam os intelectuais brasileiros há vinte anos atrás, contando só com os magros prêmios da Academia de Letras. Hoje, temos o Graça Aranha, o Felipe de Oliveira, o Pandiá Calógeras, o Fábio Prado e agora o do sr. Othon Bezerra de Melo, para citar apenas os que nos vêm à memória.

Quanto à Academia, continua no velho processo de repartir seus prêmios num número de parcelas que torna sumamente exígua a dotação de cada contemplado Peregrino Junior, num gesto muito esclarecido, tentou implantar outra orientação na distribuição dos prêmios, de maneira a constituírem eles uma soma mais ou menos estimável, em lugar dos ridículos cinco mil cruzeiros que ali têm ido receber tantos escritores. Mas o projeto do brilhante acadêmico acabou caindo por terra. A maioria dos imortais não concordou com a idéia de se englobar vários prêmios num só.

— Dez contos? Vinte contos?...

— Mas tanto dinheiro para um escritor? — teria dito meio escandalizado o embaixador Macedo Soares, secundado logo pelo sr. Roberto Simonsen que interrogara o que iria fazer um romancista, um poeta com semelhante soma. Assim, na Academia Brasileira de Letras ainda há quem imagine os intelectuais — os romancistas e os poetas — criaturas fora do mundo, vivendo de briza, à semelhança dos nossos avós da boemia de 89.

Felizmente, essa indagação escapou ao sr. Fábio Prado e agora ao industrial Othon Bezerra.

E' possível que ante tais doações, a Academia acabe modificando o seu critério, vencendo, afinal, a corrente encabeçada por Peregrino Junior. E é de esperar-se ainda que tais gestos estimulem outros idênticos. Pelo menos, já são eles um testemunho de que se vai compreendendo no Brasil que os escritores e poetas precisam de dinheiro e que o meio mais eficiente de incrementar a nossa produção intelectual é premiar os que nela se distinguem.

OS LIVROS DA SEMANA

"A Rua Principal" — De Sinclair Lewis

"Main Street", hoje traduzido para o português, com o título de "A Rua Principal", foi o primeiro dos grandes romances de Sinclair Lewis, e depois de "Babbitt", o que mais se popularizou. Da mesma maneira que este nome se tornou o símbolo do americano médio, "Main Street" passou a simbolizar a vida provinciana nos Estados Unidos. Com quase todas as obras de Sinclair Lewis, o referido romance causou escândalo e suscitou muitas discussões. A província sempre fôra, aos olhos do americano, um reduto de virtudes e sentimentos elevados. Assim, todos os livros que descreviam o ambiente provinciano, tinham o cuidado de mostrá-lo sob o aspecto mais favorável e lisonjeiro. Fácil é, portanto, imaginar o desconcerto causado pelo romance de Sinclair Lewis, em que a pequena cidade do Interior aparecia com os mesmos vícios das metrópoles. "A Rua Principal" iniciou a ficção americana contemporânea, o que Van Doren chamou "a rebelião contra a aldeia". Logo, outros escritores, como o originalíssimo Sherwood Anderson, se puseram a denunciar os males da província e a pintar com as tintas carregadas de um realismo cruel o que outrora era projetado num prisma de idealismo cor de rosa.

O enredo de "A Rua Principal" pode resumir-se no seguinte: a história de uma mulher que, casada com um médico de província, pretende combater o espírito estreito do logarejo, onde o marido clinicava. Mas a sua luta resulta inútil e ela não vê outro recurso senão o de submeter-se ao meio, vencida, afinal, pelo ambiente. Muita gente já chamou a heroína de Sinclair Lewis de Bovary americana. De fato, a situação das duas se assemelha algum tanto, com a diferença de que a primeira resolve o seu problema de uma maneira mais prática, por meio de uma adaptação que a personagem de Flaubert — libertando-se da vida pelo suicídio — não soube encontrar. (Ed. Globo — Col. Nobel).

"Memórias" — 1.º volume — De Goethe.

O fato de haver aparecido anteriormente o 2.º volume das "Memórias", de Goethe, e só agora, uns seis meses depois o 1.º, nenhuma importância tem no caso, porquanto os dois volumes não obedecem a uma unidade cronológica perfeita. No primeiro, Goethe narra, por assim dizer, a sua formação intelectual, "seus anos de aprendizagem"; no segundo entretém-nos sobre a sua "Viagem a Itália", as impressões da "Campanha da França", por ele realizada, em companhia do duque de Weimar, e finalmente, de vários episódios destacados da sua vida, colocados sob o título geral de "Anais". O primeiro volume é, aliás, o mais harmônico, encerrando o desenvolvimento completo de um longo período da vida do autor. "Poesia e Verdade", foi como Goethe intitulou essa parte de suas memórias. Recordar o passado é para ele recordar toda a realidade de que a poesia constituiu uma expressão estética. Assim, lembra-nos o poeta as circunstâncias que o levaram a escrever o "Werther" — tido depois como um breviário do sentimentalismo romântico — a influência exercida no seu espírito pelo encontro com Herder, outras passagens significativas de sua existência, tão cheia de amizades e de amores.

O contacto com esse Goethe intimo e familiar leva-nos a mais admirar o autor de "Fausto". A tradução esteve ao cargo de Lúcio Cardoso, que se desobrigou com êxito da tarefa. (Ed. José Olímpio).

"Discursos" — De Daniel de Carvalho.

Esta "plaquette" reúne os discursos mais importantes pronunciados pelo sr. Daniel de Carvalho, desde outubro de 1946, quando assumiu a pasta da Agricultura, até os dias presentes. Tais orações vêm concretizando o pensamento do ministro sobre os mais relevantes problemas da

hora atual e concernentes com o seu setor administrativo, motivo porque o Serviço de Informação Agrícola julgou de grande oportunidade esta publicação. De maneira incisiva e eloquente, o ministro expõe as diretrizes racionais que tem seguido na sua gestão, visando, sobretudo, eliminar os processos rotineiros que infelicitem a nossa lavoura. Seus pontos de vista são sempre realistas, indo de encontro a esse idealismo contraproducente, afeto a contornar os problemas, em lugar de encará-los de frente.

"Caderno da Juventude" — Apresentado por Vanina.

Muito interessante esta coleção de textos culturais e recreativos, apresentados por Vanina e ilustrados por Vieira da Silva. A seleção é variadíssima, pois encontramos poesia, contos, fantasias, resumos biográficos, curiosidades científicas, reunidos com muito bom gosto nessas páginas. Manoel Bandeira assina algumas poesias. Lúcia Miguel Pereira sintetiza em poucas linhas as vidas de José Bonifácio e Machado de Assis. Grande parte dos textos é traduzida do francês, figurando também nesse idioma algumas páginas, o que indica que se destina este caderno aos jovens já iniciados no francês.

"Compendio y Descripción de las Indias Occidentales" — de Antonio Vazquez de Espinosa.

Durante três séculos o nome de Vazquez de Espinosa foi um enigma para todos os que se interessavam pela história americana. Hoje, finalmente, depois de laboriosas pesquisas, a sua grande obra "Compendio y descripción de las Indias Occidentales", lançada no começo do século 17, acaba de ser revelada ao público numa edição transcrita do texto original por Charles Upson Clark e publicada sob os auspícios do Comité Interdepartamental de Cooperación Científica y Cultural de los Estados Unidos. Trata-se de uma obra do maior interesse histórico, cuja erudição não exclui o pitoresco e indispensável para o conhecimento do passado da América Espanhola.

NOTICIÁRIO

Morreu o romancista João Lucio

Faleceu em Minas, com a avançada idade, de 73 anos, o romancista João Lucio. De há muito que vivia ele completamente esquecido, num cargo burocrático na capital mineira. E sua obra, pode-se dizer que infelizmente, quase não teve repercussão fora do seu Estado natal. Entretanto, deixa ele, pelo menos, dois bons romances: "Bom Viver" e "Pontes & Cia.", ambos de cunho realista, focalizando o ambiente da província.

No primeiro, em que se nota a influência de Eça de Queiroz, há cenas curiosíssimas e alguns tipos de primeira ordem que evidenciam no autor um grande poder para a caricatura.

A falta de estímulo concorreu, de certo, para que João Lucio encerrasse prematuramente sua carreira de romancista, passando a escrever livros didáticos para crianças. O seu último romance, publicado há alguns anos atrás, é bem inferior aos primeiros, esgotados há muito tempo, e inteiramente desconhecidos pelas gerações novas.

O VERSO — LINGUAGEM BUROCRÁTICA



Manuel Bandeira, visto por Fouljita.

O poeta Manuel Bandeira dirigiu, como se sabe, uma reclamação em verso ao prefeito Angelo Mendes de Moraes, pedindo-lhe determinada providência. O processo não é muito novo. Antigamente se utilizava, com frequência, a poesia para tais coisas: os poetas se dirigiam, comumente, em versos aos poderosos. Mas de há muito que o costume foi abandonado. A poesia deixou de servir para esses fins práticos. O fato é que a idéia de Manuel Bandeira teve um resultado magnífico. No dia seguinte, uma turma de trabalhadores da Prefeitura executava prontamente a medida por ele solicitada.

O mais desconcertante de tudo isso foi, porém, o seguinte: o prefeito encaminhando a reclamação ao chefe da seção competente, para tomar as devidas providências, fazia-o também em versos — em versos publicados daí a dias, — por um dos nossos matutinos.

Nesta época, em que tanto se fala em poesia pura, tivemos assim uma negação formal das teorias de Henri Bremond. Não podia haver caso mais expressivo de poesia interessada em nosso meio.

REMESSA DE LIVROS: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



MERLE OBERON

NOS BASTIDORES FEMININOS

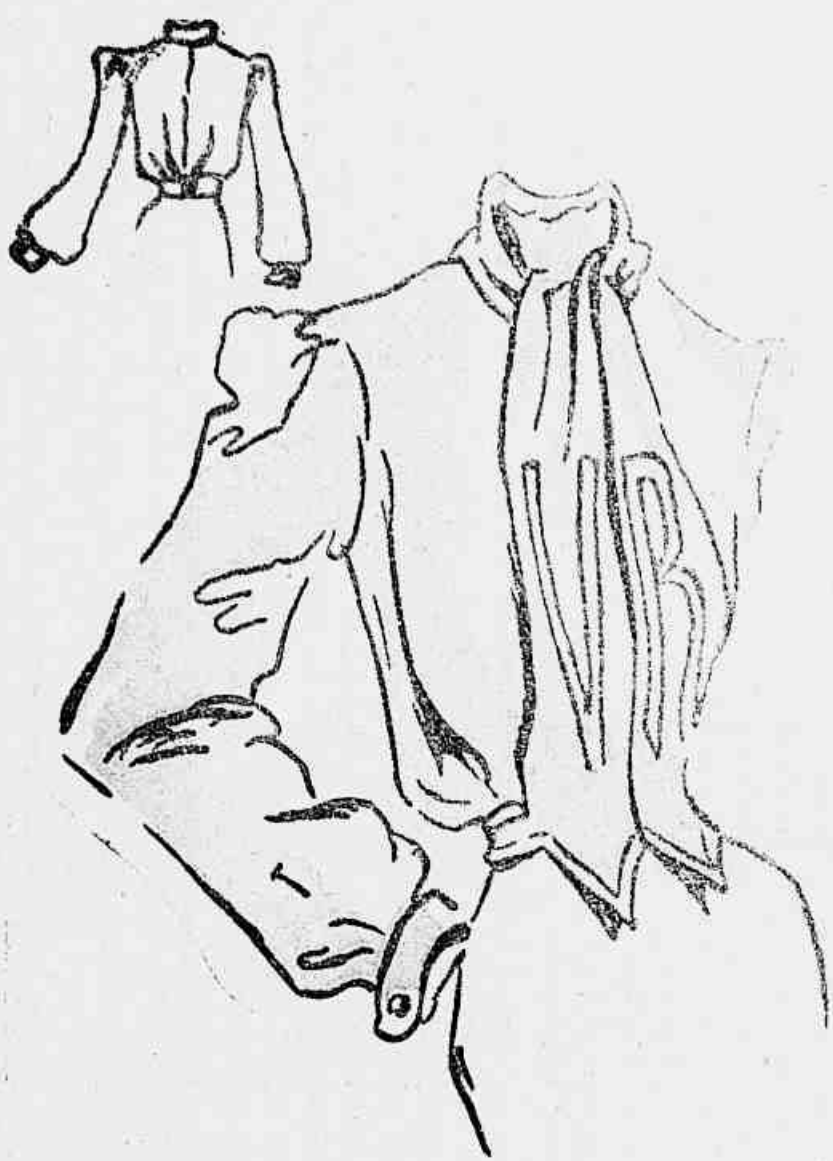
VOCÊ precisa sacudir-se... Sacudir esse desânimo, essa displicência, sacudir entim todo esse pessimismo que a transforma numa criatura apática e sem vida. Afinal, que razões terá você para tanto desânimo?

Só motivos muito sérios e profundos — quando irremediáveis — poderão levar uma pessoa a esse estado de total indiferença pelo mundo e pelas coisas... Esse, no entanto, não é o seu caso. Você é pessimista talvez por se julgar

superior... Sim, porque existem pessoas que acham que rir e divertir, são coisas que só pertencem aos "pobres de espírito"; porque elas, as "superiores", é que carregam dentro de si todos os problemas sérios que afligem a humanidade, toda a tragédia que pode cair sobre o homem,

(Cont. na pág. 56)

BLUSAS PARA A NOVA ESTAÇÃO



em lã fina ou sêda pesada, estas blusas podem ser executadas, indicando, cada uma delas as novas tendências da moda. Observem que em tôdas elas a gola é alta, o que está sendo muito recomendado pelos costureiros franceses.



CAMISOLAS DE NOITE

mousseline
à pois

soie garnie de
fronces et
entre-deux

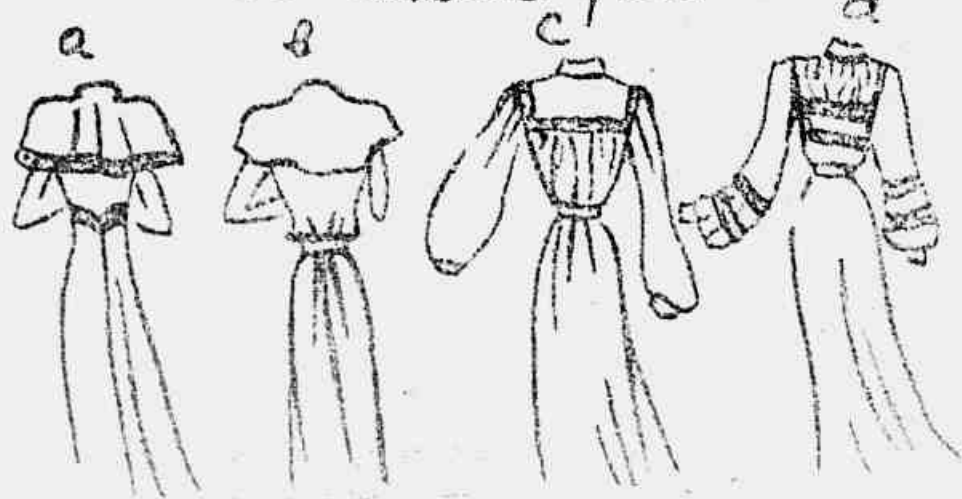


mousseline brodée
de AWORKS

le dos
ouvert

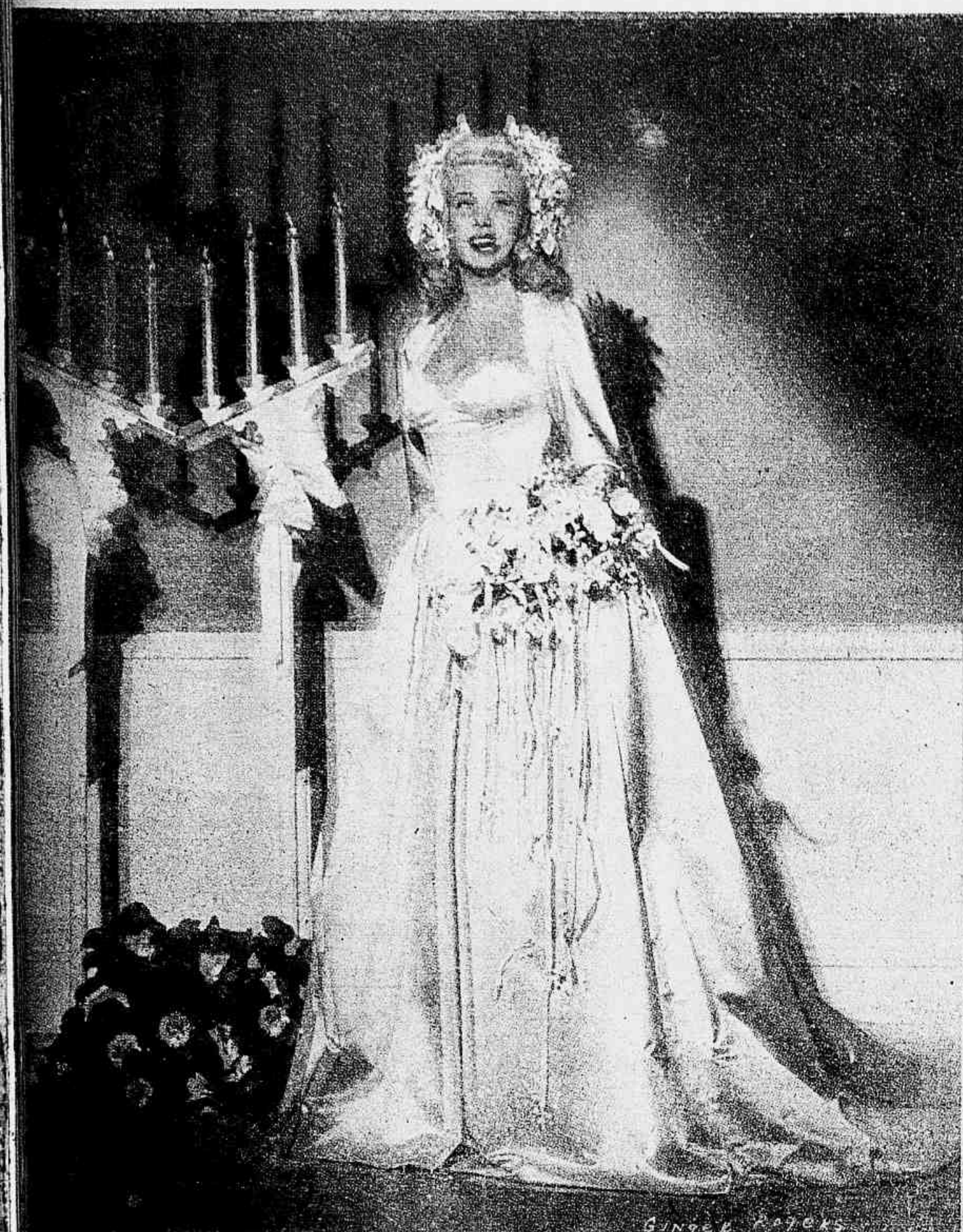


mousseline
brodée partout
de dentelle fine



Para o seu enxoval, oferecemos algumas sugestões:

- a) — Em mousseline, com renda fina.
- b) — Em seda com "pois".
- c) — Seda guarnecida de franzidos e entre-melos.
- d) — Mousseline, com franzidos e rendas.
- e) — Em mousseline com entremeia. Costas iguais.



Em cetim, com grande decote, bordado com pérolas. Saia muito ampla, também bordada como pérolas. Vêu longo, de "tulle". Dois ramos de flores caem dos lados da cabeça. A sugestão é de Ginger Rogers que assim aparece em "Tem que ser você", da Colúmbia.



Também de Ginger Rogers é este modelo em larné prateado com colar e "toque" de pérolas. O vestido é justo no corpo, tendo um drapeado sobre os quadris que termina em cauda.

NOIVAS

Maio é e sempre foi o mês dos casamentos. E, nesse dia, você, certamente, quererá parecer mais linda ainda, no seu vestido de noiva, o que é justíssimo, aliás. E' para você que oferecemos estes três encantadores modelos.



Travilla, desenhou para Janis Paige o modelo em cetim e pala de "tulle", que ela vestiu no seu casamento. A "estrela" da Warner, não usa enfeite algum sobre a cabeça.



Para o enxoval de uma noiva, Jean Louis, desenhista da Colúmbia, criou este robe de linhas severas, ao qual não falta um só detalhe de elegância.



Impecável o novo conjunto usado por Merle Oberon, a "estrêla" de "Melodia da Noite". E' composto de saia e casaco de linhas retas em lã azul com finíssimas listras brancas, com incrustações de flanela branca... Blusa de sêda branca, deixando vêr, sob as mangas do casaco os seus largos punhos. Chapéu de feltro branco.

O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

MODOS DE DIZER

Numa carta de Bibi Ferreira a seu pai, Procópio: "Papai: — Meu filho, como havemos de resolver essa questão do cenário?"

MÚSICA

Dizia Madame de Pompadour, com sua grande experiência:

— A mulher é uma lira que não confia seus segredos senão a quem a sabe tocar...

CAPÍTULO DO AMOR

Um homem que fala de amor com muita eloquência não é um homem muito apaixonado. (George Sand).

O QUE É PROIBIDO

Quando uma mulher não é mais amada deve fazer tudo, menos chorar, — prescrevia Madame Du Barry.

CONVICÇÃO BEM FUNDADA...

Madame de Girardin (Delphine Gay, poetisa, nascida em 1804 e falecida em 1855) sustentava esta singular teoria:

— Um italiano tem mais espírito que uma italiana. Um espanhol tem mais espírito que uma espanhola. Um alemão tem mais espírito que uma aiena. Um inglês tem mais espírito que uma inglesa. Um russo tem mais espírito que uma russa. Um grego tem mais espírito que uma grega. Mas uma iranesa tem mais espírito que um iranês. E por isso, desde a conquista das Gálias, a guerra está declarada entre os homens e mulheres de minha bela pátria!

E, concluindo:

— Todo o iranês detesta a mulher que ama...

A AJUDANTE

Como se sabe, madame Arman de Caillavet, que foi amante e protetora de Anatole France, era uma mulher de grande cultura, sensibilidade artística e talento literário. Como o autor de "Thais" era preguiçoso e ma. ame de Caillavet muito metódica e muito empenhada em fazê-lo manter seus compromissos, muitas vezes escrevia artigos e prefácios solicitados a Anatole France. Um dia, ela escreveu, sob o nome de Anatole, uma crítica ferina, que fez com que arre. cessem as relações entre o criticado, Jules Lemaitre, e o ilustre acadêmico, de quem aquele era grande amigo. Jules Lemaitre suspeitava que a crítica tivesse sido publicada à revelia de Anatole, mas não ousava forçá-lo a uma confissão. Jantando na casa de madame de Caillavet, Jules Lemaitre disse a Anatole:

— Sei que aquele artigo não saiu de sua pena... Mas, quem quer que o tenha escrito, escreve muito bem... Tem inteligência e tem estilo!

Madame de Caillavet não pôde mais e se traiu: — Bem... — As vezes ajudo o sr. France, quando ele não tem muito tempo...

DEUS, PRESIDENTE CONSTITUCIONAL

Marie Bashkirtseff, no seu famoso "Diário" (conhecido no Brasil em edição da Livraria do Globo, que o incluiu em sua Coleção Nobel), tem esta deliciosa anotação:

"Mãe está sempre me falando em Deus. Se Deus quiser, com o auxílio de Deus. Só se invoca tão seguido a Deus para subtrair-se a toda espécie de deveres. Não é fé. Não é sequer devoção. É mania, fraqueza, covardia de preguiçosa, de incapaz, de indolente! Que maior incorreção que a de encobrir todas as debilidades com o nome de Deus? É indelicado. Ainda mais: é criminoso, — se se acredita em Deus. Se está escrito que qualquer coisa tenha de acontecer, aconteça, — repete ela, a si mesma, para evitar o trabalho de se mexer e... os remorsos. Se tudo estivesse escrito com antecedência, Deus não passaria de um presidente constitucional, — e as nossas vontades, vícios e virtudes, seriam apenas sinecuras".

SINCERIDADE

Sim, sinceridade um pouco brutal, mas sobretudo, muito rara, a da duquesa de Orléans, morta aos 62 anos, em Saint Cloud, no ano de 1772:

"Sempre fui feia e me tornei mais feia ainda depois que tive varíola. Meu talhe é de uma volumosidade monstruosa. Sou tão quadrada como um cubo. Minha pele é de um vermelho respingado de amarelo. Meus cabelos ficaram todos grisalhos. Meu nariz é todo perfurado pela varíola, assim como minhas bochechas. Tenho a boca grande e os dentes moles. Eis aí o meu lindo retrato".

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA).



O MISTÉRIO DO NASCIMENTO

Lá pelos quatro ou cinco anos a criança se torna perguntadora. Que é isto? Como se chama aquilo? Donde vem a lua? Por que é que só acende de noite? Onde ela fica durante o dia? A gente pode chegar até lá? E de avião, pôde? Os pais e avós observam simplesmente: — "Como é inteligente este garoto! Pergunta coisa! Promete!..." Outras vezes se impacientam com tantas e tão emaranhadas perguntas e respondem negligentemente às questões formuladas; mas pouca gente sabe que a razão de tão insistente investigação está na curiosidade da criança em saber como se nasce. Cabe-nos explicar a situação: a criança com a sua vivacidade natural repara que o ventre da mãe, ou de qualquer outra mulher da família, começa a crescer inesperadamente; se pergunta a razão daquilo, não recebe uma resposta satisfatória, ou, pior ainda, diz-se-lhe que não deve inquirir nada, que é feio ser intrometida; observa depois que aparece um bebezinho em casa e que, imediatamente, desaparece o volume do ventre que tanto a intrigava; tal como o selarém, relaciona os dois fatos, mas, como não lhe é permitido falar sobre o assunto, que realmente a interessa, faz várias e repetidas perguntas para, através delas, receber a resposta mágica daquilo que os adultos escondem e que tanto a impressiona.



Mentir e fantasiar sobre o fato do nascimento, criando as tolices absurdas de cegonhas e cestinhas, que, mais tarde ou mais cedo, serão destruídas pela realidade categórica, é fazer um mau juízo da capacidade de discernimento da criança. Negar-se deliberadamente a explicar a razão de um fato gritante, alegando que não se trata de assunto que crianças devam saber, é criar um mistério mais atraente ainda em torno da questão. Argumentam os que assim procedem que querem proteger a inocência da infância; mas é coisa sabida que as crianças que vivem no campo bem cedo conhecem os motivos da maternidade e não dão uma interpretação obscena ao caso; e muito menos se tornam depravadas por sabermos a verdade sobre a gestação. Pretender que a inocência infantil possa ser protegida pela negação dos fatos é admitir que ela seja alguma coisa concreta, passível de ser guardada numa redoma, livre de quaisquer contatos com o mundo em que se vive; na realidade todos nós sabemos que isto não é possível, que colegas e criados, de meios sociais diferentes, industriam maleficamente a criança sobre os assuntos proibidos; a explicação dada por quem não sabe fazê-lo é a origem de traumatismos morais, que repercutem funestamente, às vezes, no decorrer de toda uma existência.

Que se deve fazer, então? Em primeiro lugar nunca sugerir a pergunta; esperar que ela desponha naturalmente e, mais naturalmente ainda, se for possível, explicar que se trata de um bebezinho que está crescendo dentro da barriga da mamãe; a resposta singela e rápida, dada imediatamente ao inquérito, sem pausas, sem subterfúgios, nem sorrisos maliciosos, terá o mesmo efeito que outras respostas apresentadas a assuntos diferentes; a criança, quando é pequena, se contenta com esta explicação sumária, porque o que ela observou foi um fato concreto e visível e na sua mente não estão indagações mais complexas e decisivas do fato.



A criança satisfeita na sua curiosidade inicial quase sempre não revela mais interesse pelo caso; a informação só surgirá novamente na puberdade e receberá então uma explicação por outra forma; isto não ocorre, no entanto, com o netiz em torno do qual se fez mistério do assunto; o segredo acionou a sua inteligência e manteve o seu espírito alerta para uma curiosidade permanente.

Não se deve também provocar explicações prematuras da questão sexual; se se souber criar um clima de confiança, nunca mentindo, espontaneamente a criança indagará sobre aquilo que a preocupa; uma explicação forçada e precoce pode ter um efeito contraproducente — despertar a atenção para um fato que permanecia indito e chocar a mente da criança ou do adolescente; o educador deve usar de grande habilidade, respondendo tão somente à pergunta e nada mais adiantando sobre o que não lhe foi indagado.

Aquêles que se escandalizam com a atitude de curiosidade, deveriam saber o que todos os psicólogos sabem: que a criança não é este anjinho de uma criança que dela fazem os que não a conhecem intimamente; é um ser simples, natural, mas com todas as imposições da nossa natureza animal e todos os impulsos do selvagem que fomos nós.

ZOIA DE LAET



PARA O PRÓXIMO INVERNO

Eis alguns traços ligeiros para o próximo inverno:

(1) Jaqueta de camurça vermelha, com duas carreiras de botões e faixa ligeiramente drapeada amarrando na frente. Usa-o Arlene Dahl, da MGM. 2) "Duas peças" de gabardine marron, usado por Adele Mara. "Echarpe" vermelha. 3) Com uma sala de lã escocesa, Catherine McLeod usa um casaco de lã branca. "Echarpe" do mesmo tecido da sala.

Muro das LAMENTAÇÕES

ALGUMAS RESPOSTAS

SILVIA — Onde estiver — Um ponto de vista muito errado, o seu, de considerar "morta" a sua vida, só porque teve os dissabores que menciona. Mesmo grandes, como foram, hoje vêm a ser apenas passado, e o presente e o futuro estão em suas mãos. Não há contradição no fato de você ter inteligência e não ter sorte; nem sempre uma coisa depende da outra. A inteligência ajuda, apenas, em muitas circunstâncias, e seu principal papel é auxiliar-nos a compreender a difícil complexidade da vida. Desenvolva-a, portanto, como já está fazendo, por ela usando-a sempre a seu serviço, e não a serviço de um complexo de inferioridade e de fracasso que você precisa combater energeticamente para poder construir uma nova existência. Sim, porque a ela você tem direito, e por ela você deverá lutar. Talvez mais cedo do que pensa, você haverá de encontrar um companheiro digno do seu caráter e que sirva de apoio ao seu filho. Há tantos homens realmente bons! A questão é encontrá-los, ou fazer com que eles se encontrem a si mesmos...

Não cremos que seja acertada a sua idéia de ir trabalhar sozinha em outra cidade. As grandes cidades estão super-saturadas de gente, a competição é violenta, e ela torna as criaturas piores. Em todo o caso, só você mesma poderá saber quanto a isto, pois às vezes certas cidades nos ajudam a desanimar, pelas penosas recordações que nos trazem.

Temos a impressão de que o melhor seria, se a idéia não lhe desagradar, procurar aí mesmo em sua cidade um meio de desenvolver as suas possibilidades financeiras para o futuro. Por que não se propõe a substituir seu próprio pai? Ou isso não é possível? Trabalhar por conta própria é sempre preferível, pela independência que nos proporciona. Ademais, no seu caso, há a considerar ainda o auxílio que você está prestando a seu pai.

Sinceramente, acreditamos que você se julgue mais infeliz por desconhecer muita coisa que anda por aí, principalmente nas cidades grandes. Afinal de contas, você tem um lar, pais, um filho, um meio de ganhar a vida, e isso é muito, muito mais do que você imagina no momento. Pelo que falta, será preciso você lutar, mas não cremos que a melhor maneira seja a de se afastar dos seus. Isso só lhe traria uma vantagem ao nosso ver: averiguar com seus próprios olhos, o número de coisas boas que você já possui.

Um abraço, e felicidades, querida Silvia.



COLLINE — Sul — Algumas das palavras ditas a Silvia servem também para você. Leia, por isso, atentamente a resposta acima.

De início, você nos permitirá dizer-lhe que reputamos muito errado o caminho que escolheu para enfrentar a situação em relação ao seu ex-marido. Você está fugindo dele, e isso denota medo. Enquanto você estiver dominada pelo medo, estará dominada pela pessoa que lhe produz o medo. É um absurdo, viver trancada em casa só porque teme encontrá-lo na rua! De uma vez por todas você precisa enfrentar a situação. Não tema encontrá-lo, encontre-o mesmo repetidas vezes até que esses encontros não lhe produzam mais a menor emoção. Só assim lhe será possível libertar-se dessa voluntária prisão, tão prejudicial à reconstrução da sua vida.

Para esta reconstrução, com relação ao assunto sobre o qual versa principalmente a sua consulta, nossa opinião é a seguinte. Não considere fracasso a negativa obtida da emissora carioca. Você não tem, mesmo, experiência, é natural que ignore as coisas indispensáveis. O melhor seria você procurar ambientar-se primeiro em alguma rádio local (aí não existe uma transmissora?). Vá desse modo adquirendo tarimba, treinando o mais que puder. Ouça também todos os bons programas das rádios cariocas e paulistas, para ter uma noção da melhor maneira de se escrever para rádio, no momento. Depois, de degrau em degrau, passe da emissora local para a estadual, e da estadual para a da capital da república. É a melhor maneira.

Com relação a seus contos, etc., também conviria agir semelhantemente, procurando um jornal local, nele escrevendo uma seção durante certo tempo, mesmo que não tenha ela nada de literário. Simplesmente para adquirir experiência e prática. Depois, tudo ficaria mais fácil.

Lembre-se de que nenhuma vitória se fez por meio de um golpe espetacular, mas foi sempre o resultado de um infinito espaço de tempo passado na obscuridade, lutando para se obter a arma que nos facilite vencer. É o que lhe aconselhamos fazer, Colline, desejando-lhe desde já muito êxito.

CONFIDENTE



Conte-nos o seu caso, se está em dificuldades. Correspondência para "Confidente — Muro das Lamentações — REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.



A PERSONALIDADE da Semana

LYGIA FAGUNDES



No meio da rua, na tarde cinzenta, ficou olhando a multidão. A multidão assava. Gente estranha comentava o seu jeito alheio. De tudo, o seu rosto iluminado e distante. Ela via, apenas, a folha da revista; no alto, em baixo do título, o seu nome.

— Nunca me esqueci dessa emoção, me diz agora, dez anos depois. Foi na rua Direita, num trecho que ficou para sempre querido. Comprava a revista todas as semanas. Já não esperava ver meu conto publicado. E lá estava ele: "Vidoca" — Conto de Lygia Fagundes — premiado no concurso de "Carioca".

Depois disso escreveu dezenas de histórias, de belas e humanas histórias em que, através de vidas alheias, se sente a vida interior da autora se ampliando, amadurecendo em compreensão e inteligência. Em 1933 publicou o primeiro livro — "Porão e Sobrado"; em 1944, o segundo — "Praie Viva".

Agora, num vôo mais largo, escreveu a novela "O cacto vermelho" que aparecerá no próximo livro já pronto para o editor.

— E o romance, Lygia? Não quer tentá-lo?

Responde que tem um quase pronto. Mas não quer lançá-lo ainda. Acha que o conto é um gênero literário riquíssimo e com imensas possibilidades. E que ainda não se realizou inteiramente não se revelou de todo como contista.

Não segue modelos. Nem sofre influências decisivas de grandes autores.

— Procuro variar sempre as minhas leituras. Se um autor me empolga muito, ponho-o de castigo na estante e leio um gênero bem diferente. Quero ser eu mesma, escrevendo. Será a sinceridade pelo menos, uma virtude minha.

Isso não impede que tenha preferências. E ate idolatrias literárias. Katherine Mansfield, Edgard Poe e Anton Tchekow, por exemplo. E entre os brasileiros o velho Machado de Assis, o Mario de Andrade de "Elisa Figueira, sua criada" e Marques Rebelo de "Oscarina".

Quando se senta para escrever, o conto está planejado, construído na imaginação. Mas, quase sempre, mal se põem no papel, os personagens dão para viver vida própria. Impõem a presença de outros personagens, inventam soluções imprevisíveis. E Lygia mesma se espanta com a história nova que eles inventaram.

— Minha surpresa maior nesse sentido, foi com a novela. O personagem de "O cacto vermelho" se revelou violentamente contra o destino que eu lhe trancara. E, como se trata de um louco, achei mais prudente não protestar.

Adora a música quase tanto quanto a literatura.

— Mas sou tremendamente atrasada. Fiquei em Chopin; e não sinto a harmonia das dissonâncias.

No mais, Lygia Fagundes é muito moça, bonita como o retrato, elegantíssima, muito simpática. É advogada e pretende, quando voltar a São Paulo, trabalhar com o marido na criminologia. Na Faculdade de Direito de São Paulo, ganhou o primeiro prêmio do concurso literário promovido entre todos os alunos da Universidade. E em 1942, no Primeiro Congresso Jurídico Nacional, sua tese "Reflexos da Guerra Atual no campo do Direito" mereceu o segundo prêmio, entre todos os estudantes do Brasil.

Não se pode queixar da glória, a jovem escritora paulista. E, com o seu talento, a sua cultura e a sua corajosa capacidade de trabalho, ainda irá muito longe.

SARAH MARQUES



(1) Catherine McLeod, usa o cabelo solto, com franja sobre a testa. Esse penteado só ficará bem em fisionomias jovens.



PENTEADOS

Para rostos jovens, este é o penteado ideal. Cabelo repartido do lado, caindo ligeiramente sobre a testa.



Uma outra versão do cabelo solto, é apresentada por Jacqueline White, da RKO.

Cabelos soltos ou presos? Tudo depende do traje e da ocasião, como também depende muito do tipo. Há pessoas que ficam muitíssimo bem com os cabelos para cima enquanto outras ficam melhor com os cabelos soltos. Soltos ou presos, o importante é que eles estejam em acôrdo com a sua fisionomia.

Cabelo curto, crespo, levado para cima. Vai bem num rosto oval como o de Jane Wyman, da RKO.



O ajantarado é quase que uma instituição brasileira. Rara é a casa em que a família não se reúne aos Domingos para o ajantarado. Realmente ele é prático. Aos Domingos dorme-se até mais tarde e, é natural que se coma também mais tarde. Além disso as cozinheiras têm folga nesse dia (a folga oficial...) e assim, com o ajantarado, ficam as donas de casa livres da última refeição. E ainda traz consigo a vantagem de reunir a família toda em torno da mesa, coisa que nem sempre é possível nos dias de semana. É claro que o ajantarado deva ser "caprichado"... Pratos mais bonitos e mais saborosos, são completados por deliciosas sobremesas. Também, não se deve repetir em todos os Domingos, o mesmo menu, mas procurar variá-lo o mais possível, apresentando em cada ajantarado uma nova surpresa. Para este Domingo você poderá aproveitar estas sugestões.

★

SALADA DE TOMATES E ALFACES COM CREME

Ingredientes: 3 molhos de alface; 3 tomates grandes; 3 colheres, das de sopa, de azeite; 3 colheres, das de sopa, de creme fresco; 1 colher, das de chá, de vinagre; 1 pedaço pequeno de queijo "Roquefort"; 1 cebola; sal, salsa, pimenta.

Preparação: Tratam-se as alfaces e os tomates. Põem-se as folhas numa saladeira e cortam-se os tomates em rodela, dispondo-os em seguida sobre as alfaces. A parte, esmaga-se o queijo com o creme e juntam-se a cebola picadinha, a pimenta e o sal. Bate-se bem esta massa, juntando-se-lhe em seguida o azeite e o vinagre. Na ocasião de servir a salada, põe-se este creme sobre a mesma.

★

COSTELETAS DE PORCO A MILANESA

Ingredientes: 1 quilo de costeletas; 250 grs. de banha; 250 grs. de farinha de rosca; 1 colher, das de sopa, de azeite; sal, pimenta, 4 ovos.

Preparação: Tratam-se as costeletas, cortam-se, temperam-se, juntam-se-lhes uma colher, das de sopa, de banha e um pouco de água quente e leva-se a cozinhar até a carne ficar macia. A parte, quebram-se os ovos num prato, adicionam-se-lhes o azeite, uma colher, das de sopa, de água, sal e pimenta. Passam-se as costeletas na farinha de rosca e depois nos ovos e novamente na farinha. Fritam-se de ambos os lados na banha bem quente, até ficarem coradas. Servem-se com palmito ou aspargo com molho branco.

★

CREME RICO

Ingredientes: 250 grs. de palitos de pão de ló, 1 latinha de geleia de maçãs, 1 latinha de doce de abricó; 1/2 copo de "Kirsch". 1 prato fundo de arroz de leite.

Preparação: Toma-se uma fôrma lisa, forram-se o fundo e os lados com os palitos de pão de ló, de modo que fiquem bem unidos e rega-se com um pouco de Kirsch". Em seguida, enchem-se a fôrma com camadas alternadas de geleia de maçãs, arroz de leite e cobre-se toda com os biscoitos restantes. Coloca-se em lugar fresco e no momento de ir para a mesa, tira-se da fôrma com todo o cuidado. Serve-se com o doce de abricó, perfumado com "Kirsch".

CREME DE ABACATE

Ingredientes: 500 grs. de açúcar Pérola; 1 litro de leite, 6 abacates, 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha.

Preparação: Descascam-se os abacates e passam-se numa peneira. A parte, põe-se o leite a ferver com o açúcar e a baunilha. Em seguida retira-se, deixa-se esfriar e junta-se a massa dos abacates. Mistura-se tudo e despeja-se na sorveteira, levando-se à geladeira para congelar.

MÚSICA

O ALEGRE TIRANO — UMA DESPEDIDA — "PROMETI A MIM MESMO APOSENTAR-ME NO APOGEU DE MINHA CARREIRA" — E, PARA SUBSTITUTO, "LE BEAU CHARLES"

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

CONTA Guérard que, saindo a passeio, Lincoln encontrou um velhinho de setenta anos, chorando.

— Por que está chorando? perguntou o presidente dos Estados Unidos.

— Foi papai, disse o velhinho, foi papai que me bateu.

Naquêle momento apareceu um outro velho, de uns noventa anos, mais ou menos.

— Sou eu o pai. Batí nesse "menino" porque ele faltou ao respeito que deve ao avô.

E naquela família de Matusalens ninguém se considerava velho...

Atendendo, precisamente, a essa relutância em confessar a própria velhice, que é uma das características da valdade do ancião, Swift já dizia: "Todos querem viver muito, mas ninguém deseja envelhecer"...

Sergé Koussevitski acaba de aposentar-se no apogeu de sua carreira, dando ao mundo um exemplo de que já possui a tradicional sabedoria da idade provecta e, ao mesmo tempo, demonstrando que o peso dos anos não o impede de ter gestos de impulsiva e apaixonada mocidade. Porque, retirando-se para a vida privada, o conhecido regente vai, agora, gozar, tranquilo, a companhia de sua jovem esposa, uma vez que, recém-casado como é, renunciou às glórias de sua arte, mas não repudiou o ataque de Cupido.

O ALEGRE TIRANO

A imprensa americana noticiou os dois acontecimentos, acrescentando comentários humorísticos. Koussevitski abandonará, definitivamente, a vida de maestro ao completar vinte e cinco anos de direção da Orquestra Sinfônica de Boston. E fez anunciar essa decisão com a solenidade adequada.

Terminando um concerto com o Prelúdio dos Mestres Cantores, de Wagner, retirou-se, rapidamente, para seu camarim, sem atender aos insistentes pedidos do público que aplaudia, esperando vê-lo reaparecer para o habitual cumprimento. Surgiu, em vez do destacado regente, Henry Cabot, presidente da Orquestra Sinfônica de Boston, que pediu silêncio e deu a notícia.

Diante do fato consumado, não se detiveram os admiradores do maestro, que procuraram dissuadi-lo, mas ele limitou-se a abanar a cabeça, afirmando:

— Eu prometi a mim mesmo que me aposentaria no apogeu. E' o que vou fazer.

Koussevitski, que vai completar setenta e cinco anos, não mentiu. Em plena forma, ainda hoje ele nos oferece, com a orquestra que dirige, interpretações inesquecíveis. E, quando está satisfeito com seus músicos, acena, benevolente, aprovando, e murmura:

— Bom. Bom. Isso está muito... "koussevitski".

Pequeno tirano, alegre e bem disposto, mas que sabe ser severo, nos ensaios, Koussevitski notabilizou-se pela sua sensibilidade e extensa cultura musical, pela sua compreensão solícita que amparou, sempre, os novos compositores e regentes, mas, também, pelo seu amor à disciplina e à ordem no trabalho. Se, durante uma explicação, há murmúrios entre os músicos, berra, logo:

— Não conversem! Pelo amor de Deus, não conversem!

Entretanto, como, apesar de viver nos Estados Unidos há muitos anos, seu inglês é pitoresco e de carregado sotaque, as suas advertências enérgicas provocam sorrisos, em vez de despertarem revoltas.

CHARLES MUNCH, O SUCESSOR

Há muito tempo, Koussevitski vinha preparando essa retirada e consta nos círculos musicais americanos que estava usando sua influência junto aos diretores da Orquestra no sentido de legar ao seu protegido, Leonard Bernstein, maestro e compositor, o posto de regente da Sinfônica de Boston. Entretanto, anunciado o afastamento de Koussevitski, verificou-se, com surpresa, que ele será substituído por Charles Munch, de origem francesa. Este, que já esteve aqui no Rio, apresentando-se com grande e merecido sucesso, dispõe de uma fôlha de serviços à cultura musical comparável à do próprio Koussevitski. Aliás, além de destacada atuação à frente da Orquestra do Conservatório de Paris, Charles Munch tem visitado vários países da Europa e da América, sendo que, há dois anos, acha-se nos Estados Unidos, onde, como convidado especial, regeu as orquestras de Boston, Nova York, Chicago e Los Angeles. Rico e, portanto, independente, Charles Munch casou-se com a filha de um milionário suíço, a qual recebeu herança que vai além de um milhão de dólares. Muita sorte, tanto na sua carreira, como na vida particular tem Charles Munch que, nos seus tempos de regente em Paris foi apelidado pelas suas admiradoras de "le beau Charles"...

UMA CORRIDA DE TOUROS NO SABUGAL

(Continuação da pág. 17)

E, quando ainda muita gente es-tacionava na praça, esperando, des-cuidosa... quase inesperadamente, milagrosamente... eis que o boi torna a sair.

Então, era de ver a estarrecida precipitação de tudo aquilo a trepar para os patins, os carrões, o muro, o arvoredor, não importa para onde, numa clamorosa debandada de pavor. Do alto do patim, um hercúleo grimalhão, dando para baixo a mão a outro, bradava-lhe:

— Vá! Se queres tropar, tropa.

As saias duma rapariga que es-calava uma árvore, enfunadas pelo vento, deixavam escarninhamente ver à praça, num relance, aquelas duas flores de que na «D. Branca» fala o Garrett. Grande troça abre-jeirada fustigando a agilidade da moça, numa orgia de alusões obscenas. E a animação redobrava, estimulada pela subitânea reaparição do touro, a pique de dar seu de-sastre.

A trovoadas, soprada do vento, co-meçava a espalhar. E, a propósito, contava-me muito convicto um al-deão, meu vizinho: que na véspera, de noite, um raio matara um rapaz, no caminho de Penamacor, e que o tinham encontrado, na madrugada, «ainda com o fato e as costelas a arder».

O tal garrocheador incansável volta, radiante e destemido, a mal-tratar o animal. Morde-o uma exaltação crescente de vertigem; e, tam-

bém odiento, o boi volta sonsamente a espreitá-lo, sem trégua, com lampejos de rancor na pupila fulgurante... Súbito, arranca de novo para ele. O rapaz, irônico e lesto, rees-cala o mesmo patim. O boi estaca, fuma, e carva o solo, raivoso, fúlo, encarando sempre o agressor. Ansiedade em toda a linha... Por fim, esporeando de raiva, o animal resolve-se, arma pulo e lança-se sobre a escada com toda a impetuosidade da sua massa encrme.

Ferve e rebrame um refluxo in-descrevível no patim. Afritivamente, uns pelos outros, com a-as, todos trepam, voam, cegos, perdidos, propulsando em cima um medonho transbordamento... Uma dúzia de pessoas — entre elas a mulher da criança, — são projetadas de arremesso contra o lajedo da praça.

O alarido, o berro unânime que então vibrou pelo recinto! E, acima dele, — desesperado, trágico, — ras-gando o ar, dominando o pavoroso ulular da multidão, um grito estrí-dulo de angústia!

Em baixo, no lajedo, insensível, a pobre mãe desmaiara para o lado, deixando a descoberto... a crian-cinha esborrachada.

Nesse instante as nuvens abriam e um comovido jorro de luz ensan-guentava o recinto. Enquanto o boi se abeirava do cadáver do pequenino, lambia-o docemente e, depois de do-minar toda a praça silenciosa com um demorado olhar de exprobação, soltava um alto mugido plangente para o céu...

Hei de ouvi-lo toda a vida, êsse mugido lancinante!

A menina da ilha

(Continuação da pág. 15)

talvez fossem castanhos, mais cla-ros ou mais escuros. Mas eram bri-lhantes, melgos, afetivos. O rapaz sentiu-se bem, olhando para ela. Só conseguiu ficar ouvindo, sorridente, saboreando a vozinha límpida, a fala viva e desprentiosa da menina da ilha. Há uma escritora, e grande, que só diz bem da ilha. O rapaz agora sabe que ela tem razão. Sim, porque uma ilha que tem uma me-nina assim só pode mesmo ser uma boa ilha. A menina explicou que era da ilha do Governador, que a viagem era longa, que lia os qua-drinhos pa- não ficar pensando em bobagens, coisa que a gente sempre faz quando não tem o que fazer. Isso, depois de algumas explicações preliminares, breves, sobre o Pafún-cio e a Marocas. Na certa ela pen-sava que o rapaz só conhecia de leve a dupla... O rapaz ouviu tudo, calado, sem responder. Há quanto tempo ele não ouvia uma menina assim? Há quanto não ouvia voz tão doce, pura, tão amável? Há quanto não levava tapinhas assim no braço, tão íntimos, a sublinhar uma palavra ou outra? E a cabecinha que se inclinava para perto dele, tão graciosa, tão reservada, como se estivesse a dizer segredos... E então ela voltou a falar sobre o Pafúncio, mas o rapaz não ouviu. Só ouvia o som da voz dela, sem entender o que dizia. Interrompeu êsse deva-neio um movimento febril, gente que desce, gente que quer subir. Um rá-pido «passe bem» e lá se fôra a menina. Era a praça 15. O rapaz acordou, saiu correndo, de guarda-chuva aberto, alcançou a menina, desprotegida, abrigou-a. Ela virou o rostinho, surpresa. — Oh, o se-

nhor aqui?... — Ele ficou atrapa-lhado. Evidentemente, já perdera o hábito dos romances infantis. Uma poça d'água, um homem apressado, um automóvel, três oportunidades para que ele segurasse o braço da menina, com dois dedos só, como se pega um objeto de porcelana. Ela sorria, contente. Ele sorria, bestifi-cado. Bestificado de prazer, sem sa-ber por que. Numa fila pequena, a menina parou. Estendeu a mão. Ele a tomou. — Como é o seu nome? O meu é Maria da Conceição. Quan-do o senhor quiser estamos lá na ilha, na praia tal, número tal. — Ele nada ouviu. Estava só aper-tando, muito de leve, a mãozinha ma-cia, de unhas rentes, sem esmalte; estava só vendo os olhos doces, um pouco brilhantes, tão francos! Es-tava apenas sonhando; um sonho bom, simples, inocente. Sonhava que tinha apenas quinze anos, que usava farda de ginásio, que não tinha preo-cupações na vida. Sonhava que ia tomar a barca para a Ribeira, que ia até lá conversando com aquela menina, segurando talvez a mãozi-nha fria, macia, sem esmalte nas unhas. Um apito agudo interrompeu a coisa. A mãozinha fugiu, a me-nina correu, passou pela borboleta, parou um pouquinho, deu adeus. O rapaz ficou parado, na chuva, ima-ginando. Levou um tranco de um retardatário, que provavelmente não queria deixar de dormir em casa. Depois saiu andando, para casa. A chuva continuava a cair. O rapaz jantou, e não gostou da comida; passou os olhos num jornal, e não viu nada de interesse; foi a um cinema, e não gostou da fita. Vol-tou para casa, foi dormir. Mas não dormiu. Apenas sonhou. Sonhou que tinha quinze anos, que ia para a Ribeira, na barca, segurando a mão-zinha macia, fria...



GENTIL PUGET

GENTIL Puget, cuja morte deixou um claro nas hostes musicais, foi dos mais fortes compositores populares que o Brasil conheceu. Sua existência consagrou-a na vulgarização de nossas melodias, estudando com carinho e obra daqueles que se dedicam a expandir, em versos, a alegria do homem da rua. Tímido ao extremo, fugia dos clangores da publicidade, isolando-se entre as quatro paredes de seu humilde quarto. Assim, compondo e pesquisando, chegou a organizar completo dicionário da música popular, a ser publicado por uma de nossas editoras. E, ultimava a conclusão de um vocabulário popular da Amazônia, quando a morte o veio arrebatara do mundo dos vivos.

Nascido e criado no Pará, Gentil Puget chegou ao Rio para difundir as melodias de sua terra natal. Teve de lutar contra a indiferença de uns e a má vontade de outros. Porém, a custa do próprio valor, encontrou aconchego no microfone PRA-2, onde veio a lançar "Roteiro da música popular", programa que se estendeu por três longos anos, sempre divulgando o que de interessante nossos compositores produziam. Agora, fechando os olhos para sempre, nem por isso será esquecido. O trabalho que realizou e as inúmeras melodias que compôs, aí estão para recordar aquele que tudo fez para elevar o conceito da música popular brasileira, sem medir sacrifícios e sem visar lucros, uma vez que seu único fôto era servir a terra em que nasceu.

A. MIGUEIS

SIMPHONY

Simphony... Simphony of love
Music from above... How does it start
You walk in... and the song begins
Singing violins... Star in my heart...
Than you speak... The melody seems

[to rise
Then you sigh... It sighs and it softly
[dies

Simphony... sing to me...
Then we kiss... and it's clear to me
When your near to me... you are my
Simphony... my Simphony.

mi linda Juana muero por ti
Seria sueño talvez
o quigas una ilusión
lo cierto que en ti pensando
siempre cantando
vay mi canción.

UNA MUJER

*Bolero de S. Pondal e C. Ottavari. —
Música de Paul Misraki.*

La mujer que al amor no se asoma
no merece llamarse mujer
Es cual flor que no esparce su aroma,
como un leno que sabe arder.
La pasión tiene un magico idioma
que con besos se debe aprender.
Puesto que una mujer, que no sabe
[querer,

no merece llamarse mujer.

Una mujer debe ser
soñadora, coqueta y ardiente.
Debe darse al amor
con frenético ardor
para ser una mujer.

Yo viví como en sombras, dormida
sin sentir la más leve emoción.
Una vez me dijeron "querida"
y esa voz mi letargo quebró.
Ahora quiero, y me aferro a la vida,
Ahora mi alma comienza a nacer.
Puesto que una mujer, que no sabe
[querer,

no merece llamarse mujer.

EU E VOCE

(Fox)

*Paulo Sucupira e Matos Neto. — Gra-
vação Vocalistas Tropicais.*

Você disse que é...
muito original
mas se você não quer
ser meu amor ideal
Você não resolveu
eu fiquei a chorar
e desapareceu
sem a resposta me dar.

Porém um dia
eis que pra mim você vem
e diz baixinho
eu quero, quero, quero me casar
meu bem
Eu fiquei assustado
Nada pude dizer
Hoje somos casados
eu e você.

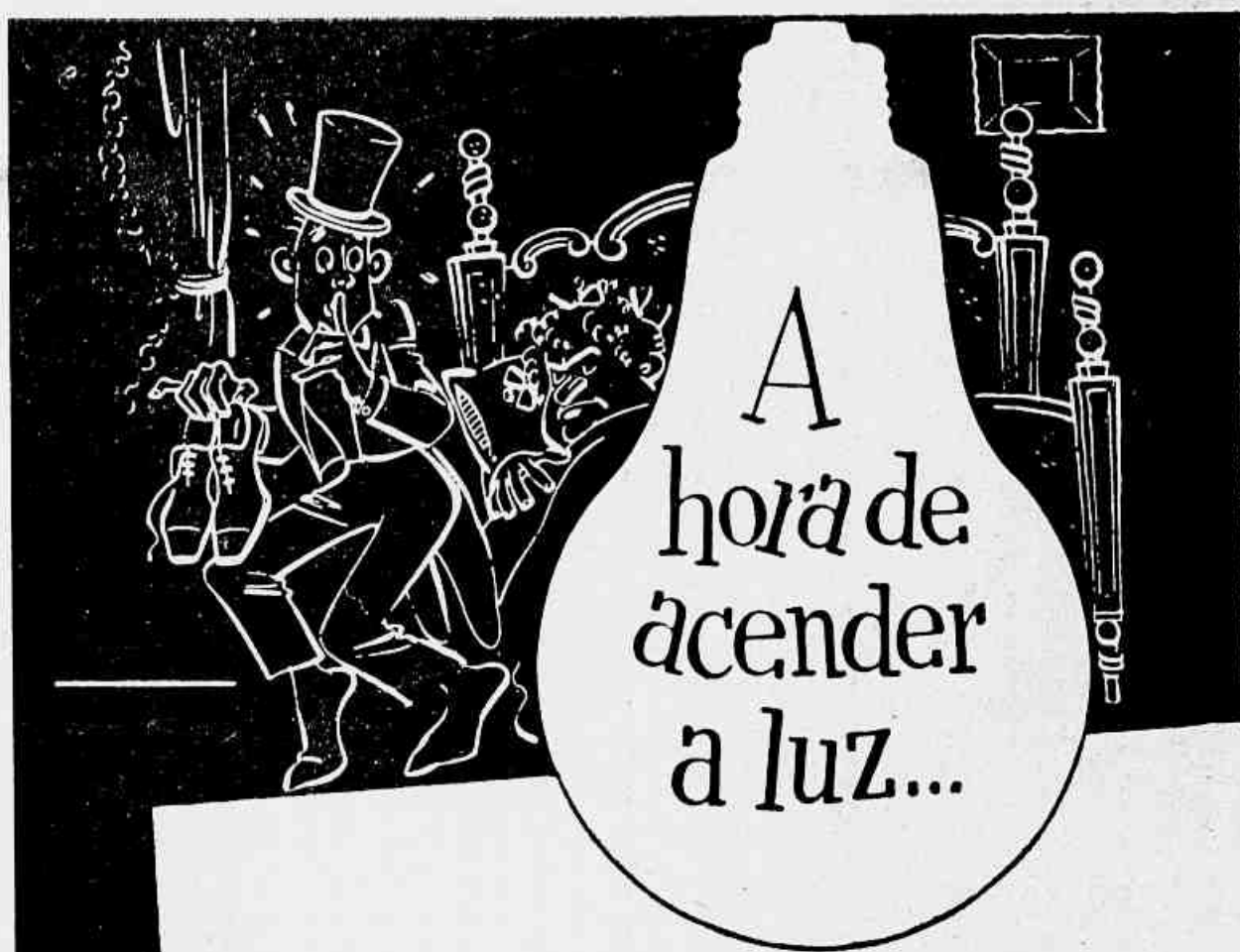
MAÑANA POR LA MAÑANA

Valsa alegre de Brameri.

El día que yo te vi
recuerdo que te besé
y lo que entonces senti
mi linda Juana no te diré
De amores te requirí
a ti te pareció mal
mas luego dijiste si
con compromiso matrimonial.

Mañana por la mañana)
te espero Juana en mi taller)
te juro Juana que tengo) bis
ganas de verte la punta del pie)

Me besaste y te bese
y lo que entonces senti
cuando dijiste serrana



...é o momento de pensar na espécie
de luz mais adequada para os seus
olhos.

A boa luz torna ameno o trabalho e
agradável a leitura.

A luz deficiente representa um perigo
constante de acidentes, além de obri-
gar os olhos a um esforço adicional
de trabalho, cujas consequências po-
derão ser das mais graves para saúde.
Ilumine convenientemente o seu lar,
escritório, fábrica ou casa comercial
usando lâmpadas de qualidade, —
mais econômicas, mais eficientes,
mais satisfatórias, e que dão muito
melhor luz. Numa palavra, as lâmpadas
Edison G-E Mazda, fabricadas
para proporcionar melhor luz... me-
lhor visão!



Ouçá os "FES-
TIVAI S G-E"
todas as quartas-
feiras às 20:30 horas na
onda da Radio Nacional

GENERAL ELECTRIC
RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE
SALVADOR - CURITIBA - P. ALEGRE



Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorréia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorréia com o método *experimentado* Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês de tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**



A VIDA DO PROFETA ISAIAS

(Cont. da pág. 39)

que não obraram perfidamente contigo. Quando acabares de despojar, serás despojado; e quando te cansares de tratar perfidamente, perfidamente serás tratado". Hoje o despojador habita nas alturas com um Deus. Amanhã será sacudido de seu trono elevado, juntamente com o resto do lixo, para ser "varrido com a vassoura da destruição".

Pois Senaqueribe é um bruto, e como bruto será tratado às mãos do Senhor. "Eu porei o meu gancho no teu nariz e o meu freio na tua boca, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste". Senaqueribe vinha decidido a destruir a Judéia. Mas, afirmava Isaías com a confiança proveniente do supremo fanatismo — ou da suprema sabedoria — "o destruidor será destruído".

IV

Cumpru-se a profecia. Senaqueribe não chegou a tomar Jerusalém. Sabe-mo-lo, não apenas pelo testemunho da Bíblia, mas também pelas provas colhidas numa crônica assíria, descoberta nas ruínas de Ninive há cerca de cem anos. A história narrada nessa crônica foi escrita na primeira pessoa, pelo próprio Senaqueribe. Este relata com expressões bombásticas a sua vitoriosa marcha através dos países da Ásia Ocidental. Enumera uma por uma as cidades que capturou, os despojos que tomou, os reis que subjugou. "Tôdas essas cidades eu as assidei, submeti ao meu poder, despojei de suas riquezas... Dei morte a seus comandantes, e empalei os corpos deles..." Depois passa a descrever o seu avanço contra Jerusalém — e aí termina abruptamente a narração.

Até hoje não se sabe ao certo o que sucedeu a Senaqueribe no cerco de Jerusalém. De acordo com o relato bíblico, "saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e quando se levantaram pela manhã cedo, eis que tudo eram corpos mortos". Essa história foi magnificamente parafraseada numa das *Melodias Hebraicas* de Byron:

Os assírios desceram como o lobo

[sobre o aprisco,

E suas coortes rutilavam de púrpura

[e ouro;

E o brilho de suas lanças era como

[o das estrelas à noite,

Quando rola a vaga azul no fundo

[mar da Galiléia.

Como as folhas da floresta quando

[verdeja o verão,

Assim eram aquelas hostes com suas

[bandeiras, à tarde;

Como as folhas da floresta quando

[o Outono soprou,

Estavam aquelas hostes, mortas e

[dispersas, pela manhã.

Pois o Anjo da Morte desdobrou as

[asas na refega,

E ao passar roçou a face do inimigo

[adormecido;

E os olhos dos guerreiros se extin-

[guiram e gelaram,

E os corações pulsaram uma vez, e

[se calaram para sempre!

.....

E as viúvas de Assur se lamentam em

[altas vozes,

E tombaram os ídolos no templo de

[Baal;

E o poder dos gentios, nunca ven-

[cido pela espada,

Se desfez como a neve sob o olhar

[do Senhor.

O historiador grego Heródoto nos apresenta uma versão diferente. Apoiado em testemunhos egípcios, atribui a derrota de Senaqueribe ao fato de ter "um bando de ratos selvagens roído as cordas dos arcos de seus soldados".

A verdade talvez esteja a meio caminho entre o relato bíblico e a versão de Heródoto. A ruína do exército assírio foi possivelmente causada por uma epidemia resultante das más condições sanitárias em que se efetuou a predatória marcha de conquista — uma epidemia provocada por inexorável lei natural, e descrita na linguagem poética de Isaías como o golpe do anjo do Senhor. E essa epidemia pode ter sido, como sugere a narração de Heródoto, a peste bubônica — praga comunicada ao exército assírio pelos ratos que infestavam os paus árabes.

Qualquer que tenha sido a causa da derrota assíria, pelo menos uma coisa se sabe: o rei Senaqueribe voltou ignominiosamente para Ninive. "E sucedeu", informa-nos Isaías, "que Adrameleque e Sazezer, seus filhos, o feriram à espada".

Assim terminou a carreira de um dos conquistadores mais impletidos do mundo antigo. "Aquêles a quem o Senhor quer perder, começa por enlouquecê-los com a fúria guerreira".

V

Agora que Deus "joeirou as nações no crivo da destruição", profetiza Isaías. Ele tomará o remanescente e o porá outra vez sob sua guarda paterna. Pois nesse remanescente, não só dos judeus mas de tôdas as nações do mundo, "está a esperança do futuro". Purificadas de suas iniquidades na fornalha do sofrimento — declara o primeiro internacionalista da história — reconstruirão a sociedade na firme rocha da retidão, sob a orientação de Deus. A humanidade "cessará de obrar mal, aprenderá a proceder bem, desejará a justiça e aliviará os oprimidos". E nesse dia, declara o Senhor, "abaterei a arrogância dos orgulhosos, e humilharei a altivez dos tiranos".

E então, deixando-se empolgar cada vez mais pelo fervor da sua visão, Isaías passa a descrever a idade de ouro que será iniciada com a vinda do Messias, o mensageiro divino da boa vontade entre os homens. "E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito, e o bezerro e o filhote do leão e a nédia ovelha viverão juntos; e um menino os gulará... porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". Nesse dia, também as nações agressoras perderão a sua agressividade pela destruição dos seus ditadores e pela distribuição de justiça igual a todos os povos da terra. "Todos os países serão para mim uma bênção; porque todos são meus filhos, criados por minhas mãos". Portanto, "eu profetizo para vós, que tendes o coração temeroso" — declara Isaías — "sede fortes, não temais; pois os meus olhos viram a glória da vinda do Senhor".

E então Isaías se guindou à altura máxima das suas profecias — de toda profecia — na primeira enunciação histórica da eterna esperança da humanidade: "E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes... e concorrerão a ele tôdas as nações, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor... e Ele nos ensinará o que diz respeito



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra póme nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



BROTOEJAS, FRIEIRAS, SUORES

USE



ANTISEPTICO
GIGATRIZANTE
DESODORIZANTE

BUSTO IDEAL
EM DOIS MESES COM AS
PILULES ORIENTALES
TONICAS E RECONSTITUINTES
Sempre bemlazejas para a saude



Exigir o frasco da
origem sobre o
qual devem figu-
rar o nome e o
endereço de
J. RATIE,
— farmaculico —
45, rue de l'Esclapart
— PARIS —
A venda em todas
as farmacias
e drogarias
Agente geral
para o Brasil:
Caja Post. 2562,
RIO DE JANEIRO
(Apro. J.N.S.P. sob o
Nº 87 em 26-6-1917)

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

MALES DO FÍGADO?
FIGACOL
TRATAMENTO
RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ
NÃO SOFRA DO FÍGADO!
TOME
FIGACOL
UMA ESPECIALIDADE COM A
GARANTIA DOS PRODUTORES
DA FAMOSA
EMAGRINA
ADQUIRA NAS FARMACIAS E
DROGARIAS OU PELO SER-
VIÇO DE REEMBOLSO
CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

Números atrasados desta
Revista no Paró

Pedir o

Albano H. Martins & C.ª

Travessa Campos Sales, 58

REI DA

aos seus caminhos, e andaremos nas
suas veredas. — E Ele pronunciará jul-
gamento entre as nações e decidirá por
muitos povos; e estes converterão as
suas espadas em relhas de arados, e as
lanças em foices: não levantará a espa-
da nação contra nação, nem aprenderão
mais a guerrear".

Essa a formosa visão que Isaías, fi-
lho de Amós, legou à sua geração. E
como o recompensou a sua geração?
Como as gerações costumam recompen-
sar os seus profetas. "Cortaram-no em
dois", contam os cronistas, "com uma
serra".

O mundo, observa o Apóstolo na *Epis-
tola aos Hebreus*, não é digno dos seus
profetas. "Mas Deus permite que pa-
deçam todos os seus sofrimentos porque
Ele pensa nas gerações que hão de vir, e
quer que tenham um lugar melhor onde
viverem".

(Do livro "Vidas de grandes capitães
da fé").

"Survivors" — John Sommers
— E' outra coleção de ótimos
contos, de um autor que come-
çou a despertar grande atenção
nos últimos anos. A maior par-
te dessas histórias foi escrita
quando John Sommers vestia o
uniforme da RAF, servindo co-
mo aviador em várias partes do
mundo. Com muita observação,
graça e fluência no diálogo, abre
o livro com uma noveleta de
quase cem páginas, "The long
journey", de reminiscências da
campanha aérea, seguindo-se
lhe nove contos na verdade ori-
ginais e brilhantes. Capa de
Molly Moss e edição de John
Lehmann, recomendada pela
Book Society.

A DEMOCRACIA AVANÇA SUAS...

(Continuação da pág. 36)

republicano que resolutamente
proclamou a incapacidade da
Casa de Savoia, será eleito pre-
sidente da República, em subs-
tituição ao presidente Enrico De
Nicola. Parece certa a continua-
ção do primeiro ministro Alcides
De Gasperi como chefe do ga-
binete italiano. Nas eleições,
seu prestígio ficou provado. E
o povo italiano lhe deu apenas
um testemunho de que o deseja
como líder. Fez mais. Deu exem-
plos tocantes, comoventes, mes-
mo, do seu civismo, não se ve-
rificando praticamente absten-
ções, porque até enfermos, em
suas macas, e paráliticos em
suas cadeiras de rodas, com-
pareceram às seções eleitorais
para votar, no mais dramático
pleito da história contemporâ-
nea. A estrada da democracia
foi a que a Itália escolheu. E
parece ser também a da paz,
porque essa decisão decerto

ajudará a manter o equilíbrio
da Europa.

A Itália recebeu muitas pro-
messas do mundo democrático,
antes dessas memoráveis elei-
ções. Há um sério compromisso
a cumprir. O que é preciso,
agora, é que os amigos dos ita-
lianos não se esqueçam de cum-
prir as suas promessas.

O «SAINT MERIEL» EM VIAGEM PARA A AMÉRICA DO SUL

A Exposição Flutuante Britânica, que
é transportada no «Saint Meriel», atual-
mente em meio à sua viagem para a
América do Sul, quando se dirigia para
Las Palmas, passou pelo encouraçado
«Vanguard», que então conduzia a famí-
lia real de regresso à Grã-Bretanha.
Nessa ocasião teve lugar a troca das
seguintes mensagens entre o «Saint Mer-
riel» e o «Vanguard»: «O comandante,
a tripulação, os oficiais, o organizador
da Companhia de Navegação R. M. S.
Morrison e o pessoal da primeira expo-
sição do comércio de exportação da Grã-
Bretanha, que viaja no navio «Saint
Meriel» para a América do Sul, envia
as Suas Majestades suas saudações leais
e os melhores votos de um regresso feliz
às águas metropolitanas». O «Saint Mer-
riel» recebeu a seguinte resposta: «A
rainha e eu e todos a bordo agradecemos
sua bondosa mensagem».

NOVO APARELHO PARA LIMPEZA DO ASSOALHO

Quando foi preparado o encouraçado
«Vanguard» para a viagem da família
real à África do Sul, foi instalado a
bordo um novo aparelho para a limpeza
do assoalho. O mesmo aparelho, empre-
gado para fins domésticos, acha-se na
Feira das Indústrias Britânicas. A má-
quina faz o trabalho de dez homens e
é de grande utilidade em oficinas, fá-
bricas e casas comerciais, onde o movi-
mento exige limpeza constante do assoa-
lho.

Um modelo de tríplice efeito combina
a função de aspirador de pó com a de
sucção, para lavagem, e de polidor de
assoalhos encerados. Além disso, o pró-
prio aparelho espalha a cera. O maneio
da nova máquina é muito simples e
qualquer pessoa se familiariza com ela
em pouco tempo.

EXPOSIÇÃO NA ESCÓCIA

Os visitantes da Grã-Bretanha neste
verão terão oportunidade de ver o que
a indústria escocesa pode oferecer ao
mundo. De 25 de agosto a 30 de setem-
bro estará aberta em Edimburgo uma ex-
posição denominada «Enterprise Scot-
land», que abrangerá todas as seções da
indústria.

Poucas semanas depois de ter sido
anunciada a realização da exposição,
mais de 500 firmas já haviam demon-
strado sua intenção de concorrer à mes-
ma. A indústria textil e os estaleiros
tiveram prioridade, mas foi dado muito
destaque às novas indústrias estabeleci-
das recentemente na Escócia, como equi-
pamentos elétricos, aparelhos de rádio,
louças, etc.

NOVO TIPO DE SECADOR DE CEREAIS

«A última palavra em matéria de seca-
dores de cereais». Assim classificou o
jornal britânico «Scotsman», referindo-se
ao novo tipo de equipamento construído

RICARDO brilhava
EM 1927...



...e continua

brilhando em

QUAL O SEU SEGREDO?

LOCÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por
experiência própria, que a **Loção Bri-
lhante** conserva a beleza e a juventude
dos cabelos, limpa o couro cabeludo,
diminui a seborréia e evita a caspa.
Si V. tem cabelos brancos, a **Loção
Brilhante** — que não é tintura — de-
volve aos seus cabelos a sua cor pri-
mitiva. Brilhe agora e continue sempre
brilhando no futuro, sem temer os
anos! Use, como Ricardo, a **Loção
Brilhante** contra os cabelos brancos
e a caspa, para a eterna
mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas,
necessitam de muito cuida-
do e alimentação. A planta
morre por falta de ar. O
mesmo acontece com os ca-
belos. A seborréia e o excesso
de células mortas (caspa),
causam a obstrução dos po-
ros, asfixiam as raízes do
cabelo e o debilitam. Por
isso caem os cabelos. Não
deixe que isto lhe aconteça!
Use a **Loção Brilhante**, cuja
ação higienizadora elimina
a obstrução dos poros, pe-
netra nos bulbos capilares
e dá nova vida ao cabelo.



PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

uma firma britânica, acrescentando:
«O novo secador foi completado há um
mês ou dois atrás e já funcionou bas-
tante para demonstrar que o seu idea-
lizador tinha plena razão na confiança
que depositava. Deve-se acrescentar que
a máquina despertou grande interesse
entre os produtores de cereal, inclusive
na Birmânia».

Para dar uma idéia da eficiência do
novo aparelho, conta o «Scotsman» que
quatro secadores do tipo antigo, têm
trabalhado ao mesmo tempo que o novo
e mal conseguem acompanhar seu ritmo
de trabalho. Recentemente, foi proce-
dida a secagem de 1.250 toneladas de
cerais em cerca de três semanas, com
a retirada de 102 toneladas de água,
péso que, doutro modo, teria de acar-
retar mais despesas de transporte.

MEMÓRIA CANSADA?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as câimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

tôda a noção da miséria que existe sobre a terra e todo o sofrimento dos seus irmãos infelizes... Certas disso, assumem um ar de indiferença pelas "coisas pequenas", olham com desdém para aqueles que procuram viver alegremente a sua vida e que ainda procuram a felicidade; desprezam ou fingem desprezar os prazeres simples e, fazem de si próprios os portadores de uma grande advertência... No meio de uma reunião, ou em qualquer parte onde alguém se divirta, parecem dizer: enquanto você ri, milhares de pessoas morrem de frio e de fome na China... Com isso, contaminam os outros que acabam se envergonhando da própria alegria e, até, se considerando verdadeiros criminosos, quando apenas estão se prevalecendo dos seus direitos humanos. Sim, porque si milhares de pessoas morrem de frio e de fome na China, nós, que nada ou pouquíssimo podemos fazer, afim de evitar essa catástrofe, não podemos cruzar os braços e chorar durante a nossa vida toda... Sentimos como eles o sentem, todo o horror da tragédia e, muitas vezes, nos revoltamos contra a nossa própria impotência, mas não podemos deixar de viver por isso... Si não está ao nosso alcance salvar o mundo, podemos, pelo menos, salvar o nosso e o daqueles a quem amamos e que nós amam. Si você não pode espargir a felicidade sobre a terra, poderá, pelo menos, espargi-la no seu próprio lar e, dentro das suas possibilidades, levá-la também a outros lares menos felizes.

E' justo, é humano, o seu desejo de que os seus filhos, seus irmãos, seus pais, tôda a sua família, enfim, seja feliz; que saiba rir e apreciar as coisas belas, que saiba se encantar com a beleza de uma côr e com o canto de um pássaro, que saiba ser alegre, apesar de tôda a tragédia que existe no mundo. E, ninguém poderá condená-la por isso. Ninguém poderá chamá-la de egoísta! Você estará apenas cumprindo o seu dever: o de levar a felicidade aos seus, já que é impossível levá-la ao mundo inteiro.

E' injustificável, portanto o seu pessimismo.

KITTY

CARTAS À REDAÇÃO

(Continuação da pág. 5)

seu exemplo, símbolo eloquente de quanto é possível ao brasileiro, compenetrado e ciente de seus deveres, levar bem longe a sua missão.

Lembrai pela vossa REVISTA que os americanos ergueram em praça pública, uma estátua ao cavalo "man O' war" grande ganhador dos prados, que existe uma estátua do pequeno jornalista no Rio, e que, vacas célebres já foram eternizadas no granito pela sua produção leiteira.

A semente da idéia não será jogada em terreno sáfaro. O brasileiro, tão particularmente, o carioca é um bom, e no seu coração sempre encontra eco o bimbalar do sino da justiça.

Parabéns pela reportagem, e felicidades para a idéia dêsse movimento. Ele vencendo, o carioca poderá olhar de frente e para cima, os seus irmãos "soldados do fogo", e soldados da cidade.

Saudações do patricio admirador. — C. Charpentier. — P. S.: Queiram encontrar anexos Cr\$ 10,00 para o primeiro tijolo."

OS ESTADOS UNIDOS FABRICARÃO O MOTOR «NENE»

Uma firma americana adquiriu o direito de fabricar nos Estados Unidos o motor britânico «Nene», que, segundo se diz, é o mais potente motor a jacto para aviação existente.

O «Nene», fabricado pela Rolls Royce, produz o equivalente a 15.000 H.P. a 600 milhas por hora e pesa apenas 1.550 libras. Presentemente, está sendo empregado, no Reino Unido, para equipar o De Havilland «Vampire» Tipo 2, depois de experiências que, com aquele motor, o aparelho melhorou consideravelmente sua capacidade de levantar vôo, de altitude e de ascensão.

O Departamento de Aviação da Marinha dos Estados Unidos já anunciou que o novo caça «Borne», para porta-aviões, será aequipado com o «Nene». Diversos aviões com motores «Nene» foram enviados há algum tempo atrás aos Estados Unidos, onde foram realizadas experiências, coroadas de pleno êxito.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface «Brilhante». Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Nos Bastidores Femininos

(Continuação da página 43)

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



TRANSPIROL

A MULHER DE MIKE

Um folhetim-sintético-ilustrado de **REVISTA DA SEMANA** — Direitos adquiridos ao King Features Syndicate.

História de **BENEDICT e NANCY FREEDMAN**
Desenhos de **JOHN CROSMAN**



Cardinal estava na mata, armado.



Chegaram os dois de volta, a Grouard.



— Um facão na garganta, — disse Cameron.

Quando Mike se aproximou da cabana de Cardinal, no longínquo norte, o ladrão de armadilhas fugiu pela janela dos fundos. Mike se estabeleceu na cabana e durante a noite ouviu os passos de Cardinal, que a rondava. Na noite seguinte Cardinal gritou que o mataria e incendiaria a cabana. A resposta de Mike foi esta: — E os botões? — Cardinal berrou: — O que é que têm os botões? — E Mike explicou que se sobrasse algum botão, ou outro qualquer vestígio, ele seria enforcado, já que todos conheciam a missão dele, Mike. Cardinal não respondeu e Mike viu que ele estava pensando. Tratou de acender o fogo, fez chá e foi para a varanda. — Venha até cá, Cardinal — gritou. — Vamos tomar um chá e conversar sobre o caso. — Cardinal estava oculto na mata, armado.

Mas assim mesmo se apresentou, explicando: — Você tem razão, sargento, no negócio dos botões.

Assim, uma bela tarde chegaram os dois a Grouard, seis semanas após a partida de Mike, que assim cumpriu a promessa de voltar antes do nascimento de nosso segundo filho... Pós Mary Aroon no colo e me contou toda a história. Aquela primeira noite foi muito boa para nós todos. Fiz um ótimo jantar para Mike. E, como achei que depois de uma tal jornada o nosso prisioneiro merecia também uma refeição de verdade, mandei-lhe um bom prato de comida. Quem foi levá-la foi o cabo Cameron, que pouco depois regressou, gritando: — Está morto! — O grito trouxe «Seja Alegre» da cozinha. Ficamos todos encarando

o cabo, até que Mike perguntou: — Quem é que está morto? — E Cameron explicou: — Cardinal. Foi assassinado! Está com um facão de caça enterrado na garganta. — Mike vestiu a túnica. — Só vendo como ele está, — continuou Cameron, — com a boca arreganhada... parece até que está rindo. — Mike o interrompeu: — Facão de caça? Conhecido? Sabe de quem é? — E Cameron: — Ora, é Jonathan Forquet inteiro, claro como se estivesse escrito... Uma cena de caçada entalhada no cabo... trabalho de Jonathan, nem se discute. — Ouvindo o nome do seu querido, «Seja Alegre» soluçou. Nós todos nos lembrávamos da ameaça de Jonathan. — Vamos — disse Mike...



— Diga-lhes que nada fizeste!



— Vestirá a túnica vermelha, também.



Mike tentou avançar. — Não! — eu o detive.

Pouco depois Mike e o cabo Cameron estavam de volta com Jonathan. Mas o orgulhoso e obstinado rapaz nada quis dizer sobre a morte de Cardinal. Apenas olhou para a faca e confessou: — É minha. — Mike sacudiu a cabeça. — Seja como for, não acredito que tenha sido você. Se me der a sua palavra de que não fez isso, soltá-lo-ei imediatamente e sairei à procura de outra pessoa. Caso contrário, tenho de encarcerá-lo. — Jonathan falou friamente: — Quando a doença louca do lobo me atacar, fazendo-me correr em círculos e morder minha própria carne... então contarei tudo ao sargento Mike. — Mike olhou sério para ele: — Bonitas palavras, Jonathan... você terá o verão inteiro para se lembrar do que houve. Está preso por assassinio. — Instantaneamente «Seja Alegre» soltou en-

tre os dois. — Não! — E para Jonathan: — Diga-lhes que nada fizeste. — Jonathan olhou-a, dizendo apenas: — Pensa... meu facão e meu inimigo. Nada fiz? — E «Seja Alegre» baixou a cabeça, com as lágrimas pingando no chão... Naquele verão não houve risos por parte de «Seja Alegre». Mas estava perto de mim, junto com Sarah, quando Ralph nasceu. Um dia, Mike, a meu lado, esticou o dedo para a coisinha em meus braços. O pequeno agarrou o dedo. Mike riu. — Vai usar uma túnica vermelha, este bichinho. — E de repente houve uma confusão lá fora. Mike saiu e logo voltou: — A sra. Marlin quer ver o pequerrucho, coitada. — Embora ela não regulasse bem, eu não acreditava que fosse perigosa, de modo que a mandei

entrar. Mas, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela me arrebatou Ralph dos braços. Sarah bloqueou a porta. Mike soltou um «Que diabo!» e avançou para ela, mas eu não o deixei. Ele parou e ela resmungou: — É meu! Se Cardinal tivesse casado comigo eu já poderia ter umzinho, também. Ele riu de mim. Mas eu tenho minha faca. E cravo é na garganta! — «Seja Alegre» olhava para Mike com olhos reluzentes. — Onde arranjou a faca? — Mike perguntou. — Jonathan me deu — disse ela. — Disse que eu podia ficar com ela. — E a mulher começou a chorar. — Está bem, — disse Mike, — a senhora pode ficar com ela, sim, se me der o menino. — Para mim? — perguntou ela. — Para si. — E Mike recebeu o bebê...



O lobo ficava fora do alcance de um tiro.



Mike gritava e o vento nos fustigava o rosto...



As caudas dos filhotes eram refas!

Logo depois Jonathan foi libertado. Sabíamos que nada dissera sobre a faca com receio de prejudicar a infeliz mulher. Ele não sabia que ela seria levada para um hospital, onde teria melhores cuidados... Tempos depois os índios fizeram a grande festa em celebração das primeiras colheitas. Foi então que «Seja Alegre» dançou com Jonathan, partindo depois com ele. Na orla da floresta ele apenhou alguns ramos nos pés de «Seja Alegre». Sabíamos que faria uma cabana para ela, e que ela o seguiria através da mata. Seja feliz. «Seja Alegre» pensava todos... Os dezolto meses seguintes passaram suaves e tranquilos. As crianças pareciam arrebentar de saúde e eu

me divertia secretamente com os vãos esforços de Mike para capturar um enorme lobo prateado que praticamente nos adotara. Quase toda a noite ele ficava admirando a lua, fora do alcance de um tiro, uivando lugubrememente. Nossa feroz cadela, Juno, respondia na mesma moeda. Eu não me admirava que ela ficasse assustada, pois esperava cria. Mike empregava venenos e armava tremendas armadilhas, mas o lobo apenas sorria para tudo. Um dia Mike levou-nos todos a passear. Nosso veículo era um velho vagonete a que ele adaptara deslizadores. Divertimo-nos bastante e quando regressamos a casa encontramos pegadas do lobo muito próximas. — Desta vez eu

o pego — gritou Mike. — Vou enterrar uma faca num coelho e ele há de se ferir. Animais feridos não duram muito nestas bandas. É um velho truque dos índios. Quando Mike voltou, Juno já dera à luz. Mike ficou olhando os filhotes, divertido. E disse que precisava sair de novo. — Mas, para que? — perguntei. — Não posso matar o pai dos filhotes de Juno. — E explicou que a cauda dos lobos era reta. Tornei a olhar e vi que os bichinhos tinham todos a cauda reta! Naquele momento exato ouviu-se um triste uivo, e Juno ergueu as orelhas. Novo uivo e ela respondeu — É melhor você ir de uma vez. — disse eu. — antes que ele se machuque...

A MULHER DE MIKE

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



— Meu filhinho está doente... sufocado!



— Vou dormir no escritório, — disse ele.



Deixei na porta as panelas de comida.

Na noite em que a coisa começou, as crianças estavam dormindo. Mike jogava o seu solitário predileto. Houve um ruído estranho na porta. Alguém a empurrava, arranhando-a com as próprias mãos. Mike abriu. Era uma índia. — Sargento Mike, meu filhinho está doente. Está sufocado. — Apanhei logo a túnica e o chapéu de Mike. — Voltarei logo que seja possível — disse ele. — Não me espere. — Eu odiava aquelas noites em que ele era levado pela dor ou pela morte. As sombras do fogo pareciam mais longas, mais negras. Mudei a roupa e fui ver as crianças. Dormiam profundamente. Graças a Deus os meus estavam sãos... Esperei na cadeira. Mike de-

morou muito, até que bateu de leve na janela. — Não abra, Kathy — avisou. — Não vou entrar. O garotinho acaba de morrer de difteria. Vou dormir no escritório. — Mas Mike... — eu não podia entender. — Se for um caso isolado, levará apenas uns cinco ou seis dias. Você deve deixar minha comida na porta. Pincele a sua garganta e a das crianças com iodo. E' só o que podemos fazer. Se precisar de mim, pendure um lençol na corda. — Será que...? — Talvez não. De manhã saberemos. — E de manhã despertei com gritarias e choradeiras na aldeia. Mary Aroon ficou assustada e começou a chorar. — E' o vento — tentei enganar-la. — Por que estão cho-

rando? — Coma o mingau. — Pouco depois Mike apareceu na janela. — Kathy, preciso que você me ajude. Está alastrando. Precisamos alimentá-los. Use as maiores panelas. Cozinhe o máximo de carne e arroz. — Fiz o que ele mandou e deixei as panelas na porta. Assim que a febre veio buscá-las. Disse-me que a Missão também estava distribuindo comida. — E Sarah e Constance? — perguntei. Soube então que elas estavam bem, tratando dos doentes. Ninguém podia entrar na Missão; a comida era distribuída no portão. — Pincelei a garganta das crianças? — perguntou-me. Respondi que sim e ele mandou que eu tornasse a fazê-lo...



Ergueu a criança. — Remédio!



Pendurei o lençol... o sinal de perigo!

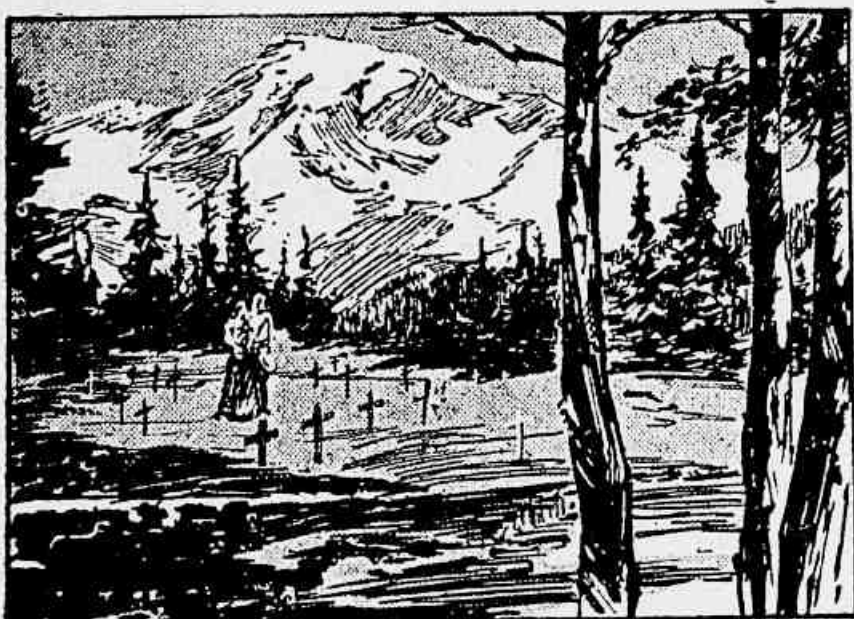


Kathy... Eu a amo, Kathy!

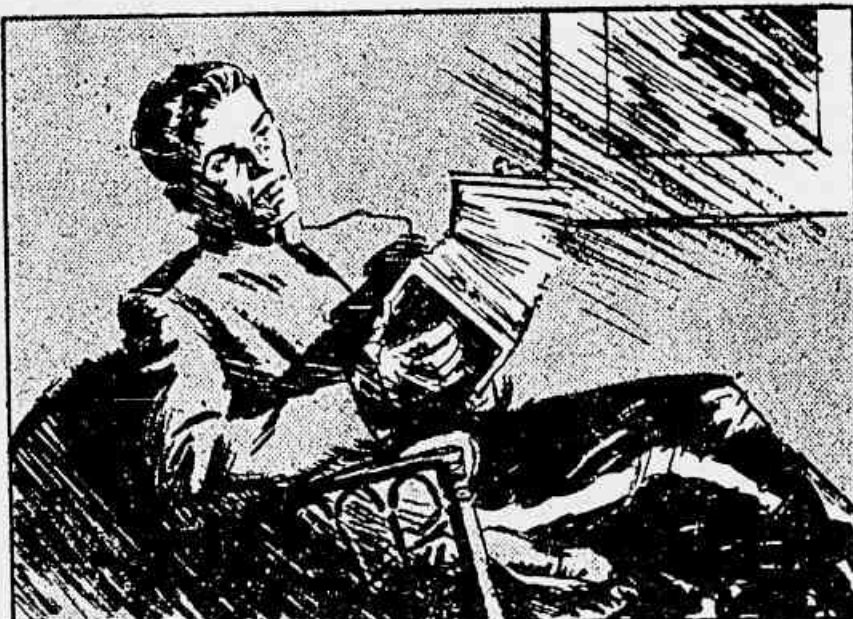
O dia se arrastou. Mary Aroon e Ralph dormiram cedo. Tinham brincado muito e estavam cansados. A choradeira da aldeia continuava no ar... Foi quando uma mulher chegou à minha janela. Mostrou-me o que tinha nos braços, com um olhar suplicante. Vi como estava pálida. Seus olhos ardiam em febre. Encostou a criança na vidraça. A criança estava morta. — Remédio — gemeu. — Por favor, volte para casa — gritei-lhe. — Não posso deixá-la entrar. — Ela nem se moveu. — Remédio — repetiu. — Procure o sargento — gritei de novo. — Ele lhe dará remédio. — Seu olhar endureceu e ela balançou a cabeça. Já estivera com Mike. Pobre Mike, talvez a criança já estivesse até morta... A mulher se afastou e tombou na neve, tossindo, arquejando em busca de ar. Morreu logo, e eu sem ao

menos poder ajudá-la... Ralph despertou chorando, com as glândulas do pescoço inchadas, com a garganta vermelha. Levei Mary Aroon para o meu quarto e pendurei um lençol na corda. Quando Mike chegou já havia grandes manchas acinzentadas no pescoço de Ralph. Mike enrolou toalhas quentes no pescoço dele e me mandou ferver água no fogão, para que o ar dentro de casa ficasse úmido. — Procure dar-lhe o máximo possível de comida, Kathy — disse Mike. — Não, eu quero é dar-lhe remédio — e tremi ao pronunciar aquilo. A mulher também quisera remédio. Fiquei sabendo então que o medicamento indicado só servia quando fresco, e como a distância era enorme... Naquela mesma noite Mary Aroon começou a apertar a garganta, gemendo. Fizemos tudo. Eles lutavam

por um pouco de ar. Por que não podia eu dar-lhes a minha respiração? Por que? Ralph estremeceu com mais violência; ficou imóvel. Mike me abraçou, mas não resisti... Sete horas depois perdemos Mary Aroon. Eu lhe disse que iríamos passear de novo, que poderia trazer os cachorrinhos para dentro de casa, prometi-lhe tudo... mas de repente ela parou de gemer... — Kathy, — disse-me Mike, — aqui você nada mais tem a fazer, meu bem. Vá para a casa de Constance. As meninas dela estão doentes. — Eu não podia acreditar que tivesse acontecido. Meus filhos. Estaria Mary Aroon num mundo irreal, procurando a mãe? — Não — gritei. — Não pode ser dessa maneira. — Os braços de Mike me enlaxaram. — Kathy... Kathy... — implorou. — Eu a amo, Kathy...



Passámos entre as cruzes brancas.



Mike continuou a tocar...



Trouxeram Handy à nossa casa...

Antes que a epidemia começasse a ceder, já matara metade da população da aldeia. Tratei dos enfermos enquanto pude. Depois, Sarah levou-me para casa, quase me carregando pelo caminho... As caminhas tinham sumido. Nunca perguntei a Mike o que fez com elas. Os desenhos de Mary Aroon tinham sumido também. Esperei que Mike saísse e dei uma busca na casa. Creio que fiquei contente por não encontrá-los... No dia seguinte Mike levou-me ao topo do morro. Passamos entre as fileiras de cruzes brancas. Seria a dor de ontem semelhante à de hoje? Cada cruzinha daquela significaria uma dor inútil? Lembrei-me de uma coisa que Constance um dia me dissera: «As mulheres aqui falam em sua primeira família, na segunda e na terceira». Por que eu não tivera a idéia de levar meus filhos para longe daquela terra que

os matara? E algo acontecera entre mim e Mike. Eu queria ser a mesma para ele mas não o conseguia. Percebi que o culpado do ocorrido. Ele sabia que aquilo era possível... Dias depois, quando cheguei em casa, ao entardecer, ouvi música. Havia tanta ansiedade, tanta fúria naquela música que fiquei parada lá fora, chorando. Depois entrei. Mike achara uma velha sanfona. Quando me viu, parou. Não sei. Talvez se ele tivesse falado comigo naquela ocasião... Mas continuou tocando... Durante dois meses fiquei ao lado dele, todas as noites. Quando ele saía, eu sentia falta; desejava-o ardentemente. Mas quando o encarava, não conseguia falar... Veio a primavera, com um presente de aniversário, de mamãe. Eu fazia vinte anos. A maioria das moças de vinte anos ou estavam noivas ou casadas. Ri. Tudo para mim estava

morto e enterrado. A idéia nasceu quando trouxeram Randy para a nossa casa. Fora «abraçado» por um urso. Tratei-o e ele me falou sobre uma irmã que tinha em Boston. Sem nada dizer a Mike, telegrafei à moça e ela respondeu que ele embarcasse logo que pudesse. Então contei tudo a Mike. — Ele não poderá viajar sozinho — disse ele, depois de me olhar muito tempo. — Eu sei. — Falei muito depressa. — Creio que gostaria de levá-lo. — Há quatro anos que não saio daqui. Posso acompanhá-lo. Assim posso ver mamãe... — Mike se pôs de pé. — Se pretende fazer isso, Kathy, faça-o de uma vez. — eu me desculpei: — Não é por minha causa, Mike... — Eu sei. Quando quer partir? — Logo que seja possível! — Mike suspirou e acendeu o cachimbo...



NEM SEMPRE OS TAPETES MAIS CAROS SÃO OS QUE MELHOR SERVEM ÀS IMPRESCINDÍVEIS EXIGÊNCIAS DECORATIVAS. ESCOLHA O SEU TAPETE (OU PASSADEIRA DE FORRAÇÃO), COM A AJUDA DE UM BOM DECORADOR, NUM SORTIMENTO QUE, PELA VARIEDADE DE CÔRES, DE TAMANHOS E DE QUALIDADES, POSSA SATISFAZER PLENAMENTE OS SEUS DESEJOS DE UM AMBIENTE CONFORTÁVEL E ELEGANTE, EM QUE A VIDA SEJA MAIS AGRAVÁVEL.

TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

Tapetes e passadeiras de forração

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS, (LEGÍTIMOS) ETC.

A preços que convêm



fundada em 1912
65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações

Clube



CIA DE CIGARROS *Souza Cruz*